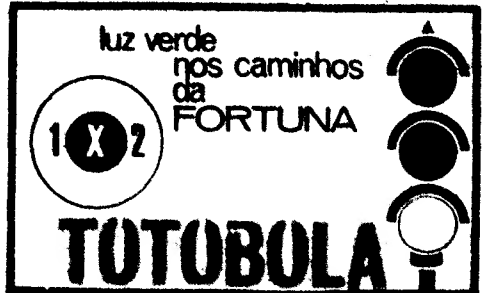


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1960 N.º 16 652 ANO 48.º UM ESCUDO



A eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas

As nossas leitoras têm seis dias para se candidatar

Ana Maria da Gama Rose tem 18 anos: nasceu a 24 de Novembro de 1950. É uma jovem moderna e decidiu candidatar-se ao título de «Princesa das Teen-Agers Portuguesas». Para já, uma aragem de sorte: o acaso escolheu-a de entre quase uma centena de outras concorrentes para iniciar, nas colunas do «Diário de Lisboa», o desfile das mais cotadas pretendentes a uma viagem aos Estados Unidos da América do Norte — tal é o prémio que, no mínimo, pertencerá à jovem que for distinguida para representar Portugal na deslumbrante passarela de Chicago, na noite da eleição da «International Teen-Princess».

Até ao próximo dia 5 de Maio, na secretaria do nosso jornal (Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) continuamos a receber os cupões de inscrição remetidos pelas jovens candidatas ao título de «Princesa das Teen-Agers Portuguesas». Poucos quesitos se exigem: apenas que as pretendentes sejam solteiras, de nacionalidade portuguesa, nascidas entre 15 de Junho de 1950 e 15 de Maio de 1955, e tenham fotogenia e graciosidade acima da média comum.

(Continua na pág. seguinte)



Ana Maria da Gama Rose

Haverá guerra se Jerusalém não for restituída — afirmou Hussein

AMMAN, 29. — (A. N. I. e F. P.) — «O que me atribuíram como sendo um plano de paz, não passava na realidade de uma cópia fiel da resolução do Conselho de Segurança. Pretendi assim fazer compreender à opinião pública norte-americana de que forma profunda nós acatávamos aquela resolução», declarou ontem, à noite, o rei Hussein, num discurso radiodifundido em Amman. O rei confirmou que a identidade de pontos de vista é total entre ele e o presidente Nasser, «que o encarregou de falar em seu nome nas conversações com o Governo americano».

«Nunca aceitaremos que Jerusalém fique nas mãos dos israelitas, pois é parte integrante da nossa pátria», declarou ainda «Se Jerusalém não nos for devolvida, haverá guerra». Hussein disse ainda que tinha avisado os dirigentes americanos de que um novo conflito armado é inevitável, se a resolução de 22 de Novembro de 1967 não for cumprida.

Hussein manifestou o seu pesar pela demissão do general de Gaulle, afirmando que o seu desaparecimento da cena política vai «provocar um grande vácuo».

A acrescentou que tinha esperanças que o novo governo francês continue a política pró-árabe, iniciada por de Gaulle.

ACOLHIDA COM AGRADO EM ISRAEL A DERROTA DE DE GAULLE

JERUSALEM, 29. — (R.) — Funcionários israelitas mantinham a noite passada um silêncio cauteloso acerca da demissão do presidente de Gaulle, mas a maioria dos habitantes do país acolheu abertamente com agrado a sua derrota no referendo de anteontem. Durante muitos meses, os israelitas consideraram pessoalmente o general como o arquitecto de uma política pouco favorável ao seu país.

● ATAQUE AÉREO A JORDÂNIA (Pág. 14)

A FRANÇA Elege Novo Presidente Provavelmente em 1 de Junho

Pompidou candidato

PARIS, 29 — (R.) — O antigo primeiro-ministro Georges Pompidou, considerado dum modo geral como o sucessor de de Gaulle, anunciou hoje oficialmente a sua candidatura à presidência francesa.

Pompidou, que tem 57 anos, foi o primeiro a entrar oficialmente na corrida, e já antes era considerado favorito.

Hoje, o ex-primeiro-ministro publicou um breve comunicado, declarando: «Após a decisão tomada pelo general de Gaulle em renunciar ao seu mandato, e na actual incerteza que reina em França, resolvi apresentar-me à votação do povo francês.

«Tomando esta atitude, sinto que estou a cumprir o meu dever, o desejo de manter uma continuidade e estabilidade necessárias, e a esperança de preparar o futuro».

Pompidou fez estas breves declarações antes de assistir esta manhã à reunião do executivo do U. D. R. (Partido gaullista).

A ocasião escolheu para publicar a sua candidatura antes da reunião, foi considerada pelos observadores políticos como uma

pretensão para colocar a candidatura acima das posições partidárias.

Pompidou, que conseguiu manter muitos apoios entre os gaullistas depois de ter sido substituído, no Verão passado, tem dado a entender nos últimos meses que se considera o sucessor lógico do general de Gaulle.

O facto de se encontrar disposto a assumir a presidência, contribuiu, sem dúvida, para a derrota do general, eliminando a tradicional escolha que de Gaulle oferecia ao público: ou ele ou o caos.

(Continua na 14.ª página)

HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA



Terence O'Neill, que se demitiu do cargo de primeiro-ministro da Irlanda do Norte, provocando inquietação na capital britânica. O provável sucessor é Brian Faulkner

A DEMISSÃO DE O'NEILL PROVOCA INQUIETAÇÃO NA CAPITAL BRITÂNICA

BELFAST, 29 — (F. P.) — Em Londres, a demissão de O'Neill provocou inquietação e surpresa. Receia-se que o afastamento do chefe moderado torne inevitável uma intervenção directa nos assuntos do Ulster autónomo.

Tal gesto uniria contra os ingleses os extremistas de todos os pontos que, apesar dos ódios religiosos e das disparidades sociais, se sentem antes de tudo irlandeses do Norte.

O capitão O'Neill retirou-se desejando que outro «leader» do Partido Unionista consiga reconciliar as duas comunidades aplicando as reformas que ele, atacado por todos os lados no seu Partido, não podia realizar. Mas o seu sucessor terá de fazer face à violência, latente ou aberta, para fazer prevalecer as reformas indispensáveis: antes de mais, a do

(Continua na 14.ª página)



Georges Pompidou e a mulher, fotografados à chegada a Orville, onde votaram no domingo passado. Pompidou anunciou hoje, oficialmente, às 9 e 30, antes do início da reunião do gabinete político da U. D. R., a sua candidatura à presidência da República

O concurso para eleição da princesa das «Teen-Agers»

(Continuação da pág. anterior)

Uma das grandes colaboradoras do «Diário de Lisboa» nesta iniciativa é, também, uma das mais re-

cendo a cada finalista um corte de «Dracon Imprimé», quinhentos escudos para o feito e, ainda, um vestido já confeccionado. Estes vestidos da «Bayer» serão usa-

aproveitar o corte para vestido oferecido pela «Bayer» será contemplada com o «Prémio Elegância», igualmente por iniciativa daquela prestigiosa organização.

Recordemos que, em ano com os cupões de candidatura, as jovens pretendentes ao título de «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» devem enviar-nos uma foto de busto e outra de corpo inteiro, para que ao júri seja facultada a lórtica selecção prévia.

A vencedora de um cortejo em que a beleza e a juventude são factores preponderantes para apreciação viajará até aos Estados Unidos da América do Norte num magnífico avião da TAP: mais um aliciante retular de «maravilhosos» e passeio da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» — uma jovem como você, leitora, que despretensiosamente vai hoje preencher o cupão que inserimos nesta página.

A rapariga portuguesa que for distinguida com o título de «Princesa das Teen-Agers» obrem-se perspectivas aliciantes:

- Viagem de ida e volta a Chicago.
- Estadia na famosa cidade durante todo o período do concurso internacional.
- Um guarda-roupa a entregar à chegada aos Estados Unidos, constituído por três «toilettes» completas: de passeio, desporto e noite.
- Se conquistar o título internacional dará uma volta ao Mundo, com hospedagem em luxuosos hotéis, sem o menor dispêndio financeiro.

putadas firmas industriais: a «Bayer», que distinguirá as «teen-agers» portuguesas concorrentes ao certame do «Diário de Lisboa», ofere-

dos, no almoço com o júri e durante a cerimónia de eleição nacional, pelas finalistas. E, mais: a jovem que, de entre elas, melhor

cupão de inscrição

PRINCESA
das
«TEEN-AGERS»
PORTUGUESAS
1960

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____
DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____
PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível junto uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores) e envie para: DIÁRIO DE LISBOA - «Teen-agers» - RUA LUZ SORIANO 44 - LISBOA 2

UM «BRAIN TRUST» PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

Portugal possui agora o seu primeiro «brain trust». Foi recentemente fundada entre nós uma organização que se propõe promover a expansão racional, planificada e objectiva das indústrias e comércio e fomentar os investimentos estrangeiros na Metrópole e Ultramar.

O primeiro «brain trust» de Portugal, a Impetus Consultores Internacionais, agora fundado com base nalguns dos melhores especialistas dos ramos em que se propõe actuar, apresenta características inéditas entre nós na conjugação de conhecimentos e potencial realizador, canalizados para os fins específicos para que foi chamado a dar a sua contribuição.

Qualquer empresa industrial ou comercial passará desta forma a dispor de um serviço que lhe pode prestar inestimável contribuição: chamado a pronunciar-se sobre qualquer problema, a Impetus analisa-o, estudá-lo e compara-o sobre todos os aspectos e em todas as implicações, apresentando como resultado a melhor solução, tomados em conta todos os factores relevantes.

Já instalado em Lisboa, na Avenida Fontes Pereira de Melo, 3 a 9, o «brain trust» conta com filiais em Angola e Moçambique, especializadas nas questões destas Províncias.

DE ONTEM PARA HOJE

OITENTA ANOS

O prof. dr. Oliveira Salazar, que ontem completou oitenta anos, voltou ao contacto com o público. E fê-lo através da Rádio e da Televisão, pronunciando as seguintes palavras:

«O numero de pessoas que se interessaram pela minha saúde e vida quando gravemente comprometidas comoveu-me profundamente. É a primeira vez que me apresento em publico e não podia deixar de ter no meu espirito todas essas manifestações de amizade, carinho e interesse, para lhes render o tributo da minha gratidão. Deus foi infinitamente bom para com as nossas suplicas e demonstrações de aflição. Pedimos-Lhe que continue a protegê-los e a ajudá-los».

NA ESTAÇÃO DE PINHAL NOVO

No Pinhal Novo, entrara na estação o comboio de mercadorias vindo de Vendas Novas. Entrara na linha 4 e teve de efectuar uma paragem brusca. Descarrilharam dois vagões da frente, em cima da agulha. O desastre, que não trouxe quaisquer feridos, originou o impedimento de circulação na linha durante algumas horas. Teve de ir um comboio de socorro do Barreiro para fazer o carreamento dos vagões.

REUNIÃO COM OS JORNALISTAS

O prof. dr. Marcello Caetano recebeu ontem na mesa dos oficiais da Força Aérea, em Monsanto, jornalistas que o acompanharam na sua recente viagem ao Ultramar. Estava o Presidente do Conselho acompanhado do secretário de Estado para Informação e Turismo, do general Venâncio Deslandes, e de outros elementos oficiais que na viagem o acompanharam. Com o Presidente do Conselho também sua filha,

MACHADA

Perto de Vadio, concelho de Trancoso, António Inácio, conhecido pelo «Mecão», de 70 anos, viúvo, pegou numa machada e com ela ia cortar a cabeça ao seu genro José Tiago, de 35 anos. Vibrou-lhe dois golpes no pescoço. Acorreu a filha do «Mecão» e com uma faca atingiu o pai por diversas vezes. Ao hospital de Trancoso recolheram depois o sogro e genro, ambos em estado grave.

A CRIANÇA E A FURGONETA

Perto de Ovar, em Esmeriz, estava o pequeno António Manuel Alves de Oliveira, de 6 anos, a encarrapitar-se nos veículos que passavam. Em dada altura agarrou-se a uma furgoneta. As forças não aguentaram muito tempo e o pequeno caiu na calçada. Fracturou o crânio e morreu depois no hospital.

FALECIMENTOS

Capitão António Moreira da Costa

Faleceu o sr. capitão António Moreira da Costa, de 48 anos, natural de Grandola e professor da Escola Central de Sargentos, em Agueda.

Oficial do Serviço de Material (Serviços Técnicos de Manutenção), o capitão Moreira da Costa fez o curso de Oficiais Militares de Infantaria, em 1945. Promovido a alferes no ano seguinte, passou à disponibilidade em 1948. Em 1950 foi promovido a tenente e, no ano seguinte, voltou ao serviço activo por se ter oferecido para seguir para Macau, onde se manteve até Outubro de 1957, tendo no ano anterior passado ao Quadro Permanente. De 1959 a 1961, ano em que foi promovido a capitão, esteve no Estado da Índia, também como voluntário. Prestou serviço em várias unidades, nomeadamente no G.C.T.A. R.A.P. 1 E.P.S.M. Desde 1963 que desempenhava as funções de professor efectivo na Escola Central de Sargentos. Rece-

beu diversos louvores por serviços prestados na Metrópole e no Ultramar.

Era casado com a sr. D. Maria de Lourdes Leitão Moreira da Costa, pai da menina Maria Laura Leitão Moreira da Costa; irmão da sr. D. Maria da Graça Moreira da Costa Ibeche, casada com o sr. dr. Muzafar Cakil Ibeche; sobrinho da sr. D. Mi-quelina Moreira Paiva, cunhada das sr. D. Maria Manuela Leitão de Araújo, D. Maria José Leitão David e do sr. António Filipe da Silva Leitão, das sr. D. Isis Alché Ibeche, D. Fátima Sara Ibeche e D. Maria Oitoad Ibeche de Sousa Pereira, e tio das meninas Maria Dulce Leitão de Araújo e Maria Teresa Moreira Leitão.

FUNERAIS

Dr. Rafael Duque

Da igreja do Coração de Jesus, onde, de manhã, fora celebrada missa de corpo presente, saiu, esta tarde, para o cemitério da Charnusca o funeral do sr. dr. Rafael Duque, antigo ministro da Agricultura e da Economia e governador do Banco de Portugal, economista e figura de relevo na política, durante largos anos grande colaborador do sr. prof. dr. Oliveira Salazar. Formado em Direito, pela Universidade de Coimbra, exerceu a advocacia em Torres Novas, Golegã, Tomar e Santarém; depois dedicou-se à administração da sua casa agrícola na Charnusca; e, no Governo do dr. António Granjo, foi chefe do gabinete do ministro do Trabalho, dr. Lima Duque, seu tio.

Em 1934, o dr. Rafael Duque assumia as funções de ministro da Agricultura, nas quais se manteve durante seis anos. Criado em 1940 o Ministério da Economia, transitou para esse departamento governamental, sobragando, ainda, interinamente, a pasta de ministro do Comércio e Indústria. Entre importantes diplomas que assinavam a sua acção como ministro da Agricultura e de ram acção a prementes problemas incluemem-se as da ampla reforma daquele Ministério, a criação da Estação Agronómica Nacional, estabelecimento de investigação científica e da Junta de Colonização Interna, cujo plano geral de aproveitamento de baldios foi depois aprovado pela Câmara Corporativa e ainda as leis relativas à produção e comércio de trigos, moagem e panificação e criação do Instituto do Pão e ao fomento frutícola. Criou, igualmente, a Junta Nacional do Azeite, regulando o comércio da especiaria, e a Junta dos Produtos Pecuários, para solução dos problemas das lãs, abastecimento, produção e comércio de carnes e laticínios.

Da sua iniciativa também o plano de Povoamento Florestal e a proposta de lei sobre fomento hidro-agrícola, estado que realizou de colaboração com o Ministério das Obras Públicas e Comunicações, e bem assim a proposta de regulamento da organização corporativa da Lavoura.

Como ministro da Economia, a sua actividade ficou especialmente assinalada com a publicação das leis de Electrificação Nacional e de organização de Fomento Industrial, cujas propostas foram por ele elaboradas com a colaboração do então subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, sr. eng.º Ferreira Dias.

Ao deixar o Governo o dr. Rafael Duque exerceu as funções de administrador da Caixa Geral de Depósitos e comissário do Governo junto do Banco Nacional Ultramarino e a direcção do Fundo de Fomento Nacional. Nomeado em 1957, para o cargo de governador do Banco de Portugal, no qual se manteve durante alguns anos. Era, actualmente, presidente do conselho geral do Banco Fomsecas & Burnay.

Natural do lugar da Mata, da freguesia de Chancelaria (Torres Novas), o sr. dr. Rafael da Silva Neves Duque (de seu nome completo), contava 76 anos, era casado com a sr. D. Maria Rosa Oliveira Duque. Já falecida; pai dos srs. dr. João Duque, antigo presidente do conselho de administração da R. T. P. e Feliciano Duque, e avô da sr. D. Ana Maria Duque.

Durante a noite e até à hora da saída do funeral, além de membros do Governo e outras altas entidades oficiais, pessoas de todas as categorias sociais passaram pela câmara ardente ou manifestaram o seu pesar à família enlutada. Inúmeras dessas personalidades incorporaram-se no cortejo fúnebre.

Eduardo Rodrigues

Efectuou-se esta tarde para o cemitério da Guia, em Cascais, o funeral do sr. Eduardo Rodrigues que residia naquela vila e foi administrador da Shell Portuguesa, empresa onde exerceu acção de relevo e desempenhou numerosos cargos antes de atingir aquela elevada posição, conquistada pela sua inteligência, espírito de iniciativa e invulgar capacidade de trabalho.

Muito apreciado pelas suas qualidades de trato e de carácter, o extinto, que contava 68 anos, era natural do Porto e casado com a sr. D. André Georgette Vassor Rodrigues.

António Augusto Pereira de Castro

VIANA DO CASTELO, 29 — Salu da igreja paroquial de Venade, depois de celebrada missa de corpo presente, o funeral do sr. António Augusto Pereira de Castro, que morava naquela freguesia. Viúvo da sr. D. Elva Rita Rio Tinto Pereira de Castro, era pai dos srs. Pedro dos Anjos, António Moreira, juiz dr. Vítor Manuel, capitão Modesto Augusto, Amâncio, Jorge e Álvaro Pereira de Castro, e das sr. dr. D. Maria Teresa Pereira de Castro Ascensão, D. Maria da Graça Pereira de Castro Carvalho Dias e D. Maria Emília Pereira de Castro Moreira.

SUFRAGIOS

Eng.º António José Sardinha de Oliveira

Amanhã, às 18 horas, na capela do Colégio de S. João de Brito, ao Lumiar, será rezada missa do 30.º dia por alma do eng.º agrônomo António José Sardinha de Oliveira, que foi professor da Escola de Regentes Agrícolas de Évora. É mandada celebrar pela família e por colegas de curso.

Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

QUESTÕES DO INQUILINATO (VI)

AINDA A HOSPEDAGEM DOMÉSTICA

POR M. ROQUE LAIA

No anterior artigo referi as bases necessárias para se estabelecer a hospedagem doméstica em condições que, não afrontando os princípios da justiça e todos devida, nem atentando contra os direitos da família, possam esta à necessidade de se dispersar e desagregar. Também através dessas bases se evitaria que ela seja forçada a ter de se entregar à prática de actos abortivos e anticonceptivos a fim de evitar que, excedido o arbitrário e fatídico número de «3 indivíduos», o nascimento de uma criança dê lugar a que duas famílias — a do hospedeiro e a do hóspede — sejam expulsas da casa onde tinham montado o seu lar.

E, como vimos, isso pode fazer-se com absoluta facilidade, e sem que em nada sejam afectados os direitos e «interesses» dos senhores.

Análise também a gravidade do problema não só pelo elevadíssimo número de despejos que são decretados com base em hospedagem fora das... «normas» que a lei para ela estabelece, mas, também, a acuidade dele, sendo, já muito superior a 214 000 o número de famílias vivendo em parte de um fogo, o que abrange mais de meio milhão de pessoas nessas circunstâncias.

Mas, os problemas de inquilinato são complexos e profundos nas suas incidências morais, humanas, económicas, políticas e sociais, e deles não se pode dizer que estão devidamente encarados se o forem num só dos seus aspectos, vistos através de uma única das múltiplas facetas que eles apresentam.

Ao regular-se a hospedagem doméstica em bases morais, sociais e económicas, diferentes daquelas que enformam a hospedagem industrial — e com a qual a legislação de hoje, confunde e mistura — temos de a considerar também, na sua ambiência própria, no meio em que ela se forma, desenvolve e vive, através das relações hospedeiro-hóspede que dela resultam.

Se 214 000 famílias vivem em casa de outrem, obrigadas a uma promiscuidade a que as força a fraqueza da sua economia, igual motivo força outras 214 000 famílias a receberem — na casa que tinham arrendado só para si — pessoas estranhas, sofrendo uma incomodidade que não desejavam.

Se mais de meio milhão de pessoas vivem em casa de outrem, outro meio milhão é forçado a uma co-habitação indesejada, estabelecendo-se, assim — entre famílias e pessoas desconhecidas — relações para as quais — geralmente — não estavam preparadas, e que, não raramente, geram atritos, antagonismos, que — habitualmente — são causa de conflitos.

O problema habitacional está de tal forma eivado de erros e de desvios que, no plano hospedeiro — hóspede se gera o mesmo antagonismo, o mesmo conflito que — habitual e infelizmente — se geram no plano senhorio — arrendatário.

E aqui, também, a causa é unilateralidade da legislação reguladora do facto social, facto esse que ela verifica, ignorando os aspectos humanos, sociais morais e económicos, da necessidade de casa e do Direito à Habitação.

Aqui, também, a parte mais débil e fraca, não encontra protecção alguma na lei.

Contudo, imprescindível é que o utente da «hospedagem doméstica» encontre, na lei, alguma protecção.

Nela se verifica — infelizmente — com habitualidade e frequência,

larga e profunda aplicação do velho aforismo de que diz que «se quiseres conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão».

Na verdade — e por causas e razões que aqui não interessa analisar — infelizmente — e não raramente — o português faz cair no seu semelhante «não culpado», a sua reacção e «desopilação» as causas que o infelicitam e lhe tornam a vida dura, árdua, sem sol.

É o comportamento do funcionário atendendo mal humoradamente o público, negando-lhe informações, ou, dando-lhas incompletas, de má vontade e com modos bruscos, tornando-lhe mais difícil ainda, o cumprimento das suas obrigações legais e civis: é o comportamento do condutor ao conduzir o seu veículo, dificultando — ao máximo — a condução do outro utente da via, criando-lhe situações difíceis e de perigo que — não raramente — se saldaram e resolvem em acidentes, de maior ou menor, gravidade.

É a actuação do hospedeiro transportando para o viver do hóspede as arrelhas, dificuldades, injustiças e aborrecimentos com o que alguns senhores recheiam a vida do arrendatário.

Na hospedagem doméstica, tais dificuldades e arrelhas mais são agravadas com a comunidade do viver, o contacto permanente dia a dia, e de dia e de noite.

Então, surgem as actuações de negação de facilidades inicialmente concedidas e que — não raramente — entram nas bases do estabelecimento do próprio contrato de hospedagem, com a utilização de estendais de roupa, de telefone, do uso de telefonia, de ferros eléctricos para engomar, etc.). Surge a restrição, ou a proibição de utilizações comuns, como as de lava-roupas ou lava-loiças, serventia de co-

(Continua na 10.ª página)

Nota do dia

SINALIZAR OS CAMINHOS

O MUNDO AVANÇA PARA FORMAS NOVAS que nem sequer os mais ousados e agudos políticos foram capazes de prever com exactidão. Todas as ideias e todos os factos estão sujeitos a revisão, análise crítica e, no seu caso, a novos planeamentos. Não escapam a este revisionismo universal nem os sistemas educacionais, nem as ideias sociológicas, nem económicas ou políticas, nem a própria aplicação de princípios éticos ou religiosos, e não podemos estranhar que em face de um tal horizonte de mutação se produza entre os homens um clima de medo e desespero.

As palavras que ficam reproduzidas não são nossas. Apresentam-se deste modo para uma porventura melhor integração, mas não são nossas. São de um discurso, por inesperado que pareça, do chefe do Estado espanhol, generalíssimo Franco, e encontramos igualmente reproduzidas como introdutórias a um texto do ministro espanhol da Educação, sr. José Luis Villar Palasi, publicado como prefácio a umas «Bases para uma política educativa», edição oficial já deste ano. Tema, pois, para discussão.

Não se trata, sublinhe-se, de um problema espanhol, mas de um problema que é do mundo de hoje e que também nós próprios o detrontamos. Por isso ele aqui se retoma. Um problema? Qual? Para falar a verdade, o assunto para que se aponta é o do ensino, designadamente o universitário, que é o de mais vinculada expressão em causa, o que importa, aliás, que nele se enxertem os dos demais graus de ensino que àquele dão acesso. E não parece possível alguém duvidar que essa seja uma das mais vivas faces da crise contemporânea.

Mas o problema universitário não é um fenómeno isolado. A Universidade está em crise, no mundo do nosso tempo, porque a vida mudou, mudaram os conceitos, mudaram as ideias, mudou o conhecimento científico, mudou o modo de o recolher e interpretar. Mudou muita coisa e mudou também, sem se dar por isso, o conjunto de necessidades para cuja satisfação a escola prepara. Se as escolas são as mesmas, se o ensino é o mesmo, se o que se aprende a fazer é o mesmo, como havemos nós de responder a interrogações que deixaram, evidentemente, de ser as mesmas?

Este desajuste é que é a razão verdadeira e a causa profunda da crise. Temos que olhar à volta sem tapar os olhos. O problema não é só o de usarem as mulheres saias mais curtas ou mais compridas, não nos iludamos com tão pouco. Isso é o exterior. É preciso perceber que todo o mundo está a ser outro e, por muito pouco que nos apeteça sermos cobaias, estamos numa época de transição, porventura já mais longe que a transição, posta em causa como está tanta coisa que a todos nos parecia ser a verdade imutável do mundo, mesmo que o mundo fosse mudando. Quantos somos a perceber-lo? Quantos somos a não o querer perceber? Mas não vale a pena fechar os olhos se temos de continuar a caminhada. Fechar os olhos pode ser o risco de tropeçar e cair para a frente nalgum abismo aberto diante de nós mas sem as prudentes luzes de aviso.

RECTÂNGULOS DA VIDA

UM SUICÍDIO

Foi num dia de Agosto que a empregada resolveu suicidar-se. Era uma rapariga aparentemente tranquila e simpática, invisível à primeira vista, mas que lia demasiadas fotonovelas e ouvia demasiados folhetins radiofónicos, era esse o seu mal. É possível que tivesse tido qualquer desilusão amorosa, o que nunca está nos cálculos de ninguém e menos ainda estava nos dela, porque nessa «literatura» de que se alimentava tudo acabava sempre o melhor possível e as qualidades morais da jovem sobrepujavam-se sempre ao dinheiro e à beleza. Ora na vida... Bem, há pessoas que têm uma grande confiança na vida mesmo quando esta foi sempre um tanto ou quanto madrastra, e de repente, um dia...

Os patrões, que, diga-se de passagem, eram excelentes pessoas, estavam a passar férias à beira-mar, e a casa onde moravam ficava no alto de uma falésia talhada quase verticalmente sobre o mar. Lá em baixo só se viam rochedos e figurinhas de pescadores reduzidas pela distância. Só se via também o mar sempre inquieto e às vezes encapelado. Nesse dia de Agosto tinham acabado de jantar havia muito quando deram por falta da empregada. Foram ao quarto dela e viram que não levava nada consigo, mas que vestira o seu melhor vestido

e calçara os sapatos novos, de salto. Sobre a cómoda, uma carta. Era, como já perceberam, uma rapariga perigosamente romanesca.

«Minha senhora, começava ela, quando ler esta carta já eu estou no fundo do mar». O que era um princípio absolutamente nada animador. Seguiam-se comentários mais ou menos filosóficos às tristezas da vida e à tranquilidade que a morte oferecia a quem a procurava. Tudo aquilo era muito ingénuo e bastante fotonovalesco, mas quando são onze horas da noite, o mar faz aquele barulho inquietante e se tem na mão uma carta assim, uma pessoa não se sente capaz de classificar o estilo de um texto e desata mas é a gritar. Foi o que todos fizeram. Gritaram, os vizinhos vieram saber o que era (ou eles procuraram os vizinhos, não sei) e

um homem ali do sítio surgiu de lanterna e prontificou-se a descer até lá abaixo. Por lá andou com um amigo durante quase uma hora, voltou sem notícias. Ao mesmo tempo havia a história do vestido e dos sapatos novos. Quem é que se lembra de se arranjar assim para se ir atirar ao mar?, perguntava o marido. A mulher, porém, tinha a seu favor as fotonovelas.

Telefonaram para a guarda, e eram cinco horas da manhã ainda todos por ali andavam como almas penadas, e de vez em quando abriam a janela e olhavam para o mar que lá longe parecia de prata. E um dos filhos já estava mesmo constipado. A guarda também fez as suas buscas e bateu a região com carros e com faróis apontados em redor. Não encontraram, porém, a empregada que, de resto, às oito da manhã apareceu muito entada e a pedir desculpa. No último momento faltara-lhe a coragem.

A patroa despediu-a, pois claro. Ninguém em casa podia perdoar-lhe aquela noite. Dir-se-ia mesmo que o facto de ela ali aparecer — viva — lhes provocara um certo mal-estar, os ofendera, os deixara muitíssimo mal impressionados. Só o filho mais novo, de cinco anos, declarou: «Ainda bem que ela não morreu». Ninguém lhe deu resposta. Somos feitos assim. O que vale é que a maioria das pessoas não o sabe, e as que o sabem guardam muito bem o seu segredo.

POR
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL RIOMAR
CENTRO DE LAGOS (5 minutos das praias)

Passa as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços acessíveis. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Marcação pelo telef. 490.

“DOSSIER” ALGARVE

Por JOÃO SILVA ROQUE

A SIRENE lança para o ar o seu apelo. «Há peixe», alegam-se as operárias e vêm correndo, deixando filhos e afazeres para trabalhar na indústria das conservas, de boa memória, tão conhecida e tradicional quanto os Descobrimentos, motivo de orgulho nacional, actualmente fonte de discussões e controvérsias.

«Será de aconselhar, e de desejar, a maior prudência no decurso do ano que se iniciou há pouco», escreveu recentemente o editorialista da publicação «Conservas de Peixe», denunciando a ausência de processos que forcem a desconvicção de crise. A crescente importância das praias de areia branca, a expansão dos investimentos hoteleiros, a protecção nacional às novas indústrias, tudo isto são factores que poderão explicar a decadência dos armadores e conserveiros do Algarve, outrora mais responsáveis pelo desenvolvimento económico da região.

Andei a meter o nariz nas algazaras das fábricas e vi mulheres a empacelar latas, numa longa pausa entre dois ulvos de sirene. Vi traineiras no porto e pescadores a coser redes, ouvi lamúrias e pragas; finalmente, numa manhã de sol, furei a penumbra fresca do gabinete da direcção de uma das maiores unidades de fabrico conserveiro do sul. Quando sai, abraçava um ex-tenso e angustiante relatório que vou tentar descrever nesta cavaqueira amena — para quem se interesse pelo crescimento das flores neste jardim da beira-mar.

Como dizia Mark Twain, há três espécies de mentiras: mentiras, mentiro-las e estatísticas; no entanto, começamos por fazer fé nestes números:

Quebras 1967/1968: de pesca de sardinha, 13 433 toneladas; de produção global de conservas, 13 618 ton.; e de exportação, 7179 ton.

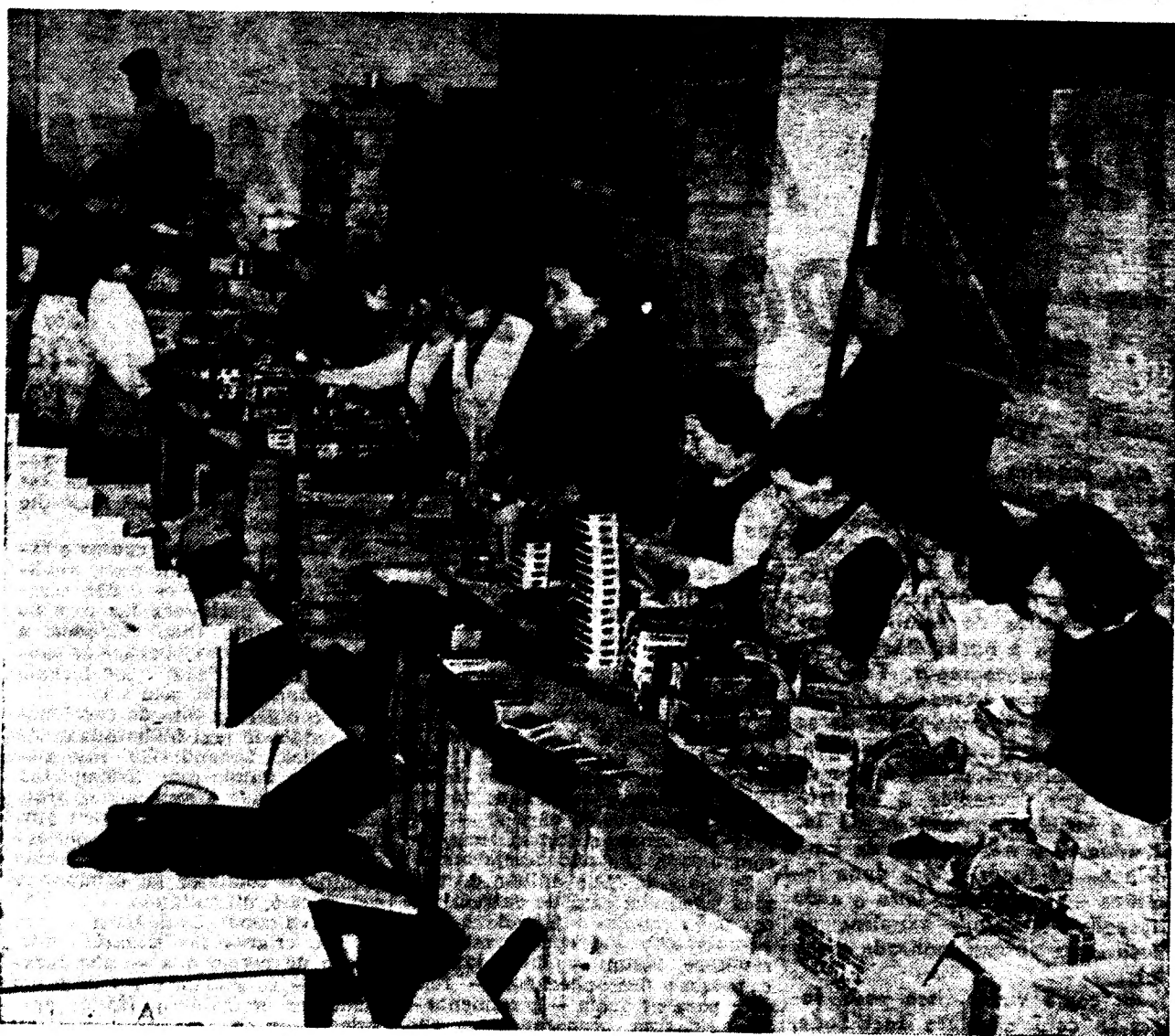
Ah?! E esta? Para trás coisa e tal a burra, como dis o povo, e enquanto a gente brinca aos caranguejos, os marroquinos e outros espertalhões tratam de nos pôr na cauda do pelotão, disputando-nos uma e uma todas as nossas velhinhas posições no estrangeiro. A E. F. T. A. e o Mercado Comum compraram menos e cada vez menos compram. Razões? Ai vão elas, o mais alegremente que me for possível que nestas tristezas não adianta espelhar a beira.

MENOS PEIXE

As nossas traineirazitas não estão aptas a ir buscar a sardinha onde a houver. Farejam só um pouco além da costa portuguesa e, se os peixinhos não andam por lá, nada feito. A frota pesqueira carece de ser renovada para satisfazer as necessidades da indústria de conservas e do consumo em fresco, este a fazer daquela uma concorrência cada vez mais forte.

Existem ainda outros problemas que complicam as coisas: O actual sistema de lota está ultrapassado, o numero de tripu-

lantes por cada embarcação é excessivo, e pagam-se impostos de pescado «ad valorem» por mais de 15 % da pesca líquida, que inclui 7 % para a Alfândega (direitos de importação?) e 3 % para a Câmara Municipal (...)



Há marcas e marquinhas, algumas sem qualquer valor comercial

5—CONSERVAS: POLÍTICA CONSERVADORA

Evidentemente que só um numero restrito de traineiras, as melhor apetrechadas, com mestres mais experimentados, ou mais bafefadas pela sorte, conseguem obter rendimento razoável no fim de cada safra. «Então não haverá de ser?»

MENOS CONSERVAS

Detenhamo-nos um pouco numa mercearia e demos educadamente as boas tardes ao sr. Antunes, sempre prestimoso e sorridente no seu guarda-pó. Num asecção da loja estão expostos alguns artigos de consumo imediato; enca-minhamo-nos para lá e fazamos tentativas para gostar de uma certa prateleira bisonha onde se alinham as latinhãs de conservas portuguesas. Estamos de acordo. Nada feito. Não se gosta daquele aspecto, nem com molho de tomate. O Instituto Português de Conservas obriga o fabricante a viver dentro de conceitos estéticos do tempo da outra senhora, não lhe dando liberdade para «refrescar» os formatos e impondo-lhe a inscrição de variadíssimos elementos que pouco interessam ao consumidor. A gente quer lá saber do peso neto em três línguas, ou do peso avô, ou do peso bastardo...

A propósito da apresentação nada atraente das embalagens portuguesas, diria mesmo intragável, um amigo industrial contou-me uma história saborosa, defendendo com

unhas e dentes a ideia de que as conservas nacionais valem muito mais por dentro do que por fora, regra generalizada.

Aconteceu que a América do Sul mantinha, em tempos, uma determinada preferência por um formato californiano (colisas...) e ele, informado do facto, satisfez encomendas através de uma nova linha de montagem. Moral da história: veio o I. P. C. e desmanchou o arranjinho. Mas mudemos de assunto.

Existem muitos fabricantes, muita gente a catar no negócio, todos com liberdade de vender a qualquer preço, cavando ruína à esquerda e à direita, numa fúria desenfreada de vender mais que o vizinho; se a comercialização do produto estivesse bem, isso não seria um mal por aí além, mas o que se passa é que muitas vezes o industrial vende sem fazer a menor ideia do que perde ou ganha na transacção.

Há marcas e marquinhas, uma infinidade delas, algumas sem qualquer valor comercial. Todas as tentativas de entendimento entre os industriais têm resultado infrutíferas, e é pena. Durante a última guerra, fabricava-se em Portugal uma única marca («Marca Nacional») e daí resultou que foi apreciada e conhecida em todo o mundo, havendo até quem, depois desse regime, a procurasse comprar em mercados estrangeiros.

Vamos embaralhar e dar de novo. Não custa senão tempo e paciência. Portugal precisa de acarinhar e promover as suas indústrias, valha-nos Deus, são precisas divisas e têm de se adoptar medidas que aliviem o fardo dos exportadores e os incitem a aumentar a produção, para bem de todos. Assim, não estaria mal visto:

— Impôr aos conserveiros uma disciplina de fabrico e acabar-lhes com a surda concorrência.

Se na Bélgica gostam mais da marca OLARILA, pois então que se fabrique mais OLARILA; se na França é o atum VAICOM-DEUS que é bom, pois seja essa marca produzida em força; se na Conchichina, etc... e assim sucessivamente.

APONTA-SE A SOLUÇÃO

Julga-se que dez ou doze marcas lançadas por uma boa propaganda, seriam suficientes para conquistar os favores do mercado, além de que nenhuma seria prejudicada pela falta de peixe na fábrica X e que se poderia obter uma maior rentabilidade, inclusivamente manifestada em preços de custo mais baixos, acabado o frenesi dos compradores na luta, muitas vezes sob vigia de agentes estrangeiros interessados no peixe em épocas de menos escassez. Acabar com os pagamentos

à Alfândega (como se o peixe viesse encaixotado das Ilhas Maurícias...) e dar «bonus» de exportação, em lugar de onerar o industrial que paga presentemente 15\$00 por cada caixa saída do País.

Ninguém se pode esquecer que o boicote dos africanos a Portugal acabou com certas facilidades, e quando a fiscalização do I. P. C. rejeita um lote destinado à América, há que ter em conta que ficamos sem mercado para ele, muitas vezes por culpa da má qualidade do peixe e das necessidades de renovação de «stocks».

Acabei. Não falo mais destas coisas. As pessoas que tenho conhecido não me fazem só queixinhas, nem tudo corre mal de baíto do sol algarvio.

O pessoal que trabalha nas conservas ganha pouco e vai progressivamente envelhecendo, porque os jovens procuram outros rumos, outras actividades mais compensadoras. No entanto, e isto é natural, existem outras razões que levam as moças algarvias a dizerem «não» à indústria: o cheiro a peixe, as feridas nas mãos, a desclassificação sugerida por um meio operário pobre.

E agora é que eu tenho uma história engraçada para contar. É sabido que as morenas do sul se embonecam bem, e gastam nisso todo o dinheiro que ganham, ainda que passem a vida a almar carpas. Vivem com a «Elles tal como as jovens

ladinas do tempo de Dostoevski dormiam com Paul de Koch debaixo do travessete. Ora uma vez, durante um jogo de ténis, um conhecido industrial de conservas viu-se cumprimentado por uma mulher elegantíssima, enluada, floreando a sombrinha de fantasia no meio da assistência. Ele, olha quem, acercou-se dela, agradavelmente surpreendido, mirando-lhe a beleza e a roupagem. Um segundo depois, ficou varado, de queixo caído: ela era uma das operárias da sua fábrica, uma rapariga de salário baíssimo, e olhava-o, e troçava-lhe o espanto.

E já que tocámos no «eterno feminino», apetecia-me continuar a contar histórias de mulheres, que é coisa gostosa de falar. Porque nisto de conservas de conservas, quem se amola é o mexilhão. De conserva, claro.

**FRIGORÍFICOS
EMERSON**
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

FEIRA DE SANTIAGO
E II FESTA NACIONAL
DO MAR EM SETÚBAL

CARTAZ
DE PROPAGANDA

CONCURSO

Até ao dia 10 de Maio está aberto concurso para apresentação do modelo de cartaz de propaganda da Feira de Santiago e II Festa Nacional do Mar, para o corrente ano.

Ao primeiro prémio caberá a quantia de Esc.: 500000.

Os interessados deverão dirigir-se à Comissão do Concurso — Câmara Municipal de Setúbal — Telef. 22109.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «Bonança & C.» (1969).

REALIZAÇÃO — Pedro Martins.

INTERPRETES — Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema, Mariana Maria, Célia de Sousa, Natalina José, Francisco Nicholson, Vítor Mendes e Orlando Fernandes.

Considerando que:

a) o público que irá fazer o êxito desta fita não é influenciável pelo teor da crítica que a ela se faça;

b) o público que a crítica habitualmente atinge não estará muito inclinado a ver «Bonança & C.»;

c) me parece inútil e aborrecido estarmos a fazer graça com a desgraça dos outros; tentemos ser concisos e limitemo-nos a observar que:

a) «Bonança & C.» é uma espécie de «Riso e Ritmos» em proporções muito maiores, com os mesmos processos o mesmo tipo de humor, as mesmas entradas e saídas do Armando Cortes, as mesmas sequências um pouco desarticuladas (o judo com os japoneses), etc., embora sem a qualidade musical a que o programa de televisão por vezes chegou e sem a forma de crítica através do cómico que, de quando em quando, procurou pôr em prática;

b) Pedro Martins falhou rotundamente, na medida em que, com base no argumento, poderia ter tentado fazer um filme sobre as influências os modelos, os mitos, as utopias e os vícios que a televisão vai criando nos meios rurais, onde os temas mais frequentes de muitas séries americanas só por absurdo podem adquirir

alguma significação; no entanto, Pedro Martins escolheu o caminho mais fácil, optando pela piada vulgar, pelo trocadilho tolo, pelo agogo, repetido até à náusea e pelo esfaleamento do tema em múltiplas sequências mais ou menos disparatadas;

c) é inútil falar da interpretação e dizer que uns foram melhores do que outros, porque na verdade não chega a haver interpretação, limitando-se cada um a fazer o melhor que pode as suas habilidades pessoais (falar, gesticular, cantar, cair, etc.);

d) presente-se que durante as filmagens se devem ter divertido a valer, mas o resultado é lamentavelmente, e mais uma vez, a exploração do pior gosto do público, do riso mais primário e dos processos mais degradados de fazer cinema.

Conclusão: «Tanta gente nesta fita e só eu é que sou preso. Muito custa ganhar a vida honradamente!» (frase do prof. Teles, interpretado por Nicholson).

EDUARDO PRADO COELHO

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL UM FILME EM 70 mm
É ESTREADO EM TRÊS GRANDES CINEMAS!

CONDES

MUNDIAL

ROMA

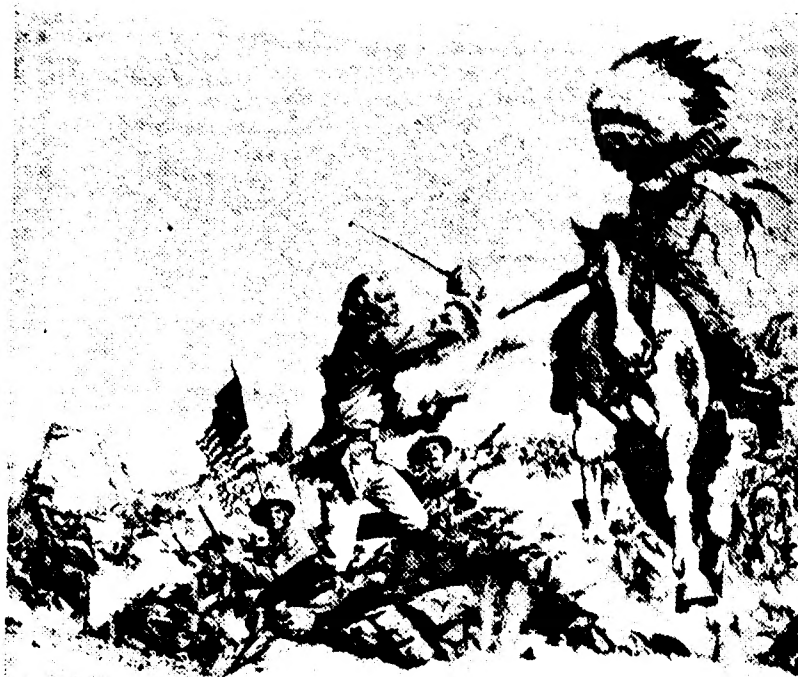
A EPOPEIA FANTÁSTICA
DE UM PUNHADO DE HERÓIS!

6.ª FEIRA
Sensacional estreia

CUSTER HERÓI DO OESTE



SUPER TECHNICOLOR
TECHNICOLOR



ROBERT SHAW • MARY URE • JEFFREY HUNTER, TY HARDIN,
KIERON MOORE, LAWRENCE TIERNEY • ROBERT RYAN
Um grande exclusivo de
FILMES LUSOMUNDO
m/12 anos

• UM ESPECTÁCULO EXTRAORDINÁRIO •

DIA 2 - SEXTA-FEIRA - ÀS 18.30 H.

CINEMA

MONUMENTAL

PREÇOS REDUZIDOS



NARA
viajou para
Portugal
pela TAP
VINÍCIUS CHICO NARA
de Moraes.. Buarque Leão
com o conjunto BOSSA-JAZZ-3

• UM «SHOW-RECITAL» PARA A JUVENTUDE •

TEATRO I. 555133

MONUMENTAL

SÓ
ATÉ
DO-
MIN-
GO
VASCO MORGADO
apresenta
Amanhã, às 21.45 h.
A farsa de
CLAUDE MAGNIER
tradução de
Mariana de Moraes

QUANDO ELA
SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA,
CARLOS COELHO, Carmen
Mendes, Yola, Linda Silva,
Aida Piate, Alice Carlo
Encenação de
SANTOS CARVALHO
O «AMOR 68»
com Henrique Santana
HOJE: em SESIMBRA
AMANHÃ: MONTIJO
5.ª-FEIRA: MONTE MOR
6.ª-FEIRA: BOMBARRAL
(Adultos)

CAPITÓLIO

Telef. 320379

HOJE, ÀS 21.45 H.

O original português de
Nuno Moniz Pereira

A ESFERA
FACETADA

Encenação de Rogério Paulo
Cenário de João Vieira
M. 17 anos

VASCO MORGADO apresenta



AMANHÃ, À NOITE, ÀS 21,45 H.

TEATRO
LAURA ALVES

Tel. 86 47 56

(ADULTOS)

HOJE • ESTREIA

em

2 SESSÕES: 20.45 e 23 h.



IRENE
CRUZ



JOÃO
LOURENÇO

A HISTÓRIA DE UMA RAPARIGA DE «CABARET»
MEIGA, ALEGRE E INTELIGENTE

DIRECÇÃO DE JACINTO RAMOS

NUM NOVO TEATRO
UM ÊXITO NOVO

Pepsie

Comédia de humor em 3 actos
de PIERRETE BRUNO
Tradução de R. LOBATO FARIA



JACINTO RAMOS

UMA
EXCELENTE
PEÇA...

Cenário de
JOÃO
VIEIRA



GRAÇA
LOBO



LUÍS
PINHÃO

UMA COMÉDIA PICANTE, MORAL, QUE FAZ RIR E NUNCA É VULGAR NEM GROSSEIRA

«PEPSIE» — FICHA TÉCNICA

Maquinaria	Numerado Gaspar	Cenografia	Carlos Dias
Ponto	Frederico Reis	Assistente	Costa Vaz
Contra-rega	Serafim Teixeira	Sonoplastia	Corte Real
Luminotécnica	Frederico Azevedo	Desenhos	«Zé Manel»
Publicidade	Alexandrina		

Atenção Concurso «PEPSIE»

Em virtude da estreia da comédia «PEPSIE» ter sido adiada para HOJE, avisam-se os senhores concorrentes deste concurso, que a colecção dos 5 desenhos publicados nos jornais diários, devem ser entregues a partir de AMANHÃ, nos bilheteiros de TEATRO LAURA ALVES, pelo que todos os concorrentes receberão gratuitamente 2 bilhetes para assistir a qualquer das representações desta peça.

AGUARDENTE VELHA

Algarve

PEPSIE: ESTREIA DE UMA AUTORA (EM PORTUGAL)

Pepsie, a comédia que esta noite se estreia no teatro Laura Alves tem, entre outros, um mérito: o de permitir o primeiro contacto do público português com uma autora que até agora se tem mantido desconhecida das nossas plateias. Pierrete Bruno nasceu em Mar-

selha e contra a vontade da família dedicou toda a sua vida ao Teatro. Um dia escreveu uma peça e imaginou uma protagonista; ninguém sabia que a autora e intérprete eram a mesma pessoa. Na noite da estreia, em Paris, o suposto autor, deconcertado perante o

êxito, desapareceu do teatro, mas os jornalistas não tardaram a descobrir a verdade. Pierrete Bruno tornava-se célebre e a sua peça era distinguida com o «Prémio de Humor Tristan Bernard».

Vasco Morgado, ao apresentar este espectáculo, rodeou-se de uma equipa jovem, para que esta peça autêntica comédia de humor, picante, cheia de moral, alegre, que faz rir e nunca é vulgar nem grosseira, constitua uma realização diferente. É de esperar que o público compreenda o esforço desta equipa. A direcção de «Pepsie» pertence a Jacinto Ramos, homem de Teatro, verdadeiro valor a quem se devem já alguns dos principais êxitos do nosso Teatro dos últimos anos, não esquecendo a sua recente encenação de «O Jovem Mentiroso», primeiro espectáculo do Teatro Laura Alves. Nesta peça, além de director, regressa aos tabuleiros também como principal intérprete, masculino, ao lado de Irene Cruz, na protagonista, João Lourenço «Prémio Revelação 1964» e o melhor actor de cinema de 1968 reaparece também num papel cheio de interesse. Completam o elenco Graça Lobo e Luís Pinhão.

«Pepsie», que tem cenário de João Vieira e tradução de R. Lobato de Faria, estreia-se hoje em 2 sessões, às 20 e 45 e 23 horas. A partir de amanhã espectáculo único às 21 e 45 horas, para adultos.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- «Só Deus sabe» é o actual grande êxito do artista Manuel de Almeida. É uma composição com letra de Artur Ribeiro e música de Jaime Santos.
- Deceonou-se no Restaurante «Lisboa à noite» a artista Glória Maria.
- Está a actuar no Restaurante «Abri em Portugal» o cantor Pinho Sérgio.
- O cantor Manuel Henriques continua a ser o gerente artístico do Restaurante «M e U».
- Vai sofrer profunda remodelação o restaurante «O Forçado».
- Obteve assinalado êxito a festa de homenagem ao popular poeta Carlos Conde.
- A artista Ada de Castro vai gravar mais dois discos.
- Deve ser inaugurado, no próximo mês, em Alfama, o novo restaurante-típico «Taverna de El Rey».
- No Balneario Alto também está para breve a abertura de dois novos recintos típicos.



VASCO MORGADO E RAUL SOLNADO APRESENTAM

TEATRO VILLARET

ESTREIA 5.ª-FEIRA
até 7 de Maio
AS 21.45 HORAS

A PEÇA DE NICOLAU GOGOL

DIÁRIO DE UM LOUCO

PELO ARTISTA CHILENO

ROCCO PETRUZZI



ADULTOS

BOUTIQUE LAURA

QUE SE INAUGURA BREVEMENTE

apresenta a «nova linha» de sapatos e modas dos melhores modelistas franceses e italianos

RUA JOSÉ FALCÃO, 68-A TELEF. 47994

ABC
As 20.45 e 23 horas
Amanhã não há espectáculo para descanço oficial da companhia.

TEL. 36 67 45
(ADULTOS)



NICOLAU BREYNER

ELAS É QUE SABEM

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breynner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natália José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

SAUNA

INSTALAÇÕES DA PISCINA MUNICIPAL DOS OLIVAIS

AVENIDA DE BERLIM
TEL. 31 46 30

Cabines individual e colectiva

HOMENS: todos os dias das 16 às 20 h. (excepto domingos).

SENHORAS: 2.ª, 3.ª, 5.ª e sábados, das 10 às 14 h.

PISCINA—Abertura em 1 de Maio



JACINTO RAMOS

AMANHÃ À NOITE: FESTIVAL DE PROCLAMAÇÃO DOS «REIS DO ESPECTÁCULO»

O interesse manifestado pelo público pelo Festival de Proclamação de «Os Reis do Espectáculo» traduziu-se, como era natural, por uma corrida às bilheteiras do Teatro ABC, de quantos pretendem assistir a um desfile de artistas difícil de reunir no mesmo palco.

Muito embora em acontecimentos desta natureza se note muitas vezes a ausência (por naturais rivalidades e inconformismos com a classificação final) de artistas de primeiro plano, mas não classificados em primeiro lugar, desta feita a revista «Plata» pode orgulhar-se de reunir a quase totalidade dos artistas votados pelo público. Dos vinte «eleitos do ano», apenas não comparecerão Amália Rodrigues (ausente no estrangeiro) e o dr. José Afonso (devido a compromissos já anteriormente assumidos, que o obrigam a deslocar-se para fora de Setúbal, onde lecciona e tem a sua residência habitual). Todos os outros, já garantiram a «Plata» a sua presença neste acontecimento que decerto ficará memorável.

Além da actuação dos «vinte eleitos do ano», o público assistirá à representação de dois quadros da revista «Elas é que sabem» (com Ivone Silva, Nicolau Breynner e Henriqueta Maya), à apresentação dos vencedores dos concursos «O Fado Mora em Lisboa» e «Gente Nova com Valores».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A peça de apresentação da Companhia de Laura Alves em Luanda será «A Flor do Cacto».
- Após alguns espectáculos em Luanda, aquela companhia apresentar-se-á em Lourenço Marques.
- Devem regressar em breve a Lisboa os actores Henrique Santos e Rodolfo Neves.
- A revista «Elas é que sabem» deve ser apresentada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, no próximo dia 11 de Maio.
- Continua em digressão pelos Açores o artista Badaró.
- Faz-se na formação de uma companhia de revistas para o Teatro Variedades, da qual farão parte, entre outros, Aida Baptista, Barroso Lopes e Carlos Coelho.

«PYGMALION» (de Bernard Shaw)

no Festival de Teatro Parisiense

O Festival de Teatro Parisiense prossegue, amanhã, no São Luiz, com uma das suas peças mais ansiosamente esperadas: «Pygmalion», de George Bernard Shaw, na admirável encenação de Pierre Franck, que valeu ao espectáculo o «Prémio da Crítica» de 1968.

A peça famosa do não menos famoso irlandês, na versão de Claude-André Puget, e que é a transposição para os nossos dias da lenda de Pigmalhão e Galateia, tantas vezes adaptada também ao cinema, a última das quais em notável versão musicada «My Fair Lady» será apresentada no São Luiz, com todos os valores que fizeram dela o grande acontecimento da «saison» parisiense, sobre dois palcos rolantes, num espectáculo espiritual, feérico e colorido.

Dada a transcendência da montagem já se encontra em Lisboa o técnico Gerard Keryse, que dirigiu a parte técnica da realização do Teatro de L'Oeuvre, e que constitui, só por si, garantia da genuidade da apresentação do espectáculo.

Os artistas, à cabeça dos quais figuram Pierre Vaneck, Evelyn Dandry («Silvia dos Três Ulmeiros»), Marie Dea e Alfred Adam, são esperados, na terça-feira, em Lisboa, às 14 e 55, vindos de Bruxelas.

MARIA VITÓRIA

HOJE, AS 20.45 e 23 h.

• Clamoroso êxito da sensacional revista



MÃOS À OBRA!

• UMA GRANDE COMPANHIA com:
• SALVADOR VIANA • MARIEMA
• MAX • ANITA
• DORA • VITOR MENDES
• HELENA CARDENALI
• MARIANO FRANCO
• VICTOR ESPADINHA

e a atracção
• MAY AVRIL
com ALBERTO GRAZIANO

• UM SUCESSO IMCOMPARÁVEL •

ATENÇÃO AFICIONADOS! CONCURSO DE GANADERIAS

CAVALEIROS

MANUEL CONDE
MESTRE BAPTISTA

LUÍS MIGUEL DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE LISBOA E DO APOSENTO DO BARRETE VERDE



DOMINGO, 4 DE MAIO
AS 17.30 HORAS

M/ 6 ANOS

ora diga-nos...

— Qual foi o último melhoramento que fez em sua casa?

Quando nesta secção temos inquirido sobre as aspirações do comum dos mortais concluímos facilmente que a sua maior aspiração é ter uma casa. Quando não se tem casa própria, tem-se uma (casa, às vezes, é uma força de expressão...) alugada. E mesmo nesta as pessoas gostam, quando podem, de introduzir melhoramentos e inovações.



● — Uma máquina de costura para a mulher trabalhar, foi a última coisa que comprei para casa — afirmou-nos, primeiro, o sr. Adelino Neves, electricista.

— Bom, esse é de facto um melhoramento. Mas noutro sentido...

— O que está em casa é tudo velho, tão velho como eu. Não há dinheiro para comprar coisas.

— O senhor vive numa casa de quantas assoalhadas?

— Daqui a pouco quer saber quantas vezes é que eu me deito...

— ... eu já não quero saber mais nada amigo!

● Maria Eugénia Simões Ribeiro, dactilógrafa, disse-nos, por sua vez:

— Foi sair ao meu pai o totobola, o ano passado. Quanto? Quatrocentos contos.

— Está bem. Mas no que respeito à casa...

— Pois é: com esse dinheiro comprámos um andar e mobília para o mesmo. A partir daí nunca mais introduzimos melhoramentos — também ainda não é necessário.



● — Arranjei lá umas coisas na terra, fiz umas novas divisões, mais uns quartos, uma cozinha — respondeu-nos o nosso último interlocutor. — Sou de Valada do Ribatejo, perto do Cartaxo, onde tenho essa casita, a que vou passar as férias. É uma terra engraçada — pena que seja tão mal servida de transportes.

— E na casa que habita aqui em Lisboa?

— Nessa o senhorio há mais de 20 anos que não faz obras. O prédio foi vendido e agora é que parece que, finalmente, o vão arranjar.

UM AUTOMÓVEL PARA O 900.000.º CONSUMIDOR DE GAZCIDLA

A Cidla registou, no princípio deste ano, o número impressionante de 900 mil contratos de Gazcidla, o que não pode deixar de considerar-se uma notável vitória comercial.

Como vem sendo tradição, a partir do ano em que a Cidla atingiu a primeira centena de milhar de consumidores, o cliente de Gazcidla que este ano celebrou o 900.000.º contrato teve a feliz surpresa de se ver contemplado com um magnífico automóvel.

A sorte coube este ano ao sr. Profirio António Leitão Moraes, residente em Manteigas, que no próximo dia 30 receberá a visita de vários representantes da Cidla que lhe entregarão o valioso prémio.

TEATRO DE FANTOCHES

O núcleo de teatro de fantoches da Escola Preparatória Francisco de Arruda, totalmente a cargo dos alunos, vai realizar espectáculos em agremiações populares com o seguinte horário: dia 10 de Maio, às 15 horas, no Grupo Escolar do Vale Fundão, Poço do Bispo; dia 17, à mesma hora, na Sociedade Boa União, no Beco das Cruzes; e no dia 24, nos Leais Amigos, na Calçada de S. Vicente. Será representada a peça «O João Palermas».

Prepara-se a Feira Anual de Gados em Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, 29 — Realza-se no primeiro domingo de Maio, a Grande Feira Anual de Gados, de muito interesse na vida local.

Promovida pela Câmara Municipal, e organizada por uma activa e entusiástica comissão, presidida pelo sr. Luís Rosado Faria Teófilo, presidente do Município e da qual fazem parte lavradores, criadores de gado, industriais, comerciantes e outras entidades. Este importante certame que, nos anos transactos, tem obtido assinalado êxito, muito contribui para o desenvolvimento agro-pecuário desta produtiva região ribatejana.

No vasto Campo do Cevalheiro, onde será instalada a feira, local apazível e de óptimas condições, começaram a reservar-se terrenos, gratuitos, para instalações de curraletas destinadas a animais das raças bovina e cavalar, equídea e lanígera, bem como espaços para exposição e venda de maquinaria e alfaias agrícolas e comércio de artigos relacionados com a lavoura e actividades empresariais do concelho.

Para incitamento dos criadores e expositores foram instituídas taças para os melhores exemplares das raças bovina e cavalar e para o bovino mais pesado, oferecidas pelo governador civil do distrito de Lisboa e pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

Na tarde deste dia, haverá na praça de toiros «Palha Branco», organizada pelo

competente afcionado e empresário José Guerra, uma extraordinária corrida de toiros, com concurso de «ganaderias».

Prosegue, também, nesta vila a interessante campanha «Vila Franca Tem Sabores», de características gastronómicas, esforçando-se os restaurantes e casas de pasto por confeccionar ementas regionais com pratos inéditos, que honrem a cozinha portuguesa e sejam motivo de atracção para turistas nacionais e estrangeiros, sempre tão interessados na boa mesa e nos ambientes típicos das regiões.

1969

VILAMOURA

O empreendimento Turístico de maior envergadura jamais planeado na Europa

INAUGURA

as suas primeiras realizações

Golf
Centro Hipico
Hotel
Bungalows
Ténis
Club de Praia



Rede Viária de 30 km
Rede de Água
Esgotos e
Electricidade para
os 400 Hectares
já urbanizados

Visite VILAMOURA. Verifique por si mesmo... e aproveite já esta ocasião excepcional para adquirir o seu lote a preços ainda promocionais.



3 e 4 de Maio
CENTRO HIPICO DE VILAMOURA
PROVAS DE ENSINO

COM PARTICIPAÇÃO DOS MELHORES CAVALEIROS PORTUGUESES

3 de Maio as 15 horas

4 de Maio as 10 horas

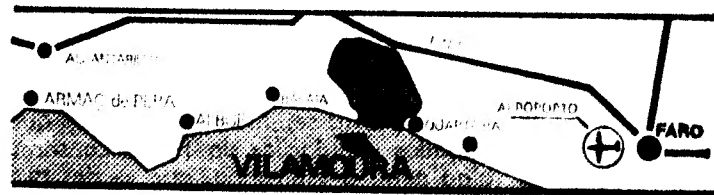
PROVA DE ENSINO ACADEMICO

4 de Maio as 15 horas

PROVA LIVRE COM APRESENTAÇÃO DAS FIGURAS AS MAIS DIVERSAS DE ALTA ESCOLA

3 de Maio-21.30 horas

Grande jantar dançante em honra dos concorrentes (traje de gala).

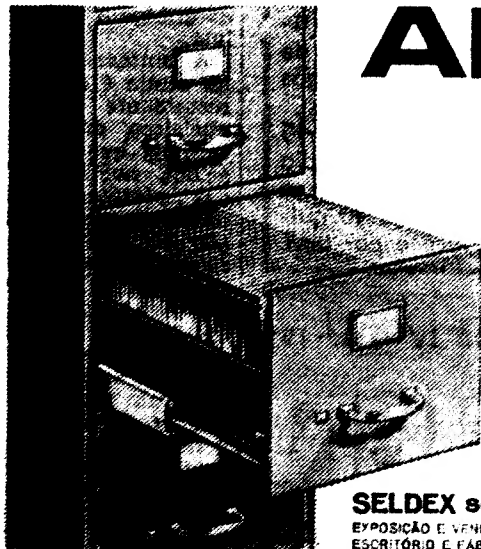


Para informações mais detalhadas, por favor contacte:

LUSOTUR SARL

Rua Tomas Ribeiro, 50 - LISBOA - Tel. 5 71 67/8
Boulevard - ALGARVE - Tel. Quarteira 63 e 69

ETP 27

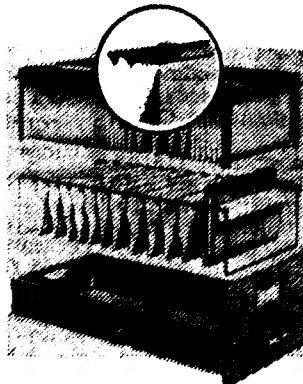


ARQUIVOS



PARA
ESCRITÓRIO

INDISPENSÁVEIS
NUMA EMPRESA
MODERNA



SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO SARL

EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBerdade, 127-129 - LISBOA 2 - TELÉF. 32 49 84-32 86 71-32 70
ESCRITÓRIO E FÁBRICA: EST. DE BARCARENA - QUELUZ DE BAIXO - TELÉF. 95 01 72-95 21 01/90

CIÊNCIA OCEANOGRÁFICA

A MASSA de águas tem um papel considerável à superfície da Terra. Convém fazer, e este respeito, a distinção entre dois grandes domínios: o oceânico e o continental. O papel e as propriedades da água são aí muito diferentes. Por um lado, podemos considerar o estudo das águas marinhas, ou seja a Oceanografia, e por outro, em relação às águas continentais, isto é, à rede hidrográfica compreendendo o estudo dos rios, lagos, etc., a Limnologia.

Os oceanos cobrem aproximadamente três quartos da superfície do globo terrestre. A enorme predominância do mar exerce uma influência capital sobre os climas e sobre o tempo que faz. O mar evaporando-se, origina as nuvens as suas correntes, aquecem ou arrefecem os continentes; os ventos originam-se na superfície das suas imensidades. Não menos importante é o papel económico dos oceanos. Fonte de produtos alimentares, são-no também de energia, fornecendo-nos, igualmente, produtos químicos, tais como sal marinho (clorato de sódio), iodo, potássio, magnésio, bromo.

O estudo da superfície dos continentes é distribuído por várias disciplinas científicas. Porém, do estudo dos oceanos só se tem ocupado uma disciplina — a Oceanografia —, englobando todos os estudos relativos ao meio marinho. Talvez por a Oceanografia ser um domínio de investigação bastante recente, um único termo tem incluído todas as especialidades que a um próprio estudo implica e exige. Constitui o que se denomina de investigação interdisciplinar. De facto, quase todos os especialistas, desde físicos, químicos, botânicos, zoólogos, geólogos, até mesmo, por exemplo, médicos e matemáticos, se ocupam desta disciplina científica, que melhor seria chamar ciência multidisciplinar.

A Oceanografia pode dividir-se, em sentido lato, em três grandes especialidades que, por seu lado, se subdividem. Assim, temos a oceanografia física, a oceanografia geológica e a oceanografia biológica. Actualmente tende-se a reservar o termo de oceanografia para o estudo físico dos mares oceânicos, nomeadamente ao seu aspecto relativo à génese e à dinâmica das massas de água. Ao conjunto das ciências naturais dos mares oceânicos (biologia e geologia) e dos conhecimentos físico-químicos necessários ao estudo dos fenómenos biológicos e geológicos, dá-se hoje o nome de Oceanologia.

A oceanografia física tenta resolver uma série de problemas relativos às propriedades físicas e químicas da água do mar, movimentos das partículas fluidas que a formam, interacção do mar e da atmosfera, por um lado, e do mar e dos fundos oceânicos, por outro.

A oceanografia geológica pode subdividir-se em três grandes categorias: geologia, sedimentologia e geofísica. O geólogo ocupa-se do substrato sólido, ao

passo que o sedimentólogo se dedica ao estudo dos sedimentos marinhos móveis ou consolidados que cobrem o fundo dos oceanos. A geofísica é mais uma técnica que uma ciência: utilizando métodos de prospecção, baseados sobretudo na sismicidade, tenta determinar a espessura e natureza dos sedimentos e rochas que formam o fundo dos oceanos. Estas três subdivisões da oceanografia geológica podem considerar-se como que prolongamento das ciências terrestres respectivas, empregando muitas vezes técnicas análogas mas também métodos específicos adoptados ao meio marinho.

A oceanografia biológica diz respeito a todo o domínio da vida nos mares, estudando quer os mamíferos marinhos, os peixes (ictiologia), o «plancton» (planctonologia) tanto animal como vegetal, os vegetais marinhos e a fauna dos fundos oceânicos (bentos). Um ramo muito importante a considerar, nesta subdivisão, é a ecologia, isto é, a influência do meio sobre os seres que aí vivem.

OCEANOGRAFIA APLICADA

Apesar de já há vários anos se efectuarem estudos sobre os oceanos, a efectivação da sua potencialidade económica e industrial, para uma melhoria das condições de vida da humanidade, ainda é muito preambular. Só há relativamente muito pouco tempo se iniciaram estudos sistemáticos sobre as suas possibilidades.

Descobriu-se, há alguns anos, que determinadas populações do Tchad consomem uma alga azul, a espirulina, que se desenvolve nos mares pouco profundos e cuja água tem um forte teor de bicarbonato. Os Astecas comiam também espirulina, que cresce nos lagos mexicanos.

A espirulina contém de 60 a 68 % de proteínas, ou seja seis vezes mais que o trigo e três vezes mais que a carne de vaca. Estas qualidades nutritivas excepcionais levaram a que laboratórios de investigação, em França e no México, iniciassem a sua cultura artificial por fotossíntese, em grandes tanques de água salina morna pela qual fazem passar gás carbónico.

O rendimento anual pode ser de 40 a 45 toneladas por hectare, e representa em média 25 toneladas de proteínas, ao passo que a carne de vaca não fornece senão 30 a 40 quilogramas de proteínas por hectare e por ano.

É necessário um estudo oceanográfico sob o seu aspecto fundamental para se poderem estabelecer bases sólidas de uma concomitante e profícua tecnologia. A investigação oceanográfica aplicada salienta-se por uma noção de urgência na realização e condução de estudos, portanto na ciência fundamental, tendo em vista um maior rendimento económico.



Actualmente, a recolha mundial de peixes — que aumenta anualmente de 6 a 8% — aumenta mais depressa que a população do Globo. A produção mundial de pescarias passou de 19 milhões de toneladas em 1948 para 60 milhões de toneladas em 1967.

No âmbito da oceanografia aplicada podemos destacar: a pesca, o estudo do litoral, com todas as suas implicações e aplicações, como por exemplo construção de portos, defesas da costa, recuperação de terras, o estudo da poluição da água do mar (oceanografia sanitária), captação de energia dos mares e exploração das riquezas da água do mar e dos fundos (sais dissolvidos, petróleo submarino, riquezas minerais, etc.).

A investigação aplicada não é eficaz se não se

apoiar em conhecimentos adquiridos graças a uma boa investigação fundamental. Na maioria dos casos a investigação aplicada

não é mais do que uma investigação fundamental dirigida e imediatamente rentável.

As riquezas dos oceanos constituem um recurso virtual enorme para a resolução de diversos problemas dos povos num futuro próximo, mas cujo inventário está ainda muito insipiente. O mar constitui, para o futuro previsível, uma fonte quase ilimitada, por exemplo, de alimentos ricos em proteínas.

É necessário, imprescindível mesmo, um estudo

sistemático, profundo e objectivo das possibilidades da oceanografia e oceanologia, não só como resolução das diversas questões alimentares e energéticas da população mundial, mas também, e em particular, como resolução de problemas sócio-económicos de países, que sem indústria sólida e apesar de se encontrarem geograficamente junto aos oceanos, pouco ou nenhum rendimento daí tiram para o seu desenvolvimento económico.

NA PRÓXIMA página de Ciência publicaremos uma entrevista com os doutores Jorge Falcão Pairedes e Marcelo de Sousa Vasconcelos, sobre problemas de Oceanografia, que nos dá uma panorâmica objectiva e construtiva sobre as possibilidades de investigação e aplicação no nosso País, desse domínio.

OBJECTIVOS DA EDUCAÇÃO

TEMOS A CONVICÇÃO que os elementos constitutivos de uma boa instrução devem ser constantemente estudados e reavaliados em função das necessidades do indivíduo e das condições sociais da época. Os diversos ramos da Ciência não se desenvolvem de modo idêntico, e a determinação do conteúdo dos programas, assim como o tempo e a atenção a consagrar aos seus

diferentes aspectos, põe um problema tão delicado quanto importante. Como decidir, por exemplo, até onde deve ir o ensino das matemáticas, a que níveis e sob que forma ele deve ser distribuído? Que linguagens ensinar, a quem, e durante quantos anos? Estas questões não só atingem as próprias tradições e a filosofia do ensino,

(Continua na página seguinte)

ORIGEM DO CÓDIGO GENÉTICO

NUM NUMERO RECENTE do *Journal of Molecular Biology* (38, 367, 381), os doutores F. H. Crick e L. E. Orgel dão mais um passo nas especulações sobre as possíveis origens duma das características centrais da vida — o código genético. O mecanismo molecular do código genético foi elucidado durante os últimos cinco anos aproximadamente demonstrando-se que o código constitui o «dicionário» pelo qual as «palavras» genéticas ou codons no ácido desoxirribonucleico (ADN) podem ser traduzidas em proteínas que, por sua vez, determinam o resto da célula.

A síntese de proteínas na célula é controlada directamente pelos ácidos nucleicos, mas também é verdade que a síntese de ácidos nucleicos depende das proteínas, pois cada passo, envolvendo replicação de polimerização dos ácidos nucleicos, é catalizado pelas proteínas das enzimas. Trabalhos recentes indicam que, sob condições plausivelmente semelhantes às que predominavam na Terra primitiva, se dá a produção espontânea de vários aminoácidos, proteínas, açúcares e bases de ácido nucleico. Crick e Orgel têm-se debruçado em particular sobre os complexos problemas de como se originou a situação de os ácidos nu-

cleicos fazerem proteínas».

Orgel demonstrou os enormes benefícios da cooperação, no código genético, entre proteínas e ácidos nucleicos. Apesar de parecer que as proteínas se formam espontaneamente mais depressa que os ácidos nucleicos, a sua inabilidade para replicar correctamente a uma lacuna de possibilidade de prevenir a continuidade genética da vida. Os ácidos nucleicos, capazes de rapidamente se replicarem por si mesmos, estão limitados devido à sua falta de actividade enzimática útil e daí a sua inabilidade de utilização efectiva de produtos químicos à sua volta. A conclusão é de que a vida não poderia ultrapassar o estado de «estagnação» sem um código genético.

Crick baseia o seu argumento em dois aspectos do código — a sua universalidade (parece ser idêntico em todos os organismos) e o facto de idênticos codons codificarem aminoácidos idênticos quimicamente. Estes aspectos poderiam ser explicados se houvesse uma relação estrutural entre codon e aminoácido. Até agora esta teoria não foi confirmada experimentalmente, mas espera-se isso, como, também, a noção de que possa ser o anticodon de transferência-ARN (Z-ARN) que é relacionado estruturalmente com o aminoácido.

Crick não pensa ser necessária qualquer relação estrutural entre um codon e o seu aminoácido. Sugere que o código se iniciou a partir de uma das numerosas possíveis linhas e, como se desenvolveu de preferência nessa direcção particular, a praticabilidade de mudar para outra linha tornou-se cada vez menos possível, devido o grande desenvolvimento necessário ao organismo. Daí o código ser universal. Salienta que os ácidos nucleicos têm outras funções além da replicação, funções essas que poderiam ser melhor concretizadas pelas proteínas.

Esta ideia sugere que os ácidos nucleicos foram os primeiros constituintes do sistema de replicação. Depois, um pequeno número de aminoácidos foram codificados, e quase todos os codons possíveis foram utilizados. Como mais aminoácidos se tornavam úteis, foram substituídos quando capazes de conferir nova vantagem estética, e isto podia ser melhor obtido se houvesse uma desordem mínima no organismo causada por aminoácidos semelhantes utilizando codons semelhantes. Finalmente, seria atingido o equilíbrio presente. Crick conclui que esta teoria tem a desvantagem de ser difícil de provar e inclui passos que requerem efeitos de sorte cuja probabilidade é desconhecida.

CIÊNCIA

Manhã na praça

—Vai uma pescadinha, querido?

Nove e meia, Mercado do Bairro Alto. As vendedeiras dispõem o peixe nas bancas. A clientela começa a chegar, olha desconfiada para os preços. O



O repórter só conhece os peixes depois de cozinhados

repórter (pela primeira vez na sua vida, em serviço do género) vai perguntando os nomes dos peixes e os respectivos preços. A esferográfica e o papel intimidam uma ou outra vendedeira, que corre a pôr as placinhas dos preços bem à vista.

Uma delas arrisca:

—Vai uma pescadinha, querido?

Que não. O repórter só conhece os peixes depois de cozinhados.

PREÇOS DOS PRODUTOS

Pouca verdura. Havia grelos a cinco escudos por quilo; espinafres, idem; favas, a 2\$50; nabos, a dez e a cinco tostões; cenouras, a 8\$00 por quilo; caldo verde, a 7\$00; a alface, a dez tostões; e os agriões, a quinze. E pouco mais...

FRUTAS

A maçã reineta estava a nada menos que 11\$70 o quilo; os pêros, a 11\$00; as nêsperas, a 9\$00; as laranjas, a 8\$00; e as bananas, a 11\$00. A clientela do Mercado do Bairro Alto, como se vê, não tinha muito por on-

do escolher. Mas as laranjas tinham muito bom aspecto.

PEIXE

Os preços das espécies são os seguintes: peixe-espada, a 10\$40; pescada a 20\$40; pescadinha marmota, a 19\$30; carapau, a 13\$90; polvos a 8\$30; talinha, a 9\$00; chocos, a 16\$90 e a 17\$00. As ameijoas, a 6\$00; a garoupa, a 24\$00; o parvo (para assar), a 16\$90; a pescada congelada, a 16\$50; o linguado, a 38\$00; as azevias, a 35\$70; a pescada branca a 32\$00; o carapau grande, a 20\$00; o goraz, a 19\$00; e as cobrinhas, a 6\$90.

AS FESTAS DA «QUEIMA DAS FITAS» EM COIMBRA DECORREM DE 9 A 14 DE MAIO

COIMBRA, 29. — Intensificam-se, em ambiente de entusiasmo e crescente interesse, os trabalhos das diversas comissões que preparam as festas académicas da «Queima das Fitas», as grandes festas dos estudantes de Portugal, que, no ambiente único e sugestivo de Coimbra, adquirem um raro poder de atracção e cuja fama além-fronteiras atrai visitantes dos mais diversos países, além das multidões forasteiras de todo o País.

Mantendo o fundo tradicional, com a graça, o espírito, a ruidosa e comunicativa alegria dos estudantes estas festas, que adquirem em cada ano êxito mais expressivo, estão a valorizar-se com notáveis realizações, a elevar o nível cultural e artístico, e atractivos de real categoria, sem falar de tudo aquilo que enche a cidade de estuante movimento, de cor, de vida jubilosa, de alegrias sem par e ainda das animadas competições desportivas.

As festas decorrem de 9 a 14 de Maio e culminam com o imponente e fulgurante

te cortejo alegórico, no qual se incluem numerosos carros artisticamente decorados e a multidão, com os grupos pitorescos de «coloiros» que desfila pelas ruas de Coimbra, onde multidões se aglomeram. Têm a maior projecção os célebres balles nos quais colaboram orquestras das mais famosas do Mundo.

Éis o programa das Grandes Festas da «Queima das Fitas» dos estudantes de Coimbra, nas suas linhas gerais: dia 9: serenata monumental, às 0 horas, na Sé Velha; dia desportivo, sarau de gala no Teatro Avenida e festival «Noite de Farmácia». Dia 10: «Tarde de Arte» no Teatro Avenida, balé das Faculdades, no ginásio do Liceu D. João III e festival «Noite de Letras». Dia 11: garralada e pôr-do-Sol, na Figueira da Foz; festival «Noite de Direitos». Dia 12: Dia do Quintanista, com «Venda da Pasta» a favor do Asilo da Infância Desvalida; ver-

bona e festival «Noite de Ciências». Dia 13: Queima das Fitas, cortejo dos quintanistas e festival «Noite de Me-

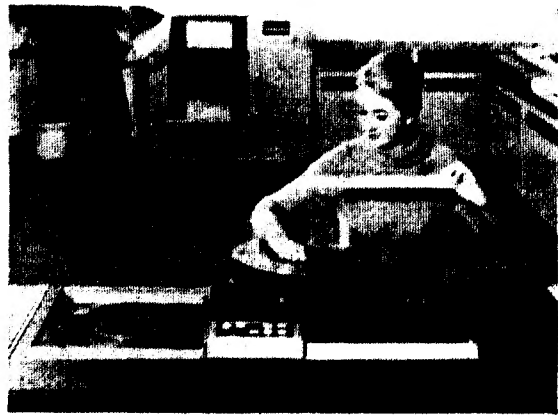
dicina». Dia 14: Dia do Gre-lado, chá dançante no Liceu D. João III e festival «Noite de Coimbra».



Uma das comissões que trabalham para o êxito das festas é constituída pelos estudantes. (da esquerda para a direita): Manuel Maria G. Cerveira (Ciências), Rodrigo Manuel Leite da Silva Santiago (Direito), José Baptista Geraldes (Medicina), Augusto José da Silva Santos Pascoal (Letras) e Maria Teresa Lopes da Silva (Farmácia).



porque somos
uma companhia
de seguros
actualizada?



- Porque temos um computador NCR CENTURY
- um sistema de tratamento electrónico de dados
- mais de um milhão de apólices
- novas e especiais modalidades de seguros
- 5 000 colaboradores ao nosso serviço
- agentes qualificados em todo o espaço português

Mas a actualização não deve ser apenas uma noção de grandeza ou um esforço de momento. Em 62 anos de existência nunca nos poupámos a esforços para servir, rápida e eficazmente, os nossos segurados, dentro de um tratamento pessoal e de acordo com as mais económicas soluções.

PARA QUALQUER SEGURO, CONSULTE-NOS. É QUANTO BASTA!

COMÉRCIO · INDÚSTRIA
segura, realmente!

PLANO

Objectivos da educação

(Continuação da pág. anterior)

mas tem também repercussões directas sobre a formação dos professores, e mesmo sobre os orçamentos para o ensino e os programas de construção escolar. É também necessário pensar que se modifica o numero de horas dedicado às diferentes matérias, o que atinge uma maior importância e fá-lo quase sempre em detrimento das outras.

Desde há algum tempo, o problema do tipo de instrução que devem dispensar as escolas toma maior acuidade, à medida que as ciências pretendem alcançar um maior âmbito nos programas. Daqui resulta um mal-estar em em determinados meios que receiam que o interesse acordado às ciências destrua os valores associados desde há muito a uma tradição humanista e filosófica. Estamos convencidos de que não existe aqui matéria para algum conflito. O objectivo da edu-

cação não é o de inculcar um somatório de conhecimentos — científicos, humanísticos ou artísticos — mas, sim, de assegurar o pleno desenvolvimento da pessoa humana. Pensamos que todas as matérias são interdependentes e devem ser ensinadas e estudadas como tal, contribuindo cada uma para a abertura de espírito e compreensão dos factos que caracterizam as «pessoas instruídas». As descobertas das ciências naturais podem ter incidências profundas nas condições sociais em que se situa o trabalho do artista, do poeta ou do sociólogo. Em nossa opinião, é necessário fazer desaparecer a concepção tradicional de compartimentos estanques e de antagonismo entre as disciplinas; todas se devem harmonizar tendo em vista um fim comum.

La Modernisation de l'Enseignement — O. C. D. E.

Artes plásticas

Dorita Castelo Branco vai expor na Interforma

Dorita Castelo Branco, artista bem conhecida e que tem obtido assinaláveis êxitos, tanto como escultora e como desenhista, vai expor na Galeria Interforma, à Av. Casal Ribeiro.

Desta vez Dorita Castelo Branco apresenta diversos trabalhos de intertransposição, acentuando a sua originalidade de concepção e realização plástica.

A exposição é inaugurada no dia 6 de Maio.

O XIII Salão da Primavera no Estoril

A semelhança dos anos anteriores, a Junta de Turismo da Costa do Sol promove, no próximo mês de Maio, o XIII Salão da Primavera ao qual podem concorrer trabalhos de aquarela, cerâmica, desenho, escultura, gravura, guache, pastel, óleo, tempera, tapeçaria e vitral.

CONFERÊNCIAS

NO INSTITUTO ROCHA CABRAL

Um novo ciclo de conferências, com entrada pública, vai iniciar-se, na quinta-feira, às 21 e 30, no Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral. O sr. prof. J. Mirabeau Cruz falará sobre «Natureza da mensagem nervosa e mecanismos de memória».

Outras conferências decorrerão, à mesma hora, nos dias 8, 15, 22 e 29 de Maio e 12 de Junho.

Serão atribuídos os seguintes prémios: medalhas de prata e bronze, galardão do melhor trabalho apresentado em cada modalidade e dois prémios pecuniários, no valor de 2000 e 1000 escudos, destinados a distinguir os dois melhores trabalhos presentes nos salões, podendo ser feita a sua escolha dentro de qualquer das modalidades.

Qualquer informação pode ser solicitada à Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril — tel. 26 01 13).

FESTIVAL RENÉ CLAIR NO LICEU FRANCÊS

O Instituto Francês e o Liceu Charles Leprieux promovem um «Festival René Claire», que será inaugurado, na sexta-feira, às 21 e 30, naquele último estabelecimento de ensino. A apresentação do grande cineasta francês será feita pelo sr. Castex, leitor na Faculdade de Letras, seguindo-se a projecção do filme «Le Million».

O Festival prosseguirá, com o seguinte programa: dia 7, «A nona la liberté»; 9, «14 Juillet»; 14, «Le dernier milliardaire»; 16, «Le silence est d'or»; 21, «La beauté du diable»; e 23, «Les belles de nuit». Todas as sessões se iniciam às 21 e 30 horas.

AINDA A HOSPEDAGEM DOMÉSTICA

(Continuação da 3.ª página)

zinha, livre disposição de casas de banho, de uma — ou outra — serventia, do espaço do corredor — ou duma sala — onde, inicialmente, o hóspede arrumou um, ou outro, móvel para mais desajogo no quarto arrendado, etc., etc., etc. Inúmeros e insidiosos são os meios que alguns inquilinos-hospedeiros utilizam para amargurarem o viver dos seus hóspedes já que os senhorios lhes amarguram o seu viver.

Tal como os senhorios, alguns hospedeiros também «fabricam» «fundamentos de despejo». Esquecendo-se da sua situação de «enfeitados da lei» armam, também — infelizmente, e não raramente — em algozes e «fabricam» todas as possibilidades de se estabelecer uma «incomodidade» que leve a fundamentar o pedido de despejo do hóspede.

E, também, infelizmente e não raramente, esse despejo tem por base — somente — o desejo de o substituir por outro que... «pague mais»!

Colocado perante as dificuldades quase insuperáveis da prova negativa, o hóspede só tem o recurso de procurar outro quarto, agora mais caro, afastado do local do trabalho, das escolas dos filhos, dos estabelecimentos em que já tinha o crédito assegurado.

Enquanto se não estabelecer um adequado e útil plano habitacional, enquanto o Direito de Habitar não entrar na primeira linha das preocupações (o caso verifica-se, frequências e se não procurar, entre nós, atingir a meta de «uma casa para cada família» — mas de uma casa adequada às necessidades habitacionais «dessa família» e às «possibilidades orgânicas», «dessa família» — a hospedagem doméstica é um

mal, do qual, no momento, se não pode prescindir.

Logo, imperativo é que o Estado o encare e o regule, e com a mesma imparcialidade e preocupação de Justiça Social com que deve encarar e regulamentar as relações senhorio-inquilino-casa; porque, em ambos os casos, está perante o seu dever de proporcionar a satisfação duma necessidade pública; porque, ambos os casos — inquilinato e hospedagem doméstica — têm base no Direito à Habitação.

Assim, impõe-se estabelecer que a hospedagem doméstica assente na mais absoluta e completa independência entre os agregados hospedeiro e hóspede, estabelecer as normas em que se deve fazer a utilização das independências de uso comum e a das divisões afectas ao uso exclusivo do hóspede.

Devem estabelecer-se os direitos e deveres de ambas as partes, de forma a eliminar — tanto quanto possível — não só, as causas de conflito e o arbitrio nas actuações, mas, também, o fabrico de artificiosos fundamentos do despejo dos hóspedes, o qual deve ser fortemente regulado, pois, tanto na hospedagem doméstica, como no inquilinato, a expulsão do lar não deve ser a sanção vulgar, habitual e usual aplicada às mínimas transgressões.

Tal como os preços das rendas das casas devem ser «congelados» e impedida e perseguida a especulação com eles, também o deve ser o preço dos quartos e o das partes de casa.

A remuneração a pagar pelo hóspede deve assentar na divisão proporcional entre os compartimentos que ocupe e o preço da renda que o hospedeiro paga ao senhorio, acrescida duma percentagem de menor escalão para a utilização de

divisões comuns (cozinha, casa de banho, e semelhantes) e na divisão proporcional ao consumo que efectue das despesas comuns de água, luz, energia eléctrica, telefone e gás.

O hospedeiro deve ser obrigado a passar ao hóspede recibo discriminado das quantias que dele receba, com a indicação do título a que as recebe.

As questões entre hospedeiro e hóspede e a quebra do vínculo contratual devem ser desafectadas da instância administrativa e afectas a comissões de conciliação — as propostas «Comissões de Habitação» —. Mas, pelo menos enquanto estas não forem criadas — para resolverem todos os assuntos referentes ao inquilinato — devem, pelo menos, tais questões serem sujeitas à instância judicial nas mesmas condições em que o são as que surgem entre senhorio e arrendatário.

Ao verificar-se a vacatura da casa arrendada têm de ser considerados os direitos habitacionais do agregado-hóspede, quer em relação à preferência a conceder-lhe como sujeito do novo arrendamento, quer em relação a prazos para desocupação da casa, quer, quanto à sucessão do direito habitacional da casa e ao direito de o hóspede, também, exercer juntamente com o fim habitacional, uma indústria doméstica.

Se as actuais condições dos arrendatários são más, muito más, dolorosas, sem adequada protecção legal, não o é menos a situação do hóspede, ainda mais falho de protecção legal, mais ignorado pela lei. Não poder pagar uma renda de casa e ter de se sujeitar a viver em casa alheia é, entre nós, situação ainda menos desejável do que a dolorosa situação do arrendatário.

M. ROQUE LAIA

Tenha sempre à mão
o mostruário

WARERITE

Cores suaves, cores modernas...,
quentes tons de madeira...
mármore frescos...
tudo isto encontrará na
gama decorativa WARERITE

— o termolaminado que,
em Portugal, possui
stocks sempre bem
fornecidos.



Atraente,
prático,
duradouro, económico,
WARERITE é adquirível
em chapas inteiras ou fracções de chapa.

Um produto

BNL

Londres

VENDEMOS QUALIDADE A PREÇO DE CONCORRÊNCIA

Representantes exclusivos: Santos Mendonça, Lda. - Lisboa - Vendas e Oficinas:
R. da Beneficência (ao Rego), 130-A - Telef. 76 68 29

Porto: Vendas e Escritórios: R. Sá da Bandeira, 605-2. - Telef. 240 08

DON FÉLIX GONZÁLEZ DEL RIVERO Y SANZ

(FÉLIX GONZÁLEZ DEL RIVERO, JUNIOR)

Master of Arts pela Universidade de Edimburgo

Director Geral de Dun & Bradstreet Lusitana, Lda. (R. G. Dun & Co.)
para Portugal Continental e Ultramarino

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Don Félix González del Rivero y Kiffer e Doña Juana Sanz García de González del Rivero, sua irmã Doña M.ª del Carmen González del Rivero y Sanz de Olivé e marido dr. Don Manuel Olivé González e filhas M.ª de las Mercedes e M.ª del Carmen Olivé y González del Rivero, seus tios Don Francisco Sanz García e esposa, primos e mais família, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada o seu muito querido filho, irmão, cunhado, sobrinho, primo e parente. Pedindo desculpa de alguma falta nos agradecimentos, participam que no dia 30 de Abril de 1969, às 9,30 horas será rezada missa, na Igreja de São João de Deus, pelo seu eterno descanso, desde já agradecendo a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGENCIA SALGADO

Diário DO PORTO

REACENDEU-SE O INCÊNDIO QUE NO PORTO DE LEIXÕES DESTRUIU MERCADORIAS (DOIS MIL CONTOS)

A «QUEIMA DAS FITAS»

Integrado no programa das festas académicas da «Queima das Fitas», saiu, de tarde, dos jardins do Palácio de Cristal o tradicional cortejo de estudantes, que, em ambiente de alegria, percorreu diversas artérias da cidade, enfeitadas por numeroso público. Antes porém, grupos de «Zés-Pereiras» anunciaram ruidosamente o começo da desfilé.

Incluída, também, nas festas, foi inaugurada, no salão nobre da Faculdade de Ciências, com a presença do reitor da Universidade, sr. prof. Manuel Correia de Barros, uma exposição de pintura, desenho, escultura e fotografia, que estará aberta ao público até sábado.

Foram atribuídos os respectivos prémios:

Fotografia — 1.º, Humberto Nunes; 2.º, António Ricardo Fonseca, melhor conjunto universitário, José Fontes; taça «Confidente», António Ricardo Fonseca; menções honrosas, Aníbal Sequeira, António Ricardo Fonseca, João Sottomayor, Jorge Viana Basto e José Fontes.

Pintura — 1.º, Ana Maria Sobrinho; 2.º, Ana Maria Marchand; menções honrosas, Gracinda Candeias, Maria da Graça Almeida Moraes e Jaime Fernandes Lopes da Silva.

Desenho — 1.º, Carlos Andrade; 2.º, (ex-aequo), Fernando Barroso e Paulo da Cunha Leão; menção honrosa, Sobral Centeno.

Escultura — 2.º, Benvido Carvalho.

Notícias diversas

Foi nomeado para substituir o sr. dr. João Alves do Vale, que atingiu o limite de idade, no cargo de subdelegado de Saúde de Valongo, o sr. dr. Luís António Ferreira Ramos.

António Lopes Simões

FALECEU

Sua família comunica o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da capela do Sanatório de N.º Sr.º do Livramento, em Cabeço de Montachique, para o cemitério local.

António Lopes Simões

FALECEU

O PESSOAL DA DISCOTECA DO CARMO, LDA., comunica o falecimento do irmão do seu gerente, cujo funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da capela do Sanatório de N.º Sr.º do Livramento, em Cabeço de Montachique, para o cemitério local.

António Lopes Simões

FALECEU

DISCOTECA DO CARMO, LDA., comunica o falecimento do irmão do seu gerente Manuel Simões, cujo funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da capela do Sanatório de N.º Sr.º do Livramento, em Cabeço de Montachique, para o cemitério local.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45: «A Preguiça» (17 anos).
ANTÓNIO PEDRO — As 22: «A Raposa e as Uvas» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Um homem sem medo» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Estrada da Vida» (17 anos).

RIVOLI — As 21 e 30: «A Festa» (17 anos).

TRINDADE — As 21 e 30: «E tudo o vento levava» (17 anos).

BATALHA — As 21 e 30: «A Pádua» (17 anos).

OLIMPIA — As 21 e 30: «O homem da aventura» (12 anos).

AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos).

ESTÚDIO — As 21 e 30: «As Diabólicas» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 21: «As irmãs do Zorro» (12 anos).

VALE FORMOSO — As 15 e 30: «A Colina da Saudade» (17 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «Viva Django» (17 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «Um homem sem medo» (12 anos).

COLISEU — As 15 e 30: «A estrada da vida» (17 anos).

RIVOLI — As 15 e 30: «A Festa» (17 anos).

ESTÚDIO — As 15 e 30: «As Diabólicas» (17 anos).

TRINDADE — As 15 e 30: «E tudo o vento levava» (17 anos).

BATALHA — As 15 e 30: «A Pádua» (17 anos).

AGUIA DE OURO — As 15 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30: «O homem da aventura» (12 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15: «Fidalgos aventureiros» e «Dragões de violência» (12 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «A Colina da Saudade» (17 anos).

JULIO DINIS — As 15 e 30: «Viva Django» (17 anos).

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro, 04 (Tel. 3-5075) * CAMAREIRA, R. do Heróico, 90 (Tel. 5-2583) * CANAVARRO, R. da Restauração, 53 (Tel. 6-0754) * CONFIANÇA, R. de Santa Catarina, 960 (Tel. 2-2884) * COSTA CABRAL, R. de Costa Cabral, 1832 (Tel. 4-0780) * FIGUEIREDO, Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 2-1620) * FONTE DA MOURA, R. de Tânger, 1463 (Tel. 68-1444) * MONTE DOS BURGOS, R. do M. dos Burgos, 802 (Tel. 6-2279) * MONTE CATIVO, Rua do Monte Cativo, 444 (Tel. 4-1687) * NOVA AVENIDA, Av. Fernando Magalhães, 692 (Tel. 5-2250) * PADRÃO, L. do Padrão, 342 (Tel. 5-2149) * PARENTE, R. das Flores, 114 (Tel. 2-1611) * POMBEIRO, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (Tel. 3-1029) * SÁ DA BANDEIRA, R. de Sá da Bandeira, 236 (Tel. 3-6687) * NACIONAL, R. Senhora da Luz, 56 — Foz (Tel. 68-0831).

COVELO PONTEVEDRA



JOSÉ AMIGO TIÉLAS

FALECEU

Helena Tiélas Alonso, José António e Luís, Maria Alonso Ribeiro, Albina Amigo Tiélas seu marido e filhos, Eudocia Amigo Tiélas e seu marido, Eduardo Tiélas Alonso mulher e filhos, Rosa Tiélas Alonso marido e filhos e mais família participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, genro, irmão, cunhado, tio, sobrinho e primo e que o seu funeral se realiza amanhã, às 21 horas da Igreja de Santa Isabel para o cemitério de Covelo sua terra natal.

As 9 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA BARATA

Homenagem

Na Sala D. Maria dos Paços do Concelho decorre ao fim da tarde, a cerimónia de entrega da medalha de honra da cidade (ouro) à antiga vereadora sr.ª D. Maria José Novais, que, durante cerca de oito anos no desempenho daquele cargo, se impôs à consideração geral.

A Ilustre senhora tem-se dedicado de alma e coração a obras de benemerência. Daí, aquela distinção por parte da edilidade.

Na cerimónia, à qual estarão presentes individualidades de todas as condições sociais, usará da palavra o sr. eng. Veiga de Faria, vice-presidente do Município e a homenageada.

O violento incêndio que, durante a noite, deflagrou na doca n.º 2 (sul) do porto de Leixões e que consumiu mercadorias diversas ali armazenadas (fardos de rapunha de «mayon», madeiras, acessórios eléctricos, tractores e outros) foi dado por extinto já de madrugada.

Esta manhã, contudo, as chamas voltaram a alçar-se, e logo seguiram, de novo, para o local pessoal e material dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça e de Leixões que se empregam, agora, no rescaldo do fogo, e qual mobilizou dezenas de bombeiros, alguns dos quais tiveram de

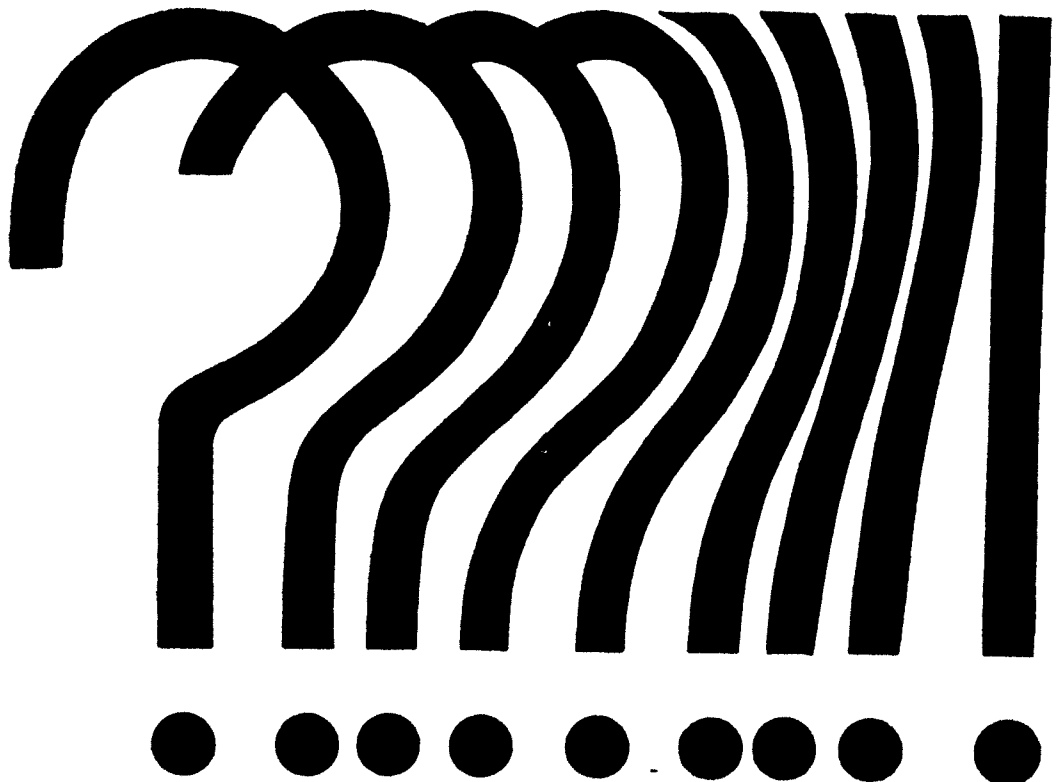
ser socorridos pois sofreram mais de dois mil contos e as causas de alastra ainda não estão determinadas.

Ocorrências policiais

Queixou-se na P. S. P., o sr. Manuel Faria dos Santos, morador na Rua Central do Carvalhido, 540 (Maia), contra seu genro que reside com ele, acusando-o de ter saído de casa, furtando-lhe milhares de escudos.

Dois indivíduos, ainda jovens, seguem pela Avenida Fernão Magalhães, transportando um volumoso embrulho. Porém, ao verificarem que eram observados

por um guarda da P. S. P., largaram o volume e fugiram, em direcção a Contumil, de nada valendo a corrida do polícia para os alcançar. Aberto o embrulho, verificou-se que continha oito garrafas com azeite, dois sacos com legumes, sete barras de sabão, quatro pacotes de detergente e seis moles, coisas que se presume tenham sido furtadas de algum estabelecimento.



CHEGUEI
VI E VENCI...
PORQUE
O MEU BANCO
É O



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

ECOS

SAO muito favoráveis as previsões médicas actuais quanto à vitória total na cura da diabetes. Um medicamento alemão surgiu já no mercado que, em baixas doses, tem o poder de aumentar a insulina e debelar assim a diabetes. Já não se pode dizer que depois do «largatill» não houve qualquer revolução na farmacologia. Há também esperanças no que respeita à eliminação da dor física e dos estados de ansiedade. E, pelo menos, luzes de esperança em relação ao enfarto e ao cancro. Segundo a revista *Oggi Informa*, o jovem professor Silvio Garattini (40 anos), que se encontra à frente do Instituto de Pesquisa Farmacológica «Mário Negri», de Milão famoso em todo o mundo, é de opinião que remédio algum existente mata as células cancerosas deixando vivas as sãs, como seria desejável. Busca-se então impedir a difusão das metástases ou seja, a proliferação do mal. Mas a medicina carece de um elemento de cura quimioterápico unido à intervenção cirúrgica. Seria preciso, ao interpar-se os tumores, injectar uma substância capaz de opor-se à difusão das metástases. Isto é, à reprodução do cancro. Parece que Garattini obteve já, neste aspecto, resultados sensacionais. Mais uma vez se diz — agora em Itália — que daqui a uns dez anos estará encontrada a cura do cancro. E seria, sem dúvida, maravilhoso que desta vez a esperança se confirmasse.

A CIDADE de Beirute, o Paris do Médio Oriente, tem sido ultimamente teatro de acontecimentos violentos, pouco de acordo com a tradicional brandura dos costumes libaneses. Mas haverá, realmente, violência ou brandura que se mantenha, na história de uma civilização, para além das contingências económicas e sociais que determinam, em dado momento, o perfil de um povo? E não estará em vias de mudar essa já clássica silhueta do Líbano pacífico, mercantil, acolhedor, neutralista. Por um lado, os diferentes interesses e o crescente antagonismo das comunidades muçulmana e

e maronita (cristã), por outro lado, os cruentos «raids» israelianos e as infiltrações de fedayin em Israel ameaçam já desequilibrar esse estado de paz mais aparente do que real. Até que a Frente Popular de Libertação da Palestina, de tendência esquerdista, ateu as labaredas de revolta. E outras ondas de cólera podem esperar-se da parte dos 230 000 refugiados palestinos, disseminados por diversos campos do país. O presidente Rachid Karamé acha-se entre dois fogos: a extrema-direita maronita, contrária aos movimentos dos fedayin e encabeçada pelos líderes políticos Chamoun, Edde e Gemayel (que põe condições inaceitáveis) e a opinião socialista e popular favorável a uma evolução do regime, no sentido da democracia económica, e à livre passagem dos fedayin palestinos para o território de Israel. Rachid Karamé é hábil e arguto. Conseguirá, porém, manobrar a sua barca de modo a evitar a desordem, que bem pode preceder uma revolução?

«**ESTATUA** de Sal, é o título do novo livro de Maria Ondina. Um livro muito directo, muito simples, ora triste, ora melancolicamente risonho, rosário de vivências entre a vida e o sonho, bázio belizado pela maré da fantasia em praias distantes, que ecoam a voz pura de uma nostalgia que é alma a desfazer-se e a refluir, a recompor-se, com a vaga crepuscular. «Ou me volto toda para trás (fique embora transformada em estatua de sal) ou me perco neste mundo remoto, como que eterno, de uma raça sem idade. Macau é, portanto, inédito para mim na medida em que eu própria nele me busco. O cenário que contemplo das janelas sobranceiras da sala onde ensino tem em Março o cinzento-estumado do Outono em Inglaterra. Ao anolterer de um dia morno, quando as criadas chinesas se aninham no pátio a tagarelar, o aroma das plantas tropicais traz-me à memória paisagens angolanas. E na distância dos olhos do povo é, umas vezes, a infância, outras vezes a morte, que vêm ter comigo.»

O BLOQUEIO DOS PREÇOS NA HOLANDA O GOVERNO HOLANDÊS ADIANTOU-SE A UMA INTIMAÇÃO DA OPOSIÇÃO

HAIA — Abril. — Parece certo que ao anunciar o bloqueio dos preços, Block, ministro holandês dos Negócios Económicos, quis adiantar-se a uma intimação, por parte da Oposição, acerca da política económica do Governo. A segunda Câmara (Câmara dos Deputados), com efeito, interrompeu as férias da Páscoa para proceder a uma discussão da política de preços. A introdução da taxa sobre o valor acrescentado nos Países Baixos no princípio do ano contribuiu certamente com largueza para desencadear, pelo menos indirectamente, um movimento dos preços bastante alarmante, e que parecia escapar à fiscalização do Governo. O Gabinete Central do Plano previa em 1968 que a alta dos preços não ultrapassaria, em 1969, 5,5%. Em 14 de Março último, atingia já 5,2%. O aumento sensível das margens de lucro e o facto do aumento dos sala-

rios consentido em 1969 se ter repercutido nos preços são as principais razões desta subida espectacular. Outros factores se lhe juntam, em particular um aumento nas rendas de casa entrado em vigor em 1 de Abril, certas medidas governamentais que farão elevar tanto quanto se pode prever hoje — o aumento a 7% em 1969. Aprovadas por unanimidade pelo gabinete de Jong, como é sabido, estão previstas as seguintes medidas:

— Os preços são bloqueados ao nível que atingiram em 14 de Março. Esta disposição tem carácter temporário, porquanto a lei sobre os preços estipula que só é aplicável por um ano no máximo;

— Na medida em que a T.V.A. não justifica semelhante aumento, todos os preços que tiverem sofrido

o aumento superior a 5,2% desde Outubro de 1968 serão diminuídos em consequência;

— Toda e qualquer dedução fiscal sobre os investimentos é suprimida com efeito imediato. O Governo, que realizará deste modo uma economia da ordem

de 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

Por **JEAN FÉLIX-FAURE**

DE «LE MONDE» em exclusivo para o DIÁRIO DE LISBOA

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

dos 130 a 140 milhões de florins (uns 1220 milhões de contos) em 1969, examinará a possibilidade de utilizar este crédito para subvencionar provisoriamente certos produtos alimentares, em especial o leite;

Em três finhas

O contra-almirante Jerónimo Henriques Jorge foi nomeado administrador por parte do Estado na Companhia Colonial de Navegação.

Foi exonerado de vice-presidente da Câmara Municipal de Oeiras o sr. Artur Martinho Simões, e joutado pela «competência, zelo e dedicação com que o exerceu».

D. Margot Schmidt Dias foi contratada como investigadora do Centro de Estudos de Antropologia Cultural da Junta de Investigações do Ultramar, com o vencimento mensal de 6500\$000; e a dr. D. Helena Eugénia Chagas

Pinto Prista Monteiro foi contratada como técnico de 2.ª classe da mesma junta, com o vencimento mensal de 4 mil escudos.

Amanhã, decorre no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarina mais uma lição do Curso de Extensão Universitária, proferida pelo prof. Almerindo Lessa, que vai falar sobre «Explosão e Implosão da Humanidade». A lição inicia-se às 18 horas.

O juiz desembargador do Ultramar, dr. Mário Duarte Moraes, foi colocado no Tribunal da Relação de Luanda, assim como o juiz desembargador dr. Adolfo da Silva e Sousa.

AS TABACARIAS DA CIDADE EXIGEM MAIOR PORCENTAGEM NA VENDA DOS CIGARROS

A venda do tabaco dá lucro ao retalhista? Quem possui uma tabacaria pode dar-se por satisfeito com a percentagem auferida na venda dos maços de tabaco nacional? Das tabacarias da cidade, a percentagem aceitável na venda de tabaco é retahista? Dez por cento — percentagem estabelecida há mais de quarenta anos?

Fomos ouvir os retalhistas atrás dos balcões das tabacarias da cidade, e todos disseram redondamente não aos 10 por cento. Sobre o problema, todos têm opinião há já muito formada: o dia a dia do pequeno comércio ensinam-lhes a serem reivindicativos. Ouçamo-lhes, pois.

O sr. Jerónimo Duarte da Silva, estabelecido com uma tabacaria na Rua da Madalena, prestou-nos as

seguintes declarações: — Como é possível manter-se ainda hoje essa percentagem de 10 por cento

— Nem mesmo assim: escreva-se num papel 10 por cento e ponha-se-lhe uma cruz em cima. Que descanse em paz. — E o segundo sócio: — Porque a concorrência é muita. Vende-se tabaco em toda a parte. E nós, nas tabacarias, a partir de certas horas, não podemos vender determinados artigos... Um bloco de cartas, um caderno escolar, uma caneta, um frasco de cola, não podem ser vendidos depois das 19 horas. Está o tabaco à venda: mas a percentagem, efectivamente, é diminuta. Se o negócio de quinquilharia, como nós lhe chamamos, fosse permitido para além das 19 horas, talvez nos pudessemos defender. Assim, não... mas para além da hipótese de venda de

Joaquim Travaços: «Vinte por cento.»

estabelecida há quarenta anos? Affirmo-lhe que não é uma percentagem decente. Talvez os números expliquem melhor a situação... Quer assentar alguma?

— Faça favor... — Calcule o senhor que é necessário vender 100 maços de cigarros para se ganhar 35 escudos. Para arrecadarmos essa quantia, tão escassa, é preciso que cem clientes venham aqui ao balcão comprar tabaco... Direi ainda que quando as empresas fabricantes de tabaco pretendem lançar no mercado uma nova marca de cigarros gastam milhares de contos em propaganda. Vem na Bolsa que uma acção de Tabacaria vale 12 mil escudos — e as acções da Intar também são bem cotadas. Daí, pois, a sem razão daquela incrível percentagem de 10 por cento.

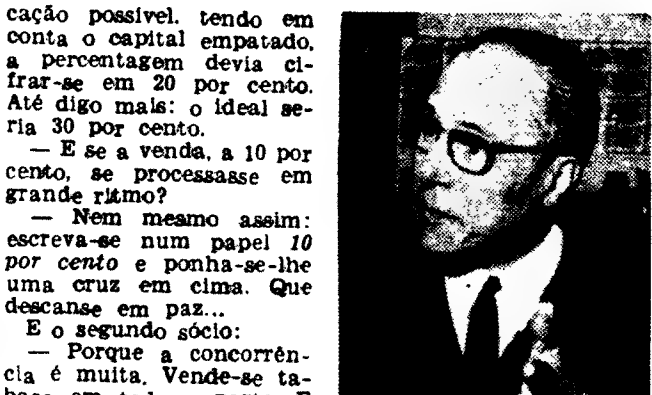
Como era de esperar, a Oposição interpelou na segunda Câmara — e por vezes violentamente — o ministro da Economia, Block, das Finanças, Witteveen, e dos Assuntos Sociais, Roelink. O chefe de fila dos trabalhadores, Den Uyl, apresentou mesmo uma moção de censura contra Block, que não considera capaz de levar a bom termo a execução das medidas preconizadas. A este respeito, esclareceu que o ministro se esgotara nos meses anteriores em argumentos contra o bloqueio dos preços que ora decidiu. Ainda que esta moção tenha sido apoiada por algumas outras facções, foi rejeitada pela Câmara dos Deputados. As medidas de fiscalização dos preços foram por fim aprovadas, a despeito das reservas formuladas pela Oposição.

— Que percentagem propunha o senhor? — Quinze por cento.

★ **Dois sócios e uma opinião: vinte por cento** «O Rei das Canetas», na Rua do Arsenal, é pertença de dois sócios: José Carlos Pereira Cruz e Carlos da Conceição Anjos. Disse-nos o primeiro: — É uma margem de lucro miserável. Dez por cento, na venda de tabaco a retalho, não têm justifi-



Dois sócios de uma tabacaria (José Carlos Pereira Cruz e Carlos da Conceição Anjos) têm idêntica opinião: «Vinte por cento, sim. Dez por cento, não.»



«Quinze por cento» — propõe Domingos Carbo.

Muraram-se ligeiramente na boca do sr. Domingos Carbo, estabelecido na Rua de Santa Justa: — Quinze por cento.

Chamadas telefónicas que fossem feitas para as muitas tabacarias da cidade certamente que nos forneceriam percentagens superiores a 10 por cento — e isto porque, na opinião do sr. Jerónimo Duarte da Silva, nosso primeiro entrevistado, toda a classe de retalhistas de tabaco se encontra unida na defesa de um aumento de percentagem.



Jerónimo Duarte da Silva: «Como é possível manter-se ainda hoje essa percentagem de 10 por cento estabelecida há quarenta anos?»

objectos de quinquilharia e outros artigos, sou de opinião que a percentagem do tabaco vendido a retalho deveria aumentar.

— Para quanto...? — Faço minhas as palavras do meu sócio: vinte por cento.

★ **Um desejo comum** Secas foram as palavras do sr. Joaquim Travaços, proprietário de uma tabacaria na Rua da Palma: — Vinte por cento. Estas três palavras mo-

COLÓQUIO DE EXPORTAÇÃO

Porque estão proibidas em Angola novas plantações de café Robusta

Entrando na fase final, o colóquio «Ao Serviço da Exportação», a efectuar-se na Feira Internacional de Lisboa, ocupou-se hoje de manhã de problemas do comércio externo de certos produtos vegetais, nomeadamente o café e o azeite.

As comunicações apresentadas foram as seguintes. «Algumas considerações sobre a normalização dos produtos agro-florestais, com referência especial ao café», pela Comissão Interministerial do Café; «Aspectos gerais da comercialização do café», pelo Instituto do Café de Angola; «Situação do mercado interno dos produtos sujeitos à disciplina económica da Comissão Reguladora de Oleaginosas e Óleos Vegetais», por esta Comissão Reguladora; e «O azeite como produto de exportação», pela Junta Nacional do Azeite.

O 4.º produtor mundial de café

Diz-se na comunicação do Instituto do Café de Angola:

«Portugal figura como o 2.º grande produtor de Robustas, a seguir à Costa do Marfim, e é também o 4.º produtor mundial de café»

A produção portuguesa está praticamente circunscrita a Angola, a qual produz para cima de duas centenas de milhares de toneladas de Robusta e cerca de 5 mil toneladas de Arábica.

As províncias portuguesas de Timor, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, produzem café, predominantemente Arábica, de fina qualidade, mas a produção total destas províncias, na ordem das 4 mil toneladas, não tem expressão mundial.

«Tendo em vista o excesso da produção sobre o consumo, considerando que

o objectivo fundamental do Acordo Internacional do Café, de que Portugal faz parte, é o equilíbrio entre a oferta e a procura, está actualmente proibido, em todo o território da província de Angola, que sejam efectuadas novas plantações de café Robusta. Estão exceptuadas dessas proibições apenas as substituições de cafeeiros que não impliquem aumento de área cultivada, as plantações de organismos oficiais para fins experimentais e as plantações, por agregados familiares, até ao limite de mil pés. Por outro lado, os organismos oficiais de auxílio agrícola não concedem créditos que sejam destinados ao aumento da cafeicultura.»

«Para terminar este apontamento sobre a comercialização do café de Angola e como índice da sua importância na economia da província, importa referir que cerca de 50% das divisas entradas em Angola provêm da exportação desse valioso produto, cujo valor médio, no último quinquénio, foi de 2 milhões e 842 mil contos, tendo proporcionado, em 1967, réditos no montante de 3 milhões e 570 mil contos.»

Deficiente qualidade do coconote

No começo da sua comunicação, diz a Comissão Reguladora de Oleaginosas e Óleos Vegetais, no capítulo respeitante a óleos e gorduras para fins industriais:

«No capítulo das matérias-primas, a indústria não tem deparado com dificuldades de abastecimento que influenciem a sua competitividade tanto no mercado interno como externo. Apenas se aponta a deficiente qualidade no coconote, sobretudo da Guiné, que restringe as pos-

sibilidades de exportação do respectivo óleo e a da semente de linhaça para a qual se torna necessário recorrer inteiramente ao mercado estrangeiro e em que, dadas as condições de aquisição (pequenas quantidades, fretes altos e falta de barcos apropriados, o que dificulta a compra a granel) os preços finais não permitem à indústria nacional concorrer com os fornecedores internacionais deste óleo.»

E nas conclusões afirma-se:

«Depreende-se do exposto que os produtos sujeitos à disciplina económica desta Comissão Reguladora, salvo os bagaços de oleaginosas e as glicerinas, não detêm condições intrínsecas de exportabilidade, o que é ainda agravado pelo facto dos apare-

PARA BEM EXPORTAR

— Reduzir ao mínimo o número de marcas dum mesmo produto.

lhos produtivos nacionais do sector não estarem apetrechados por forma a poderem competir, favoravelmente, em matéria de preço, com as indústrias estrangeiras congéneres. E, pois que os investimentos previstos para o futuro

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

MOMENTO DE DIÁLOGO

• O colóquio «Ao Serviço da Exportação» está a chegar ao fim. Meio cento de comunicações e umas centenas de intervenções causaram os seus efeitos. Os assistentes e participantes diminuíram, de dia para dia. Mesmo hoje se acentuou essa tendência, apesar de haver o café, como estimulante.

• Alguns problemas levantados, durante a discussão: Se for solucionado o dissídio entre os Estados Unidos e o Brasil acerca do café solúvel, os cafés portugueses sofrerão com isso? Está prevista a exportação de cafés portugueses para a China?

• Respostas do dr. Emílio Fazenda: É evidente que se os Estados Unidos acabarem por aceitar os cafés solúveis brasileiros, industrializados com qualidades inferiores (que um assistente classificou de «concorrência desleal»), isso afectaria a exportação dos cafés de Angola

• Sobre a exportação para a China... mesmo que se encerrassem essa «fuga», nunca isso poderia ser feito através de Hong-Kong. Aliás, «a China dá-se ao luxo de exportar café».

• Está a ser estudado — isso sim — o mercado japonês.



próximo são relativamente restritos, este estado de coisas deve manter-se, a menos que se alterem, num sentido negativo, as condições de produção do estrangeiro.

Reduzida exportação de azeite

«O nosso azeite é consu-

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

Na sessão da tarde foram apresentadas comunicações relativas a conservas de peixe, massas alimentares, bolachas e chocolates e produtos químicos e farmacêuticos.

HOMENAGEM DO ROTARY AO FUNDADOR DAS ALDEIAS S.O.S.

O fundador das Aldeias S. O. S., dr. Hermann Gmeiner, foi homenageado hoje, durante a reunião-almoo do Rotary Clube de Lisboa, a que presidiu o dr. Eduardo Elmer Ufferty, Secretário do dr. António Manuel Nunes de Oliveira e dirigiu o protocolo o eng.º Magalhães Ramalho.

Na mesa da presidência, tomaram lugar o dr. Hermann Gmeiner, fundador da Associação Mundial das Aldeias de Crianças S. O. S., o dr. Hermann Gohn, embaixador da Áustria e sócio do clube, o dr. Reinprecht e esposa, a dr. Maria do Céu Mendes Correia e o dr. António Marcel Correia, directores da mesma Associação em Portugal.

Falou, em primeiro lugar, o presidente que se referiu

à obra da Associação Mundial das Aldeias de Crianças S. O. S., desde a sua fundação em 1919. Tomando, depois, a palavra, o palestrante da sessão, dr. Hermann Gmeiner, que começou por dizer que, na qualidade de fundador das Aldeias de Crianças S. O. S., falava em nome de todas as crianças orfãs e apátridas, de todas as crianças esferizadas e abandonadas deste mundo, para lançar um apelo não somente aos presentes, mas

à humanidade inteira, a fim de por em seu maior esforço para alcançar com a máxima destas orlaças.

Mais adiante, apelou para a missão dos pais como educadores e dirigiu-se às instituições humanitárias, sociais e religiosas para que intensifiquem a sua acção no sentido de ajudarem as orlaças; por fim, apelou para que os homens de Estado e os políticos contassem nas suas decisões com a sorte das crianças e dos jovens.

Os sonhos realizam-se...

... quando pensamos neles

SÁBADO, DIA 3 DE MAIO

10 mil contos por 400\$00

Mil contos por 40\$00

CASA COSTA
75, Rua de S. Paulo — LISBOA

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CHOCOLATES MAGDOLAS
BARRIROS - LISBOA - QUELLES



CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO, LDA.

R. RODRIGUES SAMPAIO, 30-B — LISBOA

Actualidade internacional

AVIÕES A JACTO ISRAELITAS ATACARAM A JORDÂNIA

TEL-AVIV, 29 — (R.) — Foi hoje anunciado oficialmente nesta cidade que jactos israelitas atravessaram hoje o Rio Jordão para calar postos árabes que tinham bombardeado tropas israelitas a sul do Mar da Galileia.

Um informador militar disse que durante o ataque com morteiros e bazookas, vindo do outro lado do rio, ficaram feridos cinco soldados israelitas.

O informador acrescentou que os ataques árabes àquela região começaram com o disparo de um tiro de «bazooka», cerca das 4 horas T.M.G., contra uma patrulha de Polícia a oriente da aldeia de Maoz-Hayyim.

Simultaneamente foram disparados dois tiros de «bazookas» contra outra patrulha mais para o sul, próximo da aldeia de Tirat Zevi. Os israelitas ripostaram, e as patrulhas não tiveram baixas.

Pouco depois foram feridos cinco soldados israelitas durante o ataque de morteiros na área de Maoz-Hayyim.

Hayyim. A artilharia jordana fez vários disparos contra locais a oriente daquela região.

O informador não deu pormenores do ataque aéreo israelita que se seguiu aos bombardeamentos jordãos, mas afirmou que cer-

ca das 5 e 30 T.M.G. tinha sido restabelecida a calma naquela região.

ACUSAÇÃO EGÍPCIA

CAIRO, 29 — (R.) — Mhamoud Riad, ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, acusou a noite pas-

sada Israel de agravar a crise no Médio Oriente, quando os dois lados lutaram durante 11 horas, e seguir ao duelo de artilharia antecorrem travado no Canal de Suez.

Riad discursava na Comissão de Relações Exteriores da Assembleia Nacional sobre o impacto da luta recente ao longo do canal na actual situação política.

Acrescentou que o fogo israelita estava a ser dirigido contra a população civil no canal, e atingia instalações económicas e petrolíferas.

A resignação de de Gaulle dificulta as conversações dos «Quatro Grandes» sobre o Médio Oriente

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 29 — (A. N. I.) — A resignação do presidente de Gaulle provoca novas dificuldades nas conversações dos «quatro grandes» acerca da crise israelo-árabe, que já estavam num beco sem saída — segundo apurou nos círculos diplomáticos o correspondente da U.P.I., Ivan Zverina.

A reacção imediata das delegações árabes foi de apreensão. E um diplomata israelita declarou: «Embora não nos agrade a notícia, não nos entristece». Referia-se ao facto de o general de Gaulle ter tornado dura a sua política em relação a Israel.

A última reunião dos «quatro grandes» foi na terça-feira passada. De então para cá, tem havido apenas contactos bilaterais — mas em Washington, entre o embaixador da Rússia e o assistente do secretário norte-americano de Estado, sem se chegar a acordo sobre o ponto controverso: a retirada das tropas israelitas que ocupam territórios árabes para zonas desmilitarizadas.

PROFUNDO PESAR

CAIRO, 29 — (A. N. I.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros do Egipto, Mhamoud Riad, manifestou hoje o seu «profundo pesar» pela resignação do general de Gaulle.

Riad — cujas palavras são transcritas pelo jornal oficial «Al Ahram» — afirma que «de Gaulle era uma grande personalidade internacional. Esperamos que a França saia mais forte e mais unida do que nunca da presente crise».

O «Al Ahram» faz também votos, no seu editorial, para que não seja alterada a política da França em relação ao Próximo Oriente.

A demissão de O'Neill

(Continuação da 1.ª página)

recenseamento eleitoral nas eleições locais que, na prática, priva do direito de voto uma minoria católica socialmente desfavorecida.

O sucessor provável de O'Neill será Brian Faulkner, antigo vice-primeiro-ministro. Faulkner apresentou abertamente a sua candidatura a sucessão do primeiro-ministro demissionário garantindo que procederá às reformas prometidas num clima de lei e ordem.

O capitão Terence O'Neill apaga-se da cena política. Abandonou a presidência do Partido Unionista e prepara-se para deixar o seu posto de primeiro-ministro do Ulster, que ocupava desde 1963.

O desarmamento da Polícia italiana discutido no Parlamento

ROMA, 29 — (R.) — O Parlamento italiano discutiu a noite passada pedidos para desarmar a Polícia, a seguir a desordens em Battipaglia, cidade do sul da Itália, em consequência das quais foram mortas a tiro duas pessoas e 200 outras ficaram feridas.

Azede debate começou logo após o Governo ter decidido criar uma comissão especial, chefiada pelo ministro do Interior, Franco Restivo, para estudar meios de modernizar as forças policiais e a forma como a Polícia sem usar as armas, pode manter a ordem durante manifestações nas ruas.

Divergências entre os partidos surgiram logo que o debate principiou, esperando-se que ele dure três dias.

0 1 de Maio em Espanha

MADRID, 29 — (A. N. I.) — O Governo espanhol, numa nota oficiosa distribuída pelo Ministério do Interior, anuncia que a Polícia e a Guarda Civil receberam instruções para dominar as agitações para dominar manifestações ilegais no dia 1 de Maio.

Na nota chama-se a atenção do público para a tática subversiva que já está a ser utilizada, com a distribuição de material impresso, em diversas localidades, pedindo aos operários que se manifestem publicamente naquele dia.

No ano passado, em Madrid registaram-se manifestações de rua em que participaram umas quinhentas pessoas e que foram dominadas pela Polícia. Outras manifestações com menor número de participantes ocorreram em Barcelona, San Sebastian e noutras cidades.

Declaração do bispo auxiliar de Bilbao

BILBAU, 29 — (R.) — O dr. José María Cirarda, bispo-adjunto de Bilbao, avisou as autoridades militares contra a violação da Concordata entre a Espanha e a Santa Sé devido à prisão de sacerdotes bascos, e notificou Roma da tensa situação entre a Igreja e o Estado na sua diocese.

Num sermão que pronunciou no fim da semana, nesta cidade, o bispo disse que um acusador militar iniciara o processo para o julgamento em tribunal marcial de sete sacerdotes presos no decurso de investigações acerca das actividades dos extremistas nacionalistas bascos.

Nos termos da Concordata de 1853, não pode ser intentado procedimento legal contra sacerdotes sem au-

torização do bispo. Contudo, afirmou o dr. Cirarda, «neste caso não concede ainda uma única autorização».

Revelou que as autoridades não lhe tinham dado tempo e informações para tomar uma decisão.

«Este facto representa um problema grave no que respeita à Concordata. Tenho repetidas vezes avisado as autoridades judiciais envolvidas no caso e levei todo o assunto ao conhecimento da Santa Sé», acrescentou o bispo.

Na semana passada as autoridades militares detiveram o vigário-geral diocesano para os assuntos pastorais, o segundo mais categorizado funcionário eclesiástico, e somente o soltaram depois do bispo Cirarda protestar publicamente.



A actriz Vanessa Redgrave, de 32 anos, e o actor Franco Nero numa cena do filme «A quint place in the Country». Vanessa, divorciada de Tony Richardson desde 1967, espera agora o nascimento de um filho. «Franco Nero é o pai», afirma a artista.

ACUSAÇÃO RUSSA A MAO

HONG KONG, 29 — (R.) — Rádio Moscovo acusou hoje o presidente Mao Tsé Tung de tentar provocar a histeria da guerra na China, para fazer com que o povo chinês apertasse ainda mais o cinto.

A emissora, numa transmissão em língua chinesa, comentava o comunicado emitido em Pequim após o IX Congresso do Partido, que, entre outras coisas, pedia ao povo chinês que se entregasse a preparativos contra a guerra.

Atiradores

CAIRO (Illinois), 29 — (R.) — Ontem à noite, nesta cidade onde reina a inquietação devido às questões raciais, alguns atiradores emboscados dispararam contra os bombeiros quando estes combatiam um incêndio num centro de Seul.

Em Winston Salem, na Carolina do Norte houve pela segunda noite consecutiva cenas de pilhagem e actos de vandalismo, em que pela primeira vez foram disparados tiros contra a Polícia.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Santos e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Aeroporto de Alameda em Póvoa do Varzim, a partir das 20 horas.

Jeanneney substitui Capitant

PARIS, 29 — (F. P.) — Jean-Marcel Jeanneney, ministro de Estado, sobressa, interinamente, a pasta da Justiça anuncia um decreto — o primeiro assinado por Alain Pöher — hoje publicado no «Journal Officiel».

Jean-Marcel Jeanneney substitui René Capitant, que ontem se demitiu das suas funções de ministro da Justiça. Numa carta dirigida ao presidente interino, Capitant afirmava que não podia continuar a fazer parte do Governo que ia ser presidido por Alain Pöher.

Na opinião de Capitant, Alain Pöher desempenhou um papel «demasiado determinante» na campanha contra o projecto de lei referendário, cuja rejeição implicou a saída do general de Gaulle do Poder.

Pompidou candidato

(Continuação da 1.ª página)

Pompidou desempenhou um papel predominante na campanha gaullista do referendo, mas a sua presença como uma importante alternativa eliminou em muitos franceses o receio das consequências de um «não» no referendo.

Logo a seguir à manhã do referendo, começaram a surgir em toda a França comissões locais de apoio a uma candidatura de Pompidou.

O velho anúncio da sua candidatura, dá-lhe vantagens políticas sobre a esquerda e sobre o centro.

INTERREGNO DE 20 A 25 DIAS

PARIS, 29. — (A. N. I.)

O dia 1 de Junho é considerado a data mais provável para as eleições presidenciais em França, nos termos da Constituição, que determina um interregno de vinte a trinta e cinco dias entre a nomeação do presidente interino e o sufrágio para a escolha de um novo chefe de Estado. Se for necessário um segundo escrutínio por nenhum dos candidatos ter conseguido uma maioria significativa, realizar-se-á no dia 15 do mesmo mês.



FÉRIAS

VAI PASSÁ-LAS AO ESTRANGEIRO?

APRENDA A FALAR

FRANCÊS - INGLÊS E ALEMÃO

EM 10 SEMANAS PELO MÉTODO AUDIO-VISUAL

AV. Almirante Reis, 63-1.º — LISBOA — Tel. 45293

5 DE MAIO

Ótimos cursos INTENSIVOS deste Ano Lectivo

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DOMINA JÁ A VIDA POLÍTICA FRANCESA

PARIS, 29 — (F. P.) — A eleição presidencial domina já a vida política em França, onde os homens e as formações políticas iniciaram conversações discretas. É quase certo, para os observadores, que Georges Pompidou será o candidato dos gaullistas. Um pouco por toda a França, constituem-se «comissões de apoio à candidatura de Pompidou» e Philippe Dechartre, secretário de Estado do Equipamento, acaba de proporcionar ao antigo primeiro-ministro a colaboração de uma parte

da esquerda gaullista, a da União da Esquerda da Quinta Republica.

O nome de Alain Poher é proposto por muitos, como candidato centrista. Mas uma frase de Giscard d'Estaing, chefe dos republicanos independentes, e uma declaração de Antoine Pinay, antigo presidente do Conselho, causaram muito interesse. Disse Giscard que, após um «homem de excepção», se precisava de uma «candidatura do apaziguamento», que levasse à presidência um «homem experimentado, não comprometido nas lutas políticas dos últimos anos entre maioria e oposição, aberto à Europa, capaz de reunir em vez de dividir, capaz de restituir a cada um a confiança perdida». Com razão ou sem ela, houve logo quem reconhecesse o retrato de Pinay. Também há quem ache que Giscard se referia a Poher, mas, de qualquer forma, Antoine Pinay foi entrevistado e respondeu que «não pedia nada, não desejava nada, não era candidato de nada». Mas, «se as circunstâncias o exigissem e ele fosse solicitado, não poderia recusar-se».

No centro, homens como Jacques Duhamel poderiam aderir a uma candidatura de Pinay, se Poher não fosse candidato.

Na esquerda, a palavra mestra é «união». Os comunistas de Waldeck Rochet e a Convenção Republicana de Mitterrand lançaram um apelo a todos os Parti-

dos da esquerda no sentido de uma união indispensável. A noite passada, algumas personalidades foram a casa de Mitterrand pedir-lhe que se candidate. Contudo, os socialistas de Guy Mollet mostram-se renitentes quanto a um arranjo com os comunistas.

Esta manhã, os cinco grupos parlamentares deviam reunir-se separadamente para examinar a situação política. Antes dessas reuniões, esperava-se que Georges Pompidou tornasse pública a sua candidatura.

Tranquilidade em França

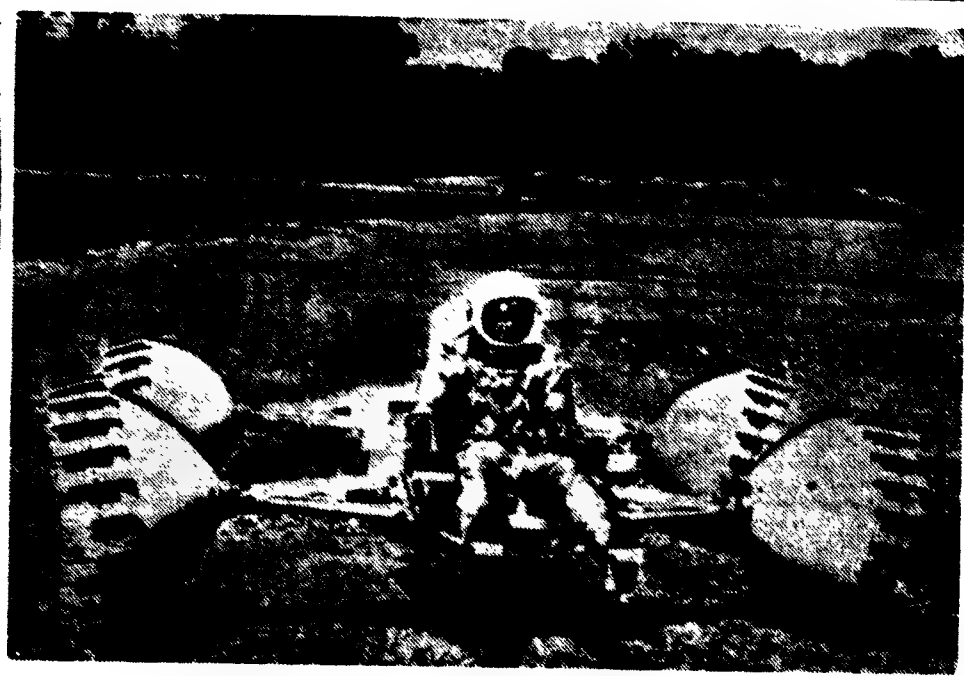
PARIS, 29 — (R.) — A França permanece hoje calma, embora deprimida, quando o general de Gaulle iniciava o seu novo exílio político na sua residência de campo em Colombey-les-Deux-Églises.

A despeito de avisos do Governo de perturbações profundas que se seguiriam à demissão do presidente, o franco continuava fraco, mas resistente, e os revolucionários, que trouxeram o país à beira do caos, em Maio passado, continuavam nas sombras.

Desde que os gaullistas utilizaram a crise da Primavera passada como um trampolim para uma vitória eleitoral sem precedentes, os elementos radicais da França aprenderam que uma manobra mal estudada da sua parte apenas pode servir para fortalecer o poder dos conservadores.

Grandes desordens nos últimos dias teriam sido muito bem acolhidos pelo Governo e poderiam ter inclinado a balança a favor do presidente de Gaulle.

Tem, também, de ser considerado que o Exército poderia não ficar impassível perante uma crise grave que novas desordens, à escala das de Maio, poderiam provocar agora — factor que os revolucionários, assim como muitos observadores, conhecem.



Este veículo lunar, em experiências nos E. U. A., custou 400 mil dólares (cerca de 116 000 contos). Construído pela Grumman Aircraft, destina-se a ser utilizado pelos astronautas nos «desertos» da superfície da Lua. Como se sabe, a primeira alunagem está prevista pela NASA para Julho próximo

TREMOR DE TERRA NA CALIFÓRNIA

LOS ANGELES, 29. — (R.) — Registou-se ontem um sismo no Sul da Califórnia, mas as primeiras notícias revelam que causou poucos estragos.

O abalo tectónico, que atingiu entre 5,5 e 6 na escala de Richter (um estremecimento razoavelmente violento), ocorreu na região de San Diego, ao Sul desta cidade, e foi sentido nas planícies a Leste de Los Angeles.

A Itália importará mais vinho do Porto

ROMA, 29 — (A. N. I.) — Embora esteja a restringir as importações de bebidas estrangeiras, por ser um dos maiores produtores e exportadores europeus neste sector, a Itália decidiu aumentar as importações de vinho do Porto em mais 110 000 dólares (cerca de três mil contos).

Esta decisão tem por fim contribuir para o equilíbrio da balança comercial, agora favorável à Itália.

ROMAGEM A FÁTIMA POR INTENÇÃO DAS MELHORAS DO PRESIDENTE SALAZAR

COMBOIO ESPECIAL NO DOMINGO, 4 DE MAIO

A C. P., associando-se à iniciativa da romagem que vai promover-se ao Santuário de Fátima no domingo 4 de Maio, anuncia a realização de um comboio especial com o seguinte horário: BDA — 8.45, Lisboa (Santa Apolónia); 9.12, Vila Franca de Xira; 9.51, Santarém; 10.17, Entroncamento; 10.35, Fátima (estação).

VOLTA — 18.10, Fátima (estação); 18.30, Entroncamento; 18.57, Santarém; 19.37, Vila Franca de Xira; 20.06, Lisboa (Santa Apolónia).

Mais informa que estão assegurados os transportes de camionagem entre a estação e o Santuário de Fátima, sendo os preços de ida e volta, incluindo a camionagem de ligação ao Santuário, os seguintes:

De Lisboa e Vila Franca de Xira	70800
De Santarém	43500
De Entroncamento	35800

Os passageiros que embarcaram em Lisboa podem adquirir os bilhetes tanto na estação de Lisboa (Santa Apolónia) como na de Lisboa (Rossio).

Preparativos para o voo lunar do dia 18

CAPE KENNEDY, 29 — (F. P.) — Devido a um erro nas válvulas do sistema de pressurização, derramaram-se alguns milhares de litros de querosene do primeiro andar do foguetão «Saturno 5», que lançará a «Apollo 10». Um primeiro exame mostrou que o foguetão não sofreu estragos, mas a N. A. S. A. tomou a decisão de abrir um inquérito para apurar as causas do acidente.

Hoje, a tripulação da «Apollo 10» — coronel Thomas Stafford e capitães John Young e Eugene Cernan — procederá ao último ensaio antes do lançamento da cabina, que terá lugar no dia 18.

O programa do voo «Apollo 10» prevê que os três cosmonautas fiquem 61 horas em órbita lunar. Depois, Stafford e Young entrarão no «módulo lunar» e sobrevoarão a superfície da Lua a uma altitude de 15 240 metros.

POSSIBILIDADES SOVIÉTICAS

WASHINGTON, 29 — (F. P.) — Seria muito surpreendente que os russos pudessem bater os norte-americanos na corrida para a Lua; seria, mesmo, sur-

preendente que pudessem desembarcar na Lua antes de dois anos — declarou o dr. Thomas Payne, director da N. A. S. A., perante a Comissão Senatorial do Espaço.

Todavia, o chefe da agência espacial reconheceu que as informações de que os norte-americanos dispõem sobre os projectos e as possibilidades dos soviéticos neste domínio «não assentam em bases muito sólidas».

O director da N. A. S. A. apoiou o pedido apresentado pelo presidente Nixon de 3,7 milhões de dólares suplementares para o programa espacial.

ESTAÇÃO ORBITAL NORTE-AMERICANA

WASHINGTON, 29 — (F. P.) — A N. A. S. A. convidou os construtores da indústria aeroespacial a submeterem-lhe, antes de 9 de Junho, planos para a colocação em órbita de uma estação espacial permanente, que possa albergar 12 cosmonautas.

Esta estação será, acrescenta a N. A. S. A., o primeiro elemento de um laboratório orbital com capacidade para 50 pessoas.

Baixa do franco e da libra

PARIS, 29 — (F. P.) — Nova baixa do franco e da libra esterlina nos mercados de câmbio, alta do ouro nos mercados livres (todos os recordes batidos em Paris), continuação da subida dos cursos dos valores nos mercados financeiros: tais foram as primeiras consequências da abertura de uma crise política em França, depois da demissão do general de Gaulle, motivada pela sua

derrota no referendo de anteontem.

É no plano monetário internacional que a situação criada por esta crise parece mais delicada.

Mas a manutenção do «controle» dos câmbios em França com maior rigor e, por outro lado, o jogo da solidariedade nos principais bancos centrais, mais necessária do que nunca, deveriam permitir, segundo os especialistas, dobrar este difícil cabo e evitar, num futuro próximo, «acidentes graves» para as suas moedas mais ameaçadas: o franco e a libra.

No plano interno, muita coisa dependerá do eventual recomeço da agitação nos dois sectores onde já existia antes do referendo: no mundo operário e entre os comerciantes e artífices.

Ora, os observadores pensam geralmente que a «trégua» tacitamente observada durante a campanha referendaria será prolongada, pelo menos, até à eleição presidencial prevista para o fim do mês de Maio ou princípio de Junho.

Os sindicatos deverão esperar a entrada em funções do novo Governo para terem um interlocutor que não seja apenas para tratar de «assuntos correntes».

O cardeal francês Villot será o futuro secretário de Estado

—admite-se no Vaticano

CIDADE DO VATICANO, 29 — (R.) — O Papa Paulo VI vai escolher o cardeal francês Jean Villot, de 63 anos, para seu secretário de Estado, o mais alto cargo na administração da Santa Sé, segundo afirmaram a noite passada fontes bem informadas.

Contudo, um informador do cardeal afirmou: «Nada sabemos acerca disso». Se as fontes deram uma

notícia exacta, o cardeal Villot sucederá ao cardeal italiano Amleto Cicognani, que foi nomeado secretário de Estado pelo falecido Papa João XXIII, em 1961.

O cardeal Cicognani, que tem agora 86 anos, deve retirar-se, segundo se espera, dentro de algum tempo.

Aguardava-se geralmente que o Santo Padre anunciasse a nomeação do cardeal Villot durante o consistório secreto de ontem para a escolha de 33 novos cardeais e poderá tê-lo feito sem divulgar imediatamente a decisão, segundo disseram fontes do Vaticano.

O cardeal Villot, que é actualmente prefeito da Sagrada Congregação para o Clero, no Vaticano, foi nomeado cardeal pelo Papa Paulo VI em Janeiro de 1965.

Antigo arcebispo de Lyon, atraiu a atenção do Santo Padre pelo seu papel como subsecretário do Concílio Ecuménico Vaticano II.

Considerado como um prelado de opiniões moderadas, o cardeal Villot adquiriu experiência considerável dos problemas modernos da Igreja como presidente do Secretariado do Episcopado Francês, cargo que antes ocupou.

Como vantagem adicional para um possível secretário de Estado, o cardeal Villot vive em Roma há bastante tempo e fala fluentemente o italiano.

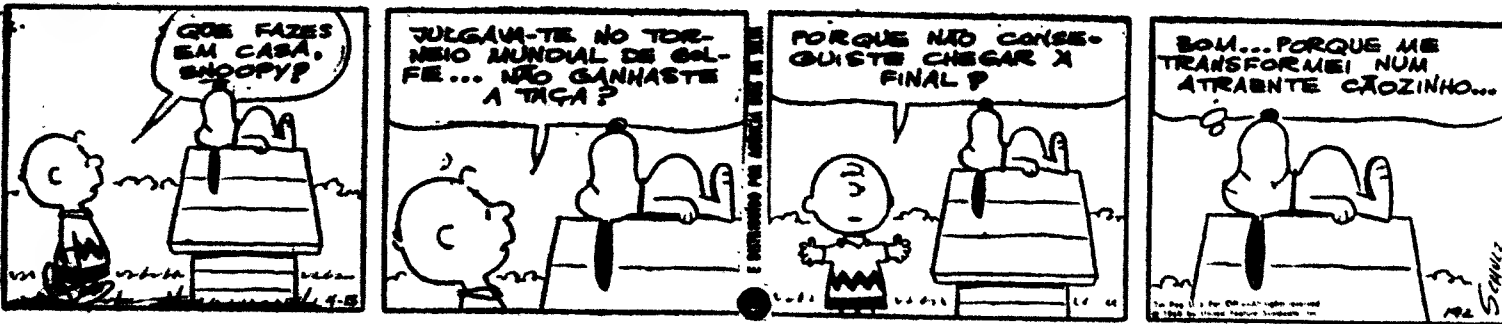
NOVO CALENDÁRIO LITÚRGICO

VATICANO, 29 — (F. P.) — Haverá menos santos com festa celebrada por toda a Igreja e mais santos que poderão receber culto local (nacional ou diocesano). Esta é uma das consequências da adopção do novo calendário litúrgico ontem anunciado pelo Papa.

O novo calendário caracteriza-se também por um maior rigor histórico nas datas das festas litúrgicas.

av. Alm. Reis-91-A-Lisboa

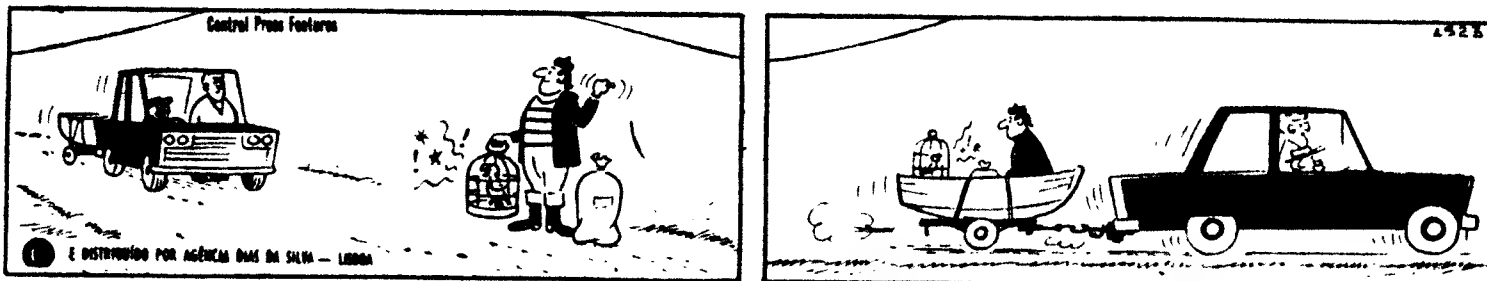
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

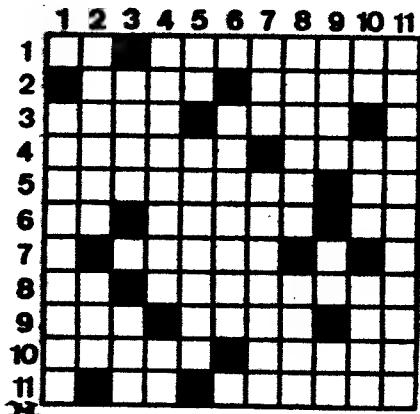
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5162

HORIZONTAIS: 1 — Qualquer Tomam a agachar. 2 — Clima. Colérica. 3 — Ara. Ecom. 4 — Abertura involuntária da boca, com aspiração e expiração do ar. Dividir ao meio. 5 — Enchi até exceder os bordos. Nota de música. 6 — Nada. Aves semelhantes aos patos. Antes de Cristo. 7 — Vendeis a crédito. 8 — Oferta. Cidade da Sicília, onde nasceu Arquimedes. 9 — Ena. Vila e porto de mar da Guiné Portuguesa. Sufixo que designa ação, qualidade, estado. 10 — Comprido. Apreciável. 11 — O domar dos pequeninos. Queremos muito.

VERTICAIS: 1 — Sacudidela. 2 — Feixe de folhas de tabaco. Escudeiro. 3 — Parco. Espaço de tempo. 4 — Banis. Rio da Guiné portuguesa, afluente do Mansoa. 5 — Pertences. Israelita. 6 — Limiar. 7 — Prego de pau para obras de cortiça. Experimentam. 8 — Um dos principais personagens de «Os Três Mosqueteiros». Virgula. 9 — Escassez. Conjunção. Preposição. 10 — Artigo (pl.). Faleira. Vontade de dormir. 11 — Mandarinas.

Resolva completamente este problema? Procura agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5162

HORIZONTAIS: 1 — GUARDA. Ugar. 2 — Lameira. Are. 3 — Loja. Pede. 4 — Use. Madona. 5 — Latipide. Ar. 6 — Ata. Ama. 7 — PRADO. Anda. 8 — Medre. Uis. 9 — Eia. CRIARAS. 10 — Carne. Abone. 11 — Aurora. As.

VERTICAIS: 1 — Gl. Lá. Meca. 2 — Ualua. Peia. 3 — Amostardora. 4 — Releitor. Nu. 5 — Dia. Pedecer. 6 — Ar. Me. 7 — Opada. Fier. 8 — Edema. Aba. 9 — GADO. Anuro. 10 — Arena. Diana. 11 — Ré. Armasses.

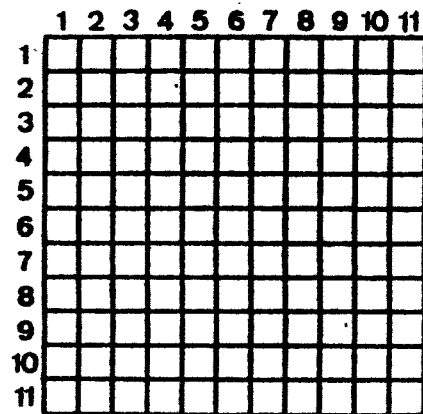
(Provérbio: GUARDA PRADO CRIARAS GADO).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9006

HORIZONTAIS: 1 — Termo. De alto preço. (pl.). 2 — Prende. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Povoação do concelho de Condeixa. 3 — Nome de mulher. Fazer voar. 4 — Regresso. Letra grega. 5 — Arvoras. 6 — Preposição e artigo definido (inv.). Almostra. 7 — Astuto. 8 — Limpa com vassoura. Crosta que se forma sobre os dentes que não são limpos. 9 — Entantece. Vassourar a fôrma depois de aquecido. 10 — Hora do ofício divino. Fecha os asos para descer mais depressa. Tanto. 11 — Pronome demonstrativo (pl.). Espiga.

VERTICAIS: 1 — Qualidade. Nome de mulher. 2 — Rei da Baviera que atacado de loucura foi encarcerado no castelo de Fustenberg. Escudeiros. 3 — Lista. Cidade de França. 4 — Pequeno país na vertente meridional dos Pirenéus, entre a França e Espanha. 5 — Artigo definido. Louco. Abreviatura de Santíssimo. 6 — Símbolo químico do ouro. Letra grega. 7 — Clero (s. a.). Esva. ziais. Prato (s. a.). 8 — Acorrentar. 9 — Ord. nários. Demente. 10 — Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Verdadeiro. 11 — Curam. Serra de Portugal (Bragança).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9006

HORIZONTAIS: 1 — Tabor. Sopas. 2 — Urano. Órgão. 3 — Dó. De. Vã. Re. 4 — Olear. Assar. 5 — Al. Ia. 6 — Arc. Per. 7 — A. C. Sôfia. Cã. 8 — Moa. Par. MPV. 9 — Erra. Omitt. 10 — Goma. Girar. 11 — Alois. Amora.

VERTICAIS: 1 — Tudo. Tâmega. 2 — Aroia. Coral. 3 — Ba. Ela. Arrã. 4 — Onda. Rs. Ari. 5 — Roer. Copias. 6 — Fa. 7 — Sova. Piraga. 8 — Oras. Ea. Mim. 9 — Pg. Sir. Miro. 10 — Aarão. Citar. 11 — Soer. Tavira.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Abril de 1939 publicava:

«JERUSALEM, 29.—Assistam-se várias agressões e atentados. Um árabe assassinou um judeu. Os rebeldes que se haviam refugiado na Transjordânia foram desalojados das suas posições, depois de um combate com as forças fronteiriças apoiadas pela aviação. Os rebeldes, cujas forças estão avaliadas em 200 homens, tiveram pesadas perdas. A dar crédito às primeiras notícias, parece que morreram em combate o chefe Abu Mahmud e o seu lugar-tenente Abu Fehmed.»

EXCURSÃO DA C. P.

3 e 4 de Maio

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos próximos dias 3 e 4 de Maio, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Mangualde, Fornos de Algodres, Celorico da Beira, Guarda, Belmonte, Covilhã, Penhas da Saúde, Nave, Torre Sabugueiro, Seia e Nelas, incluindo a viagem no comboio automotor FIAI (1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em autocarro, com jantar e alojamento na Guarda, no dia 3, e almoço na Covilhã, no dia 4.

PREÇOS

(Incluindo o serviço de jantar no comboio FIAI na viagem de regresso)

MODALIDADE 1

590\$00

MODALIDADE 2

510\$00

Só transporte, em caminho de ferro (ida e volta):

De Lisboa a

Combua B. 110\$00

Luso. 122\$00

Santa Comba Dão. 136\$00

Nelas. 152\$00

Mangualde. 157\$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria do Carmo Barroso (Herdeiros), Av. Major Joaquim José Paiva, 10, 3.º-D.

LICEU - INSTITUTOS

CURSOS DE LINGUAS

FRANCÊS * INGLÊS * ALEMÃO

Bem apetrechados Laboratórios

- Escola São-Vicente — Rua do Paraíso, 28 — T.865904
- Externato Marquês de Pombal — Rua Carrilho Videira, 10 — T. 834658 — Rua Edith Cavell, 8. 1.º T. 820221

Manter-se-ão aulas em Agosto e Setembro



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«PÁTRIA»

a sair em 6 de Maio
às 12 horas

«BENGUELA»

a sair em 6 de Maio

«LOBITO»

a sair em 17 de Maio

«INFANTE D. HENRIQUE»

a sair em 30 de Maio
às 12 horas

Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA

Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 1 a 4 de Maio

Com escala prévia por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 15 de Maio.

Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 24 a 28 de Maio

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

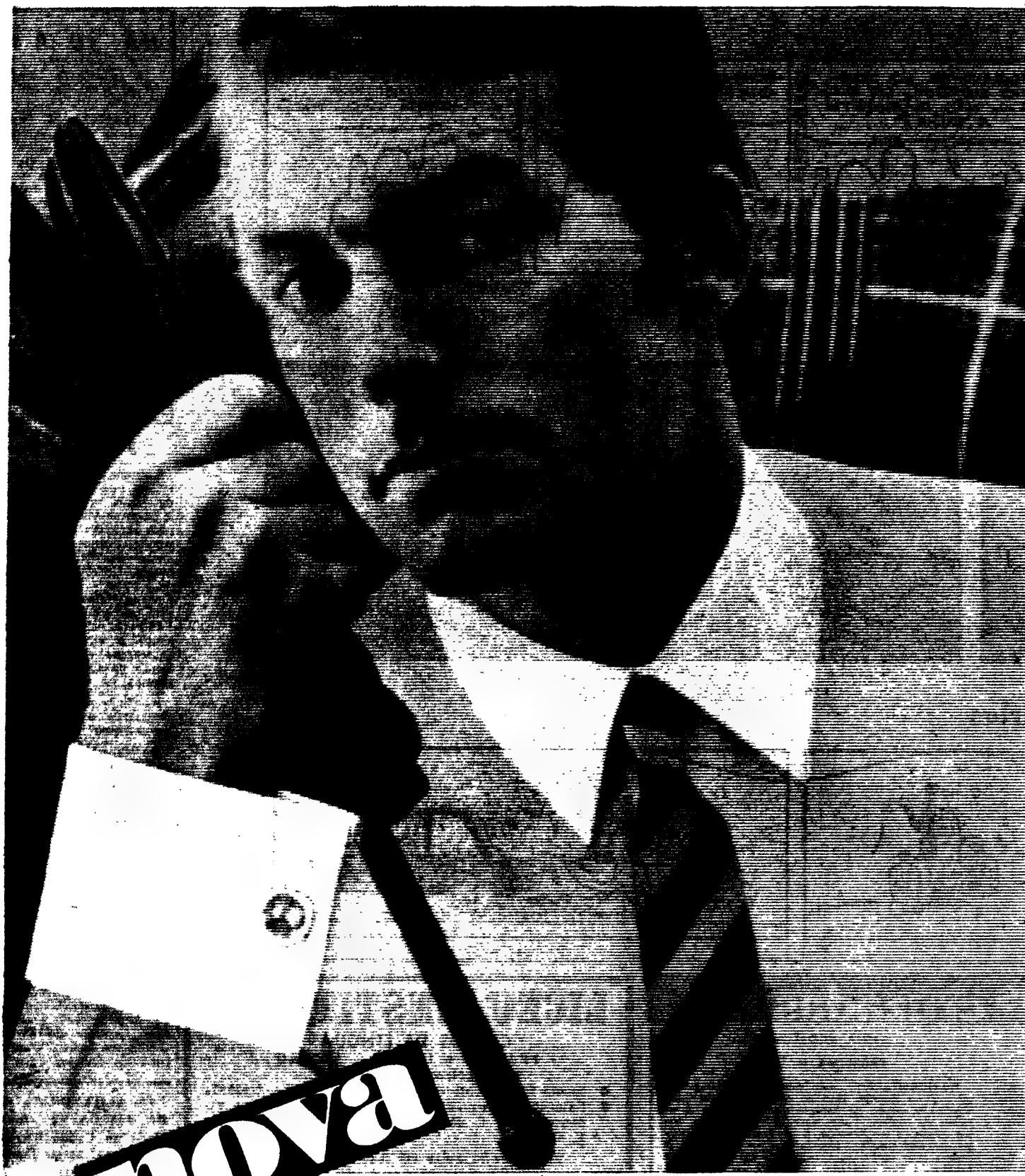
«SANTA MARIA»

a sair em 27 de Maio
às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIIRA e CURAÇAU

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42



nova

Camisas Stoffels splendesto®

Duas vezes mais duráveis!

De uma forte resistência o novo tecido fabricado pela Stoffels, acaba com os problemas da constante deformação do colarinho e dos punhos que geralmente sofrem mais na lavagem.

Verifique em si próprio estas novas qualidades da Camisa Stoffels splendesto... O colarinho mantém-se sempre impecável e os punhos permanecem firmes e perfeitos.

Camisas Stoffels splendesto — De corte distinto e perfeito. Sempre permanecem impecáveis. À sua escolha:

- Em branco e em cores suaves com um colarinho suplente
- Também em qualidade super-leve cambráia



Símbolo do Algodão
Mais saudável
Mais confortável

Resultados? — Formidável! —

A melhor Camisa:

- Tem uma autêntica vida dupla, graças à única e resistente textura agora utilizada no colarinho e nos punhos.
- Mais saudável e agradável de vestir pois absorve a transpiração por ser o corpo da camisa de fina popelina de 100% algodão puro.
- Fácil de lavar, também na máquina.
- Nunca precisa ser passada a ferro.



TECIDO SUIÇO

HABILITAÇÃO

CARTÓRIO NOTARIAL DE MOITA

NOTÁRIO LICENCIADO EM DIREITO,

LIDIA RODRIGUES MAIA DEVEISA

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeito de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas número A TREZENTOS E DOIS de folhas trinta e oito a folhas trinta e nove verso, se encontra exarada com a data de dez de Abril corrente, uma escritura de habilitação Notarial por óbito de JOSÉ CABRITA que também usava o nome de JOSÉ CUSTÓDIO CABRITA JUNIOR, natural da freguesia de Anunciação, concelho de Setúbal, com a sua residência habitual na Rua António Patrício, dezasseis, terceiro andar em Lisboa, falecido no dia um de Julho de mil novecentos e sessenta e oito na freguesia de Campo Grande, concelho de Lisboa, no estado de casado em primeiras núpcias de ambos e sob o regime de comunhão geral de bens com Georgina Evangelista Guilherme natural da freguesia de Alhos Vedros, concelho de Moita, actualmente viúva e com a sua residência habitual na referida morada na Rua António Patrício. Que o autor da herança faleceu sem descendentes ou ascendentes vivos e deixou testamento feito em vinte de Março de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrado de folhas trinta e uma verso a trinta e duas verso no livro número trinta e dois das notas deste cartório. Que nesse testamento instituiu sua única e universal herdeira a sua mulher dita Georgina Evangelista Guilherme. MAIS CERTIFICO que não há outras pessoas que segundo a lei, preferam à indicada herdeira ou com ela possam concorrer na sucessão à herança do mencionado José Cabrita ou José Custódio Cabrita Junior, por morte do qual não há lugar a inventário obrigatório.

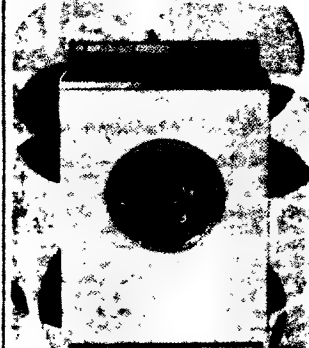
Cartório Notarial de Moita, aos quinze de Abril de mil novecentos e sessenta e nove

A Ajudante do Cartório Notarial de Moita

MARIA LUISA REIMÃO
CASENAVE

VEJA AS NOVAS
MÁQUINAS DE LAVAR
AUTOMÁTICAS

RELAX



RELAX USE
EXTRAORDINÁRIA ACÇÃO
DE LAVAGEM E SECAGEM
MODELOS DE 10 A 14
PROGRAMAS, E COM
ECONOMIZADOR

a venda nas boas lojas

RAFAEL BURQUETE LDA

100-101-102-103-104-105-106-107-108-109-110-111-112-113-114-115-116-117-118-119-120-121-122-123-124-125-126-127-128-129-130-131-132-133-134-135-136-137-138-139-140-141-142-143-144-145-146-147-148-149-150-151-152-153-154-155-156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168-169-170-171-172-173-174-175-176-177-178-179-180-181-182-183-184-185-186-187-188-189-190-191-192-193-194-195-196-197-198-199-200-201-202-203-204-205-206-207-208-209-210-211-212-213-214-215-216-217-218-219-220-221-222-223-224-225-226-227-228-229-230-231-232-233-234-235-236-237-238-239-240-241-242-243-244-245-246-247-248-249-250-251-252-253-254-255-256-257-258-259-260-261-262-263-264-265-266-267-268-269-270-271-272-273-274-275-276-277-278-279-280-281-282-283-284-285-286-287-288-289-290-291-292-293-294-295-296-297-298-299-300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315-316-317-318-319-320-321-322-323-324-325-326-327-328-329-330-331-332-333-334-335-336-337-338-339-340-341-342-343-344-345-346-347-348-349-350-351-352-353-354-355-356-357-358-359-360-361-362-363-364-365-366-367-368-369-370-371-372-373-374-375-376-377-378-379-380-381-382-383-384-385-386-387-388-389-390-391-392-393-394-395-396-397-398-399-400-401-402-403-404-405-406-407-408-409-410-411-412-413-414-415-416-417-418-419-420-421-422-423-424-425-426-427-428-429-430-431-432-433-434-435-436-437-438-439-440-441-442-443-444-445-446-447-448-449-450-451-452-453-454-455-456-457-458-459-460-461-462-463-464-465-466-467-468-469-470-471-472-473-474-475-476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487-488-489-490-491-492-493-494-495-496-497-498-499-500-501-502-503-504-505-506-507-508-509-510-511-512-513-514-515-516-517-518-519-520-521-522-523-524-525-526-527-528-529-530-531-532-533-534-535-536-537-538-539-540-541-542-543-544-545-546-547-548-549-550-551-552-553-554-555-556-557-558-559-560-561-562-563-564-565-566-567-568-569-570-571-572-573-574-575-576-577-578-579-580-581-582-583-584-585-586-587-588-589-590-591-592-593-594-595-596-597-598-599-600-601-602-603-604-605-606-607-608-609-610-611-612-613-614-615-616-617-618-619-620-621-622-623-624-625-626-627-628-629-630-631-632-633-634-635-636-637-638-639-640-641-642-643-644-645-646-647-648-649-650-651-652-653-654-655-656-657-658-659-660-661-662-663-664-665-666-667-668-669-670-671-672-673-674-675-676-677-678-679-680-681-682-683-684-685-686-687-688-689-690-691-692-693-694-695-696-697-698-699-700-701-702-703-704-705-706-707-708-709-710-711-712-713-714-715-716-717-718-719-720-721-722-723-724-725-726-727-728-729-730-731-732-733-734-735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746-747-748-749-750-751-752-753-754-755-756-757-758-759-760-761-762-763-764-765-766-767-768-769-770-771-772-773-774-775-776-777-778-779-780-781-782-783-784-785-786-787-788-789-790-791-792-793-794-795-796-797-798-799-800-801-802-803-804-805-806-807-808-809-810-811-812-813-814-815-816-817-818-819-820-821-822-823-824-825-826-827-828-829-830-831-832-833-834-835-836-837-838-839-840-841-842-843-844-845-846-847-848-849-850-851-852-853-854-855-856-857-858-859-860-861-862-863-864-865-866-867-868-869-870-871-872-873-874-875-876-877-878-879-880-881-882-883-884-885-886-887-888-889-890-891-892-893-894-895-896-897-898-899-900-901-902-903-904-905-906-907-908-909-910-911-912-913-914-915-916-917-918-919-920-921-922-923-924-925-926-927-928-929-930-931-932-933-934-935-936-937-938-939-940-941-942-943-944-945-946-947-948-949-950-951-952-953-954-955-956-957-958-959-960-961-962-963-964-965-966-967-968-969-970-971-972-973-974-975-976-977-978-979-980-981-982-983-984-985-986-987-988-989-990-991-992-993-994-995-996-997-998-999-1000

ADMISSÃO DE SERVENTES

Nos Hospitais Cívicos de Lisboa — Serviço de Pessoal do Hospital de S. José — aceitam-se inscrições até ao dia 9 de Maio próximo, para o concurso documental para a admissão de serventes.

Os candidatos deverão obedecer às seguintes condições:

- Idade: mais de 21 e menos de 35 anos;
- Habilitações literárias; 2.º grau de instrução primária;
- Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Notícias; 16 e 15: Canções por Ronnie Van; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo das Açores, pelo dr. Carneiro da Costa; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos ligeiros; 19 e 50: Informação de Rádio Rural — Música só musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 10.º Episódio do Folhetim «O Imortal de Florença»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Maria do Espírito Santo; 22 e 50: Melodias por Billy Larkin e The Delegates; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16: Festival de Saint-Maximin de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão — Televisão Francesa; 16 e 23: Música de câmara; 17: Discos raros — Interpretações do soprano Frieda Leider — Obras de Verdi, Mozart e Wagner; 17 e 30: Perspectivas da Música de Bailado de Compositores Norte-Americanos — Fancy Free (Leonard Bernstein); 18 e 30: Rádio Educativa (Audi-

tória Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: Música de câmara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de Arco — Introdução e Fuga (Jones), pelo violinista Hyman Bress; 20 e 30: A Ópera «O Turco em Itália» (Rossini), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — As 23: Música Portuguesa; 23 e 40: Sonata para violino e piano (Ravel); 0 h: Canções pelo tenor Jussi Björling. Ao piano Frederick Schauwecker; 0 e 15: Círculo «A Sonata» — Os Mestres de Viena.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — As 19 e 10: Rádio Universidade.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 6: Programação C. D. C.; As 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura noticiária; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música Tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talmá.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa;

19 e 04: Em 6-bit; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa do G6-G6; 0 e 02: Alto Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Momento teatro; 19 e 03: Miscelânea; 9 e 17: Brasil; 19 e 30: Robbitalac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Piacard; 20 e 21: Noite da vida; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 22 e 02: O Santo; 22 e 15: Rhythms; 22 e 30: Presença combrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiorama; 18: Fados de Lisboa; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Os nossos artistas; 21 e 45: Música da banda sonora do filme «Funny Girl»; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONA ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 9 e 30 às 22: **Clube Radifónico de Portugal** — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; **Rádio Graça** — Das 10 às 12 e das 22 às 2.

canal da crítica

PUM, PUM! COMO NÓS NÃO HÁ NENHUM

A quem ande sempre necessitado de razões fortes para alimentar o zelo regionalista, ofereço esta informação recolhida ontem no «Momento Desportivo»: o nosso País tem «um dos mais bonitos, dos mais bem apetrechados, um dos mais bem organizados e melhores clubes do mundo». Trata-se do Clube Português de Tiro a Chumbo.

Afinal, somos mais do que grandes: somos GRANDES. Somos o País com maior número de poetas per capita. As nossas conservas, bem como as nossas conversas, são das melhores. O vinho do Porto é o ponto mais alto na aristocracia universal do vinho. Também temos o Benfica que. A acrescentar a tudo isto, como se fosse pouco, existe agora o chumbo. O tiro. O TIRO a chumbo. Pum, pum! como nós não há nenhum.

A informação deveu-se a João Maria Bravo, presidente do Comité Português, numa entrevista a propósito da organização do campeonato mundial do tiro a chumbo para cuja organização o nosso País se candidatou, candidatura aprovada por acunhação (pormenor comovente,

at é destas coisas que meu coração se resente!)

Para estes campeonatos existem prémios que fazem abrir a boca ao telespectador patego, 5 tacas de ouro (monumentais), 2 automóveis e pecunia no valor de 2 mil contos! Garante-se que em Portugal, em qualquer desporto, jamais houve prémios de tamanho significado.

Como se obtém a cobertura desta operação tão desproporcionada com as nossas (afinal aparentes) possibilidades? Muito simplesmente: cada concorrente pagará 11 contos de inscrição. Trezentos concorrentes é o mínimo considerado para compensar a organização. Mas...

... Mas se não aparecerem os 11 e 300, quais são as perspectivas?

João Maria Bravo não hesita em declarar que, nesse caso, as perspectivas poderão ser um 10.º andar, tiro na cabeça, clareta! Pessoalmente, e para estarmos mais próximos da realidade, acho que a segunda versão será a mais aconselhada.

Ninguém duvida que João Maria Bravo exagera ligeiramente o reconhecimento: o clube, com os seus 400 sócios (que certamente pesam como chumbo) tem bases «pelo menos potentes».

Além, seria paradoxal que tal acontecesse num clube consagrado dos melhores do mundo, com proposta aprovada por aclamação no plim, hex, areopago. De qualquer modo, nada quebraria esta satisfação de proclamar a nossa grandeza no nível mundial, esta alegria de poder demonstrar a insofismável existência do desporto em Portugal. Podemos não ter ginástica, nem atletismo, nem natação, nem basquetebol, nem etc. Mas temos tiro. Tiro a chumbo. Tudo é desporto, ora essa! E a demonstrar a importância que prestamos a este desporto, ali estão os 2 mil contos de prémios!

Res a nos desportar, ardentemente, de todo o coração, que os nossos representantes se bem prestem as cores do

Continua na página seguinte)

2.º PROGRAMA



O inesquecível Humphrey Bogart

Noite de Cinema com Humphrey Bogart

TODA a emissão do 2.º programa é preenchida pelo filme «Across the Pacific». Um filme que vale a pena ver, para recordar o grande e inesquecível Humphrey Bogart. Ao seu lado uma actriz que foi também grande vedeta: Mary Astor.

TV CLUBE: TUNA ACADÉMICA DE COIMBRA

CERCA das 22 e 28, a R. T. P. apresenta um «TV Clubes» com a Tuna Académica de Coimbra, que interpretará, depois do «Hino Académico», «Festa Portuguesa», de Duarte Costa, que inclui «Sinta da Beira Baixa», «Vellas», «Mariquinhas» e «Roca».

AS ENFERMEIRAS

PRESTES a terminar a emissão, o programa nacional exibe, ainda, um episódio da série «As Enfermeiras», intitulado «A terceira geração», com Shirl Conway e Zina Bethune, respectivamente nos papéis de enfermeira-chefe e da simpática enfermeira ainda novata.

Neste filme, «a senhora Pope, uma simpática velhinha que fora professora de enfermagem da senhora Thorpe, dá entrada no hospital, onde esta é enfermeira-chefe, atacada de uma grave doença. A sr.ª Thorpe, ao saber que a doente não tem família nem amigos, acompanha-a carinhosamente nos seus últimos dias de existência.



Esta é a corajosa tripulação do late «Seaspray». Sempre em aventuras

As Aventuras de Seaspray: «O ROUBO DOS QUADROS»



A Tuna Académica de Coimbra nos Estúdios da R. T. P.

A anteceder o programa da Tuna, o locutor Gomes Ferreira, finalista de Medicina pela Universidade de Coimbra, apresentará aos telespectadores a comição da Queima das Fitas da Universidade de Coimbra, treçando com ela impressões sobre os célebres festejos dos estudantes da velha Universidade.

A SÉRIE JUVENIL «As Aventuras de Seaspray» é transmitida todas as terças-feiras, cerca das 19 e 50.

O episódio de hoje intitula-se «O roubo dos quadros», e conta-nos a aventura de Mike e Sue, os filhos do capitão Wells, que travam conhecimento com Mona McDavid, que se oferece para lhes ensinar o «surfing», o famoso e popular desporto de equilíbrio numa prancha sobre as ondas. Eles aceitam, encantados. Mas há um valioso roubo de quadros, e o capitão e os seus filhos vêem-se envolvidos, pois os gatunos, cúmplices de Mona, ocultam os quadros numa das pranchas de «surfing», que Mona leva para bordo do Seaspray. Então...

Walter Brown, June Thody, Sandy Harbutt, Kenneth Shorter e Alek Mozart são os principais intérpretes deste filme de aventuras para jovens.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 30: Série Juvenil; 20 e 2: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: TV Social; 21: Feira Literária; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Brá e Sebastião»; 22 e 20: TV Clube, com o Tuna Académica de Coimbra; 22 e 50: Série Dramática — «As Enfermeiras»; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Cinema — «Across the Pacific»; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I programa — As 14 e 40: C. e P. Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Juventude no Mundo; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Desporto em Câmara Lenta; 21: Agência Geral do Ultramar; 21 e 10: «Se bem me lembro»; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «Noite de Verão»; 23 e 45: Telejornal, Meditação e fecho.

II programa — 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «S. V. de 3 Ulmeiros»; 22 e 15: Notícia do Espectáculo; 22 e 45: Série Policial — «Porta 77»; 23 e 30: Telejornal e fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA
OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53 4 Esq. em Lisboa

Telefones 45843-47843



AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA, S. A. R. L.

FORNECEU A NOVA CENTRAL
TELEFÓNICA AUTOMÁTICA DE

OEIRAS

SISTEMA DE COORDENADAS «5005»

(Capacidade 4000/16 000 linhas)

ESTAÇÃO AUTOMÁTICA «5005»

(45.000 linhas deste moderno sistema já em serviço ou encomendadas no País)

FABRICANTE DE MATERIAL TELEFÓNICO, TELECOMUNICAÇÕES
E SINALIZAÇÃO DE TRÁFEGO

ADMINISTRAÇÃO

AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 18, L.D. — TELEF. 57146

FABRICA E ESCRITÓRIOS

AV. INFANTE D. HENRIQUE, 33 — TELEF. 312071 — APARTADO 1060

TELEGRAMAS: «PLESSEY» — LISBOA

Grupo

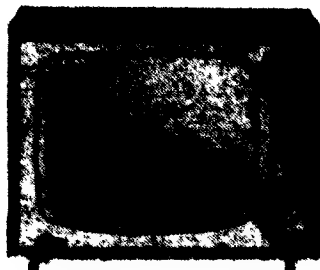


PLESSEY

RÁDIO TELEVISORES GRAYADONES DITAFONES RÁDIO TELEVISORES GRAYADONES

Grande
Campanha
de Vendas

GRUNDIG



Modelo 100100 monobloco

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada * sem fiador

Legitimação do Direito Comparado

Na sede da Ordem dos Advogados, realiza-se na próxima quinta-feira, á noite, a primeira conferência de uma série de palestras sobre problemas de Direito. Será orador o sr. dr. Fernando Cunha e Sá que dissertará sobre «Legitimação no Direito Comparado».

SEGREDOS DO MAR

A rubrica de Helder Mendes deu uma crível machadada no halo romantico que rodeia a vida dos faroleiros. Não recorreu, para isso, aos meios extremos: não foi a essas ilhas onde os faroleiros são visitados de tempos a tempos. E não me diga Helder Mendes que não há desses. Há, sim senhor. Tenho aqui um livro onde se contam casos desses, no nosso tempo.

Na costa portuguesa, ignora. A verdade é que o produtor e realizador de «Segredos do Mar» escolheu, entre os faroleiros, os menos de mar a dentro: os do Cabo de S. Vicente. Lá onde os meninos seguem de automóvel para a escola, lá onde um mensageiro vai às compras quando é preciso.

Anulado todo o sabor da aventura, o filme de Helder Mendes ficou reduzido àquela manta descolada de farrapos sem ritmo nem clareza. Que no texto se dissesse ser de 40 quilómetros o alcance do farol e o cicerone do farol falasse em 90, pouca importância tem. Já é mais consolador saber-se (como sabemos também através do cicerone) que o farol de S. Vicente é um dos mais importantes da Europa.

Enfim, o documentário desenvolveu-se no clima de homenagem a esses homens que.

RECITAL POR VITÓRIA DE LOS ANGELES

Vitória de Los Angeles, Acompanhada por Gerald Moore. Produção da B. B. C. Ela aqui reunidos três elementos indispensáveis a uma excelente rubrica televisiva deste género: um bom intérprete, um bom apresentador, uma belíssima realização.

Vitória de Los Angeles cantou orgulhosamente para os ingleses canções populares do seu país. Fez disso o prato

União Fabril do Azoto, S. A. R. L.

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 42-2.º ESQ.

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

CUPÃO N.º 2

Avisam-se os Senhores Accionistas que, a partir do próximo dia 5 de Maio, se encontra a pagamento o dividendo em referência, votado na Assembleia Geral Ordinária de 28 de Março de 1969, à razão de 20\$00 por acção, cativo de impostos.

As importâncias líquidas a pagar, por acção, são as seguintes:

Acções nominativas 17\$517

Acções ao portador 14\$084

Acções ao portador registadas 17\$86

O pagamento efectuar-se-á nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

- Banco de Alentejo
- Banco de Angola
- Banco Borges & Irmão
- Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
- Banco de Fomento Nacional
- Banco Fomsecas & Barnay
- Banco Lisboa & Açores
- Banco Nacional Ultramarino
- Banco Pinto & Sotto Mayer
- Banco Português do Atlântico
- Banco Teófilo-Alança
- Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
- Crédit Franco-Portugais
- Crédito Predial Português

e ainda na sede desta Empresa, todos os dias úteis, das 10 às 12 horas e das 14 às 16 horas, excepto aos sábados.

Lisboa, 28 de Abril de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

clonais no campeonato que se avizinha.

forte do programa. Assim o

amor se prova. Amor com

raízes. Não temos, em Portugal, Vitórias de Los Angeles (em mais ou em menos, não importa) capazes de cantar na Televisão portuguesa canções do nosso povo? Temos, sim senhor. Assim a Televisão portuguesa quisese...

Os telespectadores certamente verificaram que o pianista Gerald Moore resumia em inglês o texto das canções interpretadas por Vitória.

ria.

Mais uma lição a seguir pela Televisão portuguesa que nos dá, por vezes, em francês, em inglês, em alemão ou em italiano, doses industriais de canções sem a mais leve explicação ao público.

Prova-se que o público inglês é estúpido e precisa que lhe expliquem tudo, enquanto o peito ilustre lusitano é esperto e tudo compreende?

Não. Prova-se que a B. B. C. tem respeito pelo seu público, é o que se prova.

M. C.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

Pronto a vestir—Alta costura

TECIDOS, CONFECÇÕES, «LINGERIE», MALHAS, BORDADOS, ARMAÇÕES, EXPOSITORES, MANEQUINS, REGISTADORA, ETC.

IMPORTANTE

LEILÃO

AMANHÃ DAS 15 ÀS 20 HORAS

Tem início esta importante liquidação de moderno estabelecimento de ramo, c/ grande existência de mercaderia de alta classe, alguma importada dos principais centros da moda, e que será efectuada na n/ sede

AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

para venda pela maior oferta e sem base de licitação, de: ENORME EXISTÊNCIA de «tailleurs», casacos, calças, vestidos, saias, blusas, camisetas, conjuntos, batas, capas, robes, pijamas, gabardinas, gorros, bonés, combinações, esportivas, biquínis, meias, calcinhas, chapéus de chuva, blusões, mantas de viagem, echarpes, véus, luvas, lenços, botões, bijutarias, perfumes, cintos, porta-ligas, golas em peles, tecidos, fibras e fazendas a metro, feltros, bordados e bordado em peça, fatos de banho, conjuntos de praia, toucas, roupões, alguma confecção masculina, etc., tudo em grandes quantidades e de excepcional qualidade.

MÓVEIS E UTENSÍLIOS (As 18.30 horas) — Expositores metálicos c/ rodízios, manequins, armações em boa madeira c/ caciaes, gavetas, espelhos e bonita iluminação, caixa registadora, balcão, espelhos de vestir, etc.

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 9 AS 13 HORAS

TRATA A

SOC. DE LEILÕES

AV. DUQUE DE LOULÉ, 1

Telef. P.F.C. (9 linhas)

53220 - 51478 - 53246

AFRAFILHOS, LDA.

DESPORTO

Novo estilo de «preparação» da equipa nacional: visita a três fábricas e treino na pousada de Saramagos

Com vista ao encontro Portugal-Grécia, que se realiza no próximo domingo, no Estádio das Antas, a selecção nacional de futebol partiu ontem para o Norte, onde vai cumprir um vasto programa social: diversas visitas a grandes unidades industriais (com a respectiva recolha de lembranças, inclusive para os federativos...), uns «valentes» passeios e, para quebrar a monotonia, dois treinos sem necessidade de forçar muito a doce letargia da estada em terras minhotas.

Para além de terem sido dispensados desta «tournée» diversos nomes que ninguém

Depois de amanhã em Pina Manique as finais de juniores e juvenis da A. F. L.

Benfica e Sporting voltam a defrontar-se depois de amanhã, para decidir os títulos regionais de juvenis e juniores da Associação de Futebol de Lisboa.

Com efeito aqueles dois encontros estão marcados para o Estádio Pina Manique, respectivamente às 16 e 30 e 18 horas.

Para a hipótese de novo empate, nestes desafios, jogar-se-á um prolongamento de 20 minutos. Se a igualdade persistir terá de realizar-se novo jogo.

pede arredar do primeiro plano o futebol europeu (Jalme Graça, Mário Coluna, Simões, Torres, José Augusto) a lista de convocados apenas pode ser interpretada como «a melhor do momento», no muito discutível critério do seleccionador.

Costa Pereira, que como treinador da C. U. F. tem tido uma excepcional época, partiu hoje para Londres,

com o objectivo de alinhar amanhã num encontro de futebol com carácter benéfico.

Nelson (do Varzim) é nome quase certo no futuro «plantel» sportinguista.

Armando, do Sporting de Lamego, prepara a sua transferência para o Leixões.

Fala-se em que será Schwartz o futuro treinador do Vitória de Guimarães.

Do seu bolso, Otto Glória vai premiar os jogadores benfiquistas que triunfaram no Campeonato Nacional. Fala-se em que dará 2500 escudos a cada futebolista.

O Tirsense cortou relações com o Famalicão e o Boavista, deliberando proceder judicialmente contra aqueles clubes. Motivo: boatos sobre tentativas de aliciamento de futebolistas intervenientes no «Nacional» da 2.ª Divisão.

AUTOMOBILISMO

DISPUTAM-SE A 6 DE JULHO AS «SEIS HORAS DE VILA REAL»

Vila Real vai ser, este ano, mais uma vez a «capital» no nosso desporto automóvel. Com efeito, nos dias 4, 5 e 6 de Julho, pelo excelente circuito transmontano vão passar alguns dos nomes mais famosos do automobilismo mundial, tripulando potentes e velozes máquinas como o nosso público, provavelmente, jamais terá visto correr.

Assim, na «princesa do Marão», vai disputar-se o «XVI Circuito Internacional de Vila Real», um conjunto de provas aliciantes, onde são cabeça de cartaz as «6 Horas de Vila Real», que constituem como que um ensaio geral da competição com o mesmo nome que, a partir do próximo ano, contará para o Campeonato Internacional de Marcas, competição máxima de corridas de velocidade e resistência, da qual fazem parte as conhecidíssimas 24 Horas de Le Mans, Targa Florio, etc.

As «6 Horas» destinam-se a carros de Grande Turismo, Desporto e Protótipos e nelas se inscreverão, essencialmente, pilotos estrangeiros como Michael d'Udry (vencedor do circuito nos últimos

Atlético e Sporting defrontam-se amanhã

O jogo em atraso a contar para o torneio de reservas dotado com a Taça Tejo, entre o Atlético e o Sporting realiza-se amanhã às 17 horas no campo da Tapadinha.



Figueiredo na selecção nacional

REPETE-SE NO DOMINGO A FINAL DA II DIVISÃO

Como se sabe, Barreirense e Boavista, no domingo, terminaram empatados, depois de 120 minutos de jogo, o encontro final do «Nacional» da II Divisão.

O facto implica, portanto, a necessidade de repetição. Ontem, na F. P. F. resolveu-se o problema. Assim, os vencedores da Zona Norte e Sul voltam a defrontar-se desta vez às 11 horas, no próximo domingo e no Municipal de Coimbra.

Uma mesa-redonda para fazer reviver os «Jogos Juvenis do Barreiro»

Na Associação de Atletismo de Lisboa realizou-se ontem, à noite, uma mesa-redonda com a presença de alguns representantes das Federações, para se promoverem diligências no sentido de se pôr de pé os VI Jogos Juvenis do Barreiro, iniciativa louvável não só pela propaganda do desporto, mas, sobretudo, pelo que de útil faz na iniciação desportiva, entre as camadas jovens da vila do Barreiro e arredores.

Como se sabe os Jogos Ju-

venis do Barreiro deixaram de se realizar, em consequência de um conjunto de circunstâncias desfavoráveis a que não foram alheias a Direcção-Geral dos Desportos e a Mocidade Portuguesa. Por outro lado havia a ilegalidade jurídica-desportiva apontada à Comissão dos Jogos, à frente da qual se encontrava o sr. Augusto Valegas, extintor ordinário impulsionador da iniciação desportiva naquela região e que nestes seis anos de existência dos Jogos, deixou uma obra valiosa, que até foi objecto de um Manual, dada a complexidade de problemas relacionados com a sua organização.

Os representantes das Federações e da Associação de Atletismo, depois de esclarecerem os seus pontos de vista, discutiram o problema da continuação daqueles Jogos, através de várias hipóteses, todas elas em princípio viáveis, dado que existia no espírito dos intervenientes da mesa-redonda, um espírito de conciliação.

Falou-se na tradição dos Jogos; na perda irreparável no campo da iniciação desportiva, especialmente na vila do Barreiro, grande viveiro de desportistas; na criação de um plano ao nível das Federações para criar entre estas uma comissão responsável pela realização; no escalonamento dos Jogos pelo ano anterior, acompanhando

as épocas de cada modalidade interveniente nos Jogos; na questão monetária para reeditar tão excelente organização que tinha já tradições; e, finalmente, na forma da arrancada para não se perder o que se fez em benefício da juventude de um País que bem precisa de uma modalidade sã.

Nas suas conclusões finais, os representantes das Federações chegaram à seguinte decisão:

Dar conhecimento às Federações que não puderam enviar os seus representantes do que foi tratado naquela mesa-redonda e pedir a indicação de um seu membro para se avistar com o sr. dr. Armando Rocha e ouvir do director-geral a sua opinião quanto à reedição dos Jogos.

SORTEIO DA «TAÇA NACIONAL DE JUVENIS»

Na sede da A. F. L. realizou-se, ontem, o sorteio da 2.ª eliminatória, da 2.ª fase, da Taça Nacional de Juvenis.

O resultado foi o seguinte: F. C. Porto-Rio Ave; Académica-U. Leiria; Tramagal-apurado do jogo Atlético-Almada e Benfica-Olhansense.



Por iniciativa da Associação de Atletismo de Lisboa, realizou-se ontem uma reunião de diversas Federações. Assunto em debate: o prosseguimento dos Jogos Juvenis do Barreiro que, por abdicação do seu organizador (Augusto Valegas) estão em risco de desaparecer

**APARTADO
1331
LISBOA-1**

É O NOVO ENDEREÇO DA

PHILIPS PORTUGUESA S.A.R.L.

**PARA ONDE DEVE SER
DIRIGIDA TODA A
CORRESPONDÊNCIA A
PARTIR DO PRÓXIMO
DIA 1 DE MAIO**

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

CRÓNICA DE ESPANHA

Concedidos 116 milhões de pesetas para instalações desportivas

De acordo com o «Libro Blanco» que estabelece a nova educação dos jovens espanhóis, e com uma ordem ministerial exarada nesse sentido, vai ser posto em execução um vasto plano para a construção de instalações desportivas e a correspondente dotação de material, e criada a especialidade de educação física para os professores nacionais.

«O carácter básico da Educação Física e as exigências técnicas que informa o devido desenvolvimento da disciplina aconselha o estabelecimento da especialidade de Educação Física a cargo de mestres nacionais que atendam com dedicação exclusiva a execução dos fins atribuídos à disciplina pela lei do Ensino Primário» — determina o ministro da Educação.

Com efeito em 24 de Janeiro passado, foi subscrito um acordo entre a Delegação Nacional de Educação Física e Desportos e a Direcção-Geral do Ensino Primário, para a construção de instalações desportivas, e aquisição do necessário material, com um crédito de 116 milhões de pesetas, verba inicial que será anualmente reforçada de acordo com as necessidades.

Nos meios desportivos do país vizinho acredita-se que os actuais problemas da educação física e do desporto, poderão solucionar-se quando na base deste, estiver o ensino primário, não apenas como plataforma para futuros triunfos, mas como caminho para uma autêntica formação física e desportiva da juventude.

Pensa-se também que na Espanha de 1969 a educação religiosa, política e desportiva serão fundamentais e que, no que a esta última se refere, se iniciou já uma tarefa prometedora — a educação física e desportiva na escola, como ponto de partida para ir depois tratando da solução para os restantes.

Com esta nova política virão a surgir novos lemas, mas o velho «mens sana in corpore sano» encerra todo o significado de um objectivo, que em Espanha, vai ser tentado por todos os que terão de dirigir a formação integral da juventude.

Na sociedade espanhola existe já um clima favorável à educação física e desportiva, pois a instalação de estruturas para a prática do desporto está a transformar-se em aula.

A verba de 100 milhões de pesetas, concedida pela Delegação Nacional de E. F. e Desportos e a Direcção-Geral do Ensino Primário, foi aplicada ou comprometida no triénio de 1966-68. As obras realizadas ou em vias de conclusão, incluem 27 pistas polidesportivas, seis fronteiras, 15 pistas de corridas, 16 fossos para saltos, 17 ginásios, 7 ampliações e melhoramentos de ginásios já existentes, 8 vestiários, duas pistas de mini-basquete, duas de basquetebol e uma de voleibol.

Nestas instalações foi gasta a verba de cerca de 70 milhões de pesetas e

mais 3 milhões aproximadamente foram aplicados na aquisição de material.

Durante a primeira campanha de ajuda desportiva às escolas, em 1968, foram concedidos ainda subsídios a 304 centros de ensino, no montante de cinco milhões de pesetas para a compra de material, além de tudo o que será levado imediatamente a cabo ou já está em plena construção e que importará em mais de 47 milhões de pesetas.

Por estes dados se poderá calcular o que poderá significar para os projectos de 1969 os 116 milhões de pesetas concedidas para a construção de instalações e aquisição de material, nas escolas. Tais instalações estarão sempre abertas para serem utilizadas não só pelos centros a que pertencem, mas ainda por toda a juventude local, quer durante a época escolar, quer também durante o Verão.

Da educação física escolar se ocupando professores diplomados nessa especialidade.

Esta nova modalidade de magistério, terá em breve uma influência decisiva sobre os quatro milhões e duzentos mil alunos que presentemente frequentam mais de cem mil escolas. Entendem os mentores do ensino que a formação integrada dos jovens seria uma tentativa condenada ao fracasso sem o instrumento eficaz da educação física e desportiva na formação e criação de hábitos.

Calcula-se que em Outubro próximo 60 por cento dos centros de ensino primário poderão contar com professores de educação física.

O ministro da Educação afirmou que «esta ordem ministerial traduz o reconhecimento oficial de que a educação física é transcendente, porque esta, gra-

ças a Deus, se está complicando, e já não podemos conformar-nos com as tabelas da ginástica sueca, mas que os educadores físico-desportivos têm de cumprir a sua missão através de uma carreira de nível universitário. Infelizmente, fora da Universidade. Uma Universidade mais dinâmica não teria deixado de engranar dentro de si esta carreira.»

Dentro desta ordem de ideias o ministro acrescentou ainda: «A educação não é barata e não pouco se improvisa. A educação física e desportiva deve criar hábitos e não lições. Como a religiosa e a política e social, não pode ser uma disciplina, mas um meio de forjar a personalidade e a maneira de ser da juventude.»

KEINO — DO ATLETISMO PARA O FUTEBOL

NAIROBI, (R) — Kipchoge Keino, recordista mundial de meio-fundo e detentor de uma medalha olímpica de ouro, decidiu tornar-se treinador de futebol.

Keino, que tem 28 anos e é inspetor da Polícia do Quênia, exerce as funções de instrutor de educação física na Academia Militar do Quênia de Kiganjo, situada 190 kms a nordeste de Nairobi. Vencedor da medalha de ouro dos 1500 metros nos Jogos Olímpicos do México de 1968, Keino faz parte de um grupo de 25 treinadores seleccionados entre o Exército, a Força Aérea e a Polícia do seu país e dos quais competirá treinar as equipas de futebol na Academia de Kiganjo.

Os seleccionados assistirão a um curso de uma semana, dirigido pelo antigo internacional britânico Jackie Gibbons, antes de iniciarem as suas novas funções.

Numa entrevista, Keino declarou:

— O futebol é um dos meus desportos favoritos. De facto, jogava futebol e praticava atletismo quando andava na escola e durante os primeiros tempos que passei no campo de treino da Polícia de Kiganjo. No entanto, decidi abandonar o futebol quando comecei a dedicar-me seriamente ao atletismo. Ao perguntarem-lhe se tentaria retirar-se do atletismo internacional, respondeu:

Ainda tenho de pensar nisso. Em qualquer caso, penso que ainda continuo a ter muito de corredor.

O nome de Keino começou a ser internacionalmente conhecido em 1962, quando o atleta representou o Quênia nos campeonatos da África Oriental, e que se disputaram em Dar Es Salaam, e nos quais ganhou a prova das três milhas, estabelecendo um novo recorde da África Oriental com 3 m e 46,8 segundos.

Esta marca garantiu-lhe



KEINO

um lugar na equipa do Quênia que tomou parte nos «Jogos da Comunidade» disputados em Perth, na Austrália, em Outubro deste mesmo ano.

Porém dois anos mais tarde representou o Quênia nas provas de 1500 e 5000 metros nos «Jogos Olímpicos» de Tóquio de 1964, onde quase chegou à final dos 1500 metros, embora se tenha classificado para a final dos 5000 metros, prova em que ficou em quinto lugar.

O grande momento da sua carreira de atleta surgiu em 1965, quando conseguiu bater o «recorde» mundial na prova dos 3000 metros. Dias depois, tornou-se o primeiro africano a romper a barreira dos quatro minutos da milha, ao tomar parte num torneio entre a Inglaterra e a Polónia que se realizou em Londres.

No ano seguinte, Keino ganhou as provas da milha e das três milhas, nos «Jogos da Comunidade» disputados em Kingston, na Jamaica.

Keino, que é casado e tem duas filhas, utiliza as pistas da Academia de Kiganjo para os seus treinos.

Acontecimentos DE ONTEM

Ténis de mesa

Com a disputa de mais uma eliminatória prosseguiu on-

Clube em festa

O Clube Amadores de Caça e Pesca de Leiria está a comemorar o seu 4.º aniversário, com diversas cerimónias. O programa inclui, amanhã, um concurso de pesca desportiva, na praia da Vieira de Leiria, a exemplo dos anos anteriores para disputa de diversos prémios. À noite, haverá o tradicional jantar de confraternização no restaurante «Verde Pyno», e podem ser feitas inscrições para o mesmo.

Semana Desportiva Europeia

Principais acontecimentos desportivos marcados para esta semana na Europa:

HOJE:

Roterdão (pugilismo): «Fighting» Mack-Johnny Cook (Inglaterra).

Gouda: Holanda-Rússia, em pólo aquático.

AMANHÃ:

Coventry (natação): Inglaterra-Alemanha Federal.

Ruão: 24 Horas de Motonáutica.

Paris: França-Japão, em ténis de mesa.

Copenhague: Selecção nacional de futebol-selecção da imprensa.

Budapeste: Ujpa Dosza-Goztepe de Esmirna (Turquia) — segunda «mão» das meias-finais da «Taça das Cidades com Feiras», em futebol.

Utreque: (pólo aquático): Holanda-Rússia.

Geleen: provas de ciclismo profissional.

Groninga: atletismo internacional.

Haia: Holanda-Escócia (campeonato europeu de futebol para amadores).

QUINTA-FEIRA, 1:

Frankfurt (ciclismo profissional): «Volta do Henningsen».

Malmö: Suécia-México em futebol.

Roma (ciclismo): Volta Romana.

SEXTA-FEIRA, 2:

La Bouille: França-Africa do Sul, em hóquei.

Schnevinga (ténis): Holanda-Nova Zelandia, a contar para a «Taça Davis».

Cork (ténis): Irlanda-Luxemburgo, para a «Taça Davis».

SÁBADO, 3:

Dijon: corrida automobilística «Fórmula 1».

Holice: campeonato mundial de motocross (250 c.c.)

Belfast: Irlanda do Norte-Inglaterra em futebol.

Cardiff: País de Gales-Escócia, em futebol.

Leverkusen: Alemanha-Inglaterra, em hóquei feminino.

Venlo: Holanda «B»-Alemanha «B», em hóquei feminino.

Scheveningdon: Holanda-Nova Zelandia, «Taça Davis» (ténis).

DOMINGO, 4:

Madrid: Grande Prémio da Espanha (automobilismo), Fórmula 1) e motociclismo.

Palermo: corrida automobilística de «Targa Florio».

Aalborg: Universidade de Aarnhus (Dinamarca)-Universidade de Cambridge, em remo.

Hvidovre: Dinamarca-Suécia, em voleibol.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — No Pavilhão da Tapada da Ajuda — Torneio de Encerramento de Lisboa: Sporting-Belenenses, às 21 e 30; e Benfica-Boa-Hora, às 22 e 45.

— Selecção de Lisboa contra adversário a indicar, às 20 e 30, no Campo Engenheiro Carlos Seixas.

— Campeonato de Lisboa de Onze: Oriental-Almada, às 19 horas.

BADMINTON — Na Escola Nuno Gonçalves — I Torneio de Pares Veteranos, às 22 horas.

No Porto

BILHAR — Campeonato regional de 3.ª categorias (quadro 47/2): Jogos na sala do Leixões-Bilharista, a partir das 21 e 15.

— Torneio do F. C. Porto: Jogos a partir das 21 horas, na sala do Café Ceuta.

VOLEIBOL — Campeonato regional de reservas: F. C. do Porto-Milheiros (21

e 30) no campo da Constituição.

DIVERSOS — Assembleia geral do Estrela e Vigorosa — As 21 horas, na sede da colectividade, reunião para tratar de assuntos diversos nomeadamente o da aquisição de uns terrenos para novas instalações da sede.

— Na Associação de Futebol do Porto — As 22 horas, sorteio dos jogos da segunda fase do campeonato regional de amadores.

Dois futebolistas brasileiros

mortos em acidente de automóvel

Num acidente de automóvel morreram ontem dois conhecidos futebolistas do Corinthians de São Paulo: o defesa-direito Ludgero Silva «Lider» e o ponta-esquerda Neves de Castro. Este último chegou a ser «internacional» pois integrou a selecção do seu país que o ano passado disputou vários jogos na Europa.

HÓQUEI CLUBE DE PORTUGAL

Para apreciação do relatório e contas da direcção, parecer do conselho fiscal e eleição dos novos corpos gerentes reunem-se esta noite, às 21 horas, a assembleia geral do Hóquei Clube de Portugal.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 58896
As 3 e 6.15 da tarde (P.R.)
e 8.30 da noite
2.ª SEMANA
Alain Delon, Emy Schneider
e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

VOX

As 18.30 e 21.45
(Adultos)
Simone Signoret, James Cagney
e Katharine Hepburn num filme
que entra pelo fantástico, en-
da e normal torna as propor-
ções do bizarro...
JOGOS PERIGOSOS
Cinemascope-Technicolor
Av. Frei Miguel Centrais

IMPERIO

(M. 12 anos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
70 mm Mescolor
Vencedor do Oscar para
o melhor filme estrangeiro
do ano
NATASHA
2.ª edição de «Guerra e Paz»

ESTUDIO

(M. 12 anos) Tel. 68589
As 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
Technicolor - Techniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson
com Cliff Robertson e Claire Bloom

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326365
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21 e 30
ULTIMOS DIAS!
UM «WESTERN» SENSACIONAL
DE AÇÃO SEMPRE
EXPLOSIVA
VINGANÇA SEM PIEDADE
com Anthony Steffen
Technicolor - Techniscope

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
A PEQUENA VIRTUDE
com Jacques Perrin - Robert
Renaud - Pierre Brasseur
(EASTMANCOLOR)

EUROPA

(Adultos) Tel. 661816
Em continuação de estreia
As 21.30 - 5.ª semana - Color
JOANNE WOODWARD
no filme de PAUL NEWMAN
RAQUEL, RAQUEL

MONUMENTAL

(Adultos) (Tel. 555131)
As 15 e 21.30
5.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma repartição extraordinária
com Barbra Streisand
e Omar Sharif

SÃO LUIZ

Tel. 327172
Para instalação dos palcos mó-
veis criados pela complexa
montagem de PYGMACION
**HOJE NÃO HÁ
ESPECTÁCULOS**

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763089
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
O maior filme policial dos
últimos vinte anos
**BETTYE MCQUEEN e
BULLITT**
Você jamaiz o esquecerá!

EDEN

(Adultos) Tel. 329768
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Dean Martin a braços com
quatro aventuras...
São elas... Elke Sommer, Sha-
ron, Tatyana Leites e Nancy
Kwan

UM PERIGO
EM CADA «CURVA»

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 618375
As 21.30
O filme que se impôs mundial-
mente
**OS QUATROCENTOS
GOLPES**
com Jean Pierre L  aud

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 49933
As 21 horas
O JUSTICEIRO DE RUGOVA
**OS GRANDES
ADVENTUREROS**

LIZ

(Adultos) Tel. 68546
As 21 h
A semana de continuação
de estreia
**A FESTA
A CERIMONIA**

CASINO
ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 268729
As 17 e 21.30
**OS CANH  ES
DE SAN SEBASTIAN**
com Anthony Quinn e Charles
Bronson

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54183
As 15, 18.15 e 21.30
MAYERLING
com Omar Sharif, Catherine
Demouge, Ava Gardner e Ja-
mes Mason

ESTUDIO
444

(Adultos) Tel. 77985
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
A completa dissecação do
homem pelos processos mais
femininos
FALEMOS DE HOMENS
c/ Nino Manfredi e Margaret
Lee - Luciana Paluzzi

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 388743
As 18.30 e 21.45
Reatined Russell e Sandra
Dee no romance de uma
mulher que queria ser feliz...
OS MILIONARIOS
Notável alta comédia fotogra-
fada em technicolor

METRO: Estão Ploas

CONDES

Tel. 32253-326716
As 15.15 e 21.15 (Adultos)
2.ª SEMANA
35 mm - Metrocolor
**E TUDO O VENTO
LEVOU**
c/ Clara Gable, Vivian Leigh,
Leslie Howard e Olivia de
Havilland

O filme come   a ser exibido
18 minutos depois de in  cio
das sessões

AVIS

(Adultos) Tel. 67163
As 21.45
Um poderoso «Western»
**DJANGO ATIRA
PRIMEIRO**
Technicolor-Techniscope
com Glenn Saxon e Evelyn
Seward

CHIADO
TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 328917
As 21 horas
O BOM, O MAU E O VILÃO
com Clint Eastwood, Lee
Van Cleef, Eli Wallach

LIDO

Praça D. Jo   I - Amadora
Tel. 987593
As 21.30
Um dos mais divertidos espect  -
culos de sempre
David Niven e a escultural atriz
Cristina Ferrare em
**A MINHA FILHA
   UM PROBLEMA**

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21 e 30
Sensacional êxito de constante
gargalhada com a farsa nacional
BONANÇA & C.  
com Eug  nio Salvador, Nicolás
Breyner, Mart  na e outros con-
sagrados artistas

PAULO DE MEDEIROS:
REGRESSO    RÁDIO

Depois de um período de
doença, que o obrigou a sus-
pender as suas actividades,
José Paulo de Medeiros re-
tomou    produ  o radiof  ni-
ca. O conhecido comentador
de discos, um dos que pri-
meiro exerceu esta modali-
dade crítica no nosso País,
encontra-se, agora,    frente
de programas radiof  nicos
de grande êxito. Um deles   
o popular «1-8-0», irradiado
   quartas-feiras e dom  n-
gos, entre as 22 horas e a
1 hora da manhã. Trata-se
de um programa variado,
que inclui apontamentos-re-
portagem de Paris e Barcelo-
na, uma or  nica do Porto
assinada por Rodrigues Te-
les, o comentário «In  nia»
escrito e l  do por Angelo
Granja, notícias directas
e, ainda, fados e can  es com
as nossas mais consagradas
vedetas.
Na Emiss  ora Nacional,
Paulo de Medeiros    o autor
do programa «Novidades em
Discos» (transmitido    sex-
tas-feiras e dom  nigos, respec-
tivamente às 21 e 30 e às
14 e 50). Por outro lado, ca-
be  he    orienta  o e produ-

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
A B C - As 20 e 45 e às 23:
«Eles    que sabem» (17 anos).
LAURA ALVES - As 20.45 e 23:
«P  psie» (17 anos).
MARIA VITÓRIA - As 20.45 e
23: «M  s    obra» (17 anos).
CINEMAS
CINEARTE - As 21: «O Ni  o de
El Cid» (12 anos).
CAPITÓLIO - As 21.45: «A este-
ra facetada» (17 anos).

PARIS - As 21: «Doutor vamos a
isto» (17 anos).
ROYAL - As 21: «Não se trata
assim uma senhora» (17 anos).
ARCO IRIS - As 21: «Cova do
de pauzinhos» (17 anos).
JARDIM - As 21: «O valete de
ouro» (M. 17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO - As 21: «A
presa humana» (12 anos).
PROMOTORA - As 21: «Escola
de bem gozar a vida» (17 anos).
CINE ORIENTE - As 21: «Os lan-
  s das vinganc  as» (17 anos).
OLIMPIA - As 19: «A cidade
submarina» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE - As 21:
«Honra a um her  » (M. 17
anos).

Linha de Cascais

OEIRAS - OEIRAS-CINE - As
21: «Quando ela era el  » e «A
vingan  a de Pecos» (17 anos).
PAREDE - ROYAL-CINE - As
21: «A arte de bem casar» (17
anos).
ESTORIL - CASINO - As 17 e
21 e 30: «Os can  es de
San Sebastian» (17 anos).
CASCAIS - S. JO   - As 21 e
30: «A viuva solteira» (12 anos).

Linha de Sintra

ALMADA - INCR  VEL - As 21
e 15: «A conquista de Bagdad»
(17 anos).
COVA DA PIEDADE - UNIAO
ARTISTICA - As 21 e 15: «  -
trada da vida» (17 anos).

Outra Banda

DAMAIA - D. JO   V - AS
21 e 30: «Esquadri  a de até-
que» (12 anos).
VENDA NOVA - CINE-PORTU-
GAL - As 21: «Assassinos» e
«Escand  lio na praia» (17 anos).
QUELUZ - QUELUZ-CINE - As
21 e 15: «Duas raparigas em
Londres» e «Esposas negras»
(17 anos).
MEM MARTINS - CINE-HABY
- As 21 e 30: «Cinco dest  -
mados para Singapura» (17
anos).
SINTRA - CARLOS MANUEL -
As 21 e 30: «Dois irmãos   -
citanos» (17 anos).

FARMACIAS
DE SERVIÇO

Em Lisboa - Turno C

ALVALADE - S  n  s Av. da gra-
m. 3-C (776905) e Aeroporto
Av. Gago Coutinho 101-D
(8 Av. D. Rodrigo da Cunha)
(72384) e Rio de Janeiro, Av.
Rio de Janeiro, 4-C (8 Av. Se-
bastão Unidos do América -
(72409).
ALCANTARA - Vieira Rose, Rua
Prior do Crato, 14 (660 87).
ALMIRANTE REIS - Centro, Av.
Almirante Reis, 16-A (44373).
ALTO DO PINA - Ibéria, R. Ba-
r  o de Sabrosa, 235-A (6 Al-
ameda) (72877).
AVENIDAS NOVAS - Campo Pa-
queto, Av. da Republica, 58-D-
E, (77 66) e Figueiras, Av.
Marquês de Tamar, 20 (44995).
e Cruz Nomes, Pr. Duque de
Saldanha, 4 (4 845) e Naveira,
Av. L  s Bivar, 1-3 (44324).
ARCO DO CEGO - São Jorge, Av.
Rovisco País, 52-A-B (534027).
AREIRO - Alameda, Av. de Ro-
ma, 7-B (777478).
ARROIOS - Bentes, Rua Morais
Soares, 91-F (844350).
BAIRO DA ENCARNAC  O -
Ass  ns, R. 27, n. 4 (312 2 6).
BAIXA - Silva Carvalho, R. do
Figueiras, 26 (326573).
BELÉM - Bom Sucesso, R. Bar-
tolomeu Dias 63-A (61454).
BENFICA - Santa Cruz, Av. Go-
mes Pereira, 34-A (704888).
Vitez, Est. de Benfica, 373-B
(780548) e J. Ribeiro, Estrada
da Luz, 99-A (780569).
CAMÕES - S  n  s, Pr. L  s de
C  m  es, 24 (322798).
CAMPO DE OURIQUE - Pinheiro,
R. de Campo de Ourique, 31-
133 (686640). e Elma, Rua D.
Maria Pia, 358-A (686 76). e
Urbes, de Freitas, Rua Silva
Carvalho, 1-9 (662838).
CAMPO DE SANTANA - S  n  s,
R. de S. Lázaro, 28 (42829).
ENTRECAMPOS - São Miguel, Pr.
Francisco de Moraes, 1 (77 469).
ESTRELA E LAPA - Tagus, Pra-
  ta da R. Posid  nio da Silva,
62-A (669485) e Meta C  pi-
ta, Rua de São Félix, 45-A
(660720).
CAMPO GRANDE - Cabrita, C.
Grande, 220-222 (772397).
CHARN  CA - São Bartolomeu,
Vila Paulo Jorge, - Galinh  -
ros (790969).
CAMPOLIDE - Júdice da Oliveira,
R. de Campolide, 54-A (684424).
GR  A - Silva, Calçada de St. -
André, 6 (862074) e Brea-
quinhos, Rua dos Sapadores, 87
(842729).
ESTEFÂNIA - Penada, R. Rebe-
lo da Silva, 9 (43340).
JANELAS VERDES - R  s G  rde,
R. das Jan. Verdes, 90 (662327).
LUMIAR - Central, R. do Lu-
mar, 77 (790480).

MARQUES DE POMBAL - Liberal
Av. da Liberdade, 219 (43641).
OLIVAS - Central das Olivas,
Rua Alferes Barnier, Rua 1-C
Olivas-Norte (3 5539) e An-
t  nio Resas, R. C. Lote 99
Olivas-Sul (3 360).
PICHELEIRA - Luzmar, R. João
do Nascimento Costa, 6-A (7
P P C 128395-120703).
RATO - Vicente de Jesus, Largo
do Rato, 3-C-D (68 947).
REGO - Laranjeiras, R. F  lpe do
Mato, 60-62 (76 035).
RETELO - Belém, R. Tristão Vaz
O-A (6 Encosto do Restelo)
(6 2248).
SANTO AMARO - Gomes, Suc.,
R. da Junqueira, 426 (638 93).
e Costa, R. das L  sladas, 32
(636704). e Dilene, R. Alameda
Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOL  NIA AO BEATO
- Conceição, Calc. D. G  t  o,
30-32 (38 179).
S. BENTO - F  n  s, R. do Cruz,
dos Poios, 52 (67853).
MOSCAVIDE - Império, Rua de
Oliveira 44 (Tel. 251 820).

Linha de Cascais

ALGES - Branco, Av. Comb. 3
Guerra, 29 (21208).
CAXIAS - Nova, Rua Bernardino
Reb  s, 1-A (242839).
PAÇO DE ARCOS - Godinho de
Silva, Av. Patrão Lopes 4 (Tel.
242039).
OEIRAS - Central, Rua João Ia-
n  ra Simões, 8 (2430058).
PAREDE - Alz  s, Av. Gago Lau-
t  rio - Barro das L  xas de
Província (2472948).
ESTORIL - S. Jo  , 1. Jo   do
Estoril (26 86).
MONTE ESTORIL - Ostende, R.
de Espinho, (26039).
CASCAIS - Misericórdia, R. Re-
g  rio, 9, 4 (28041). e
Cascais, Rua Conde de Monte
Real - Bairro Coxas (282407).

Linha de Sintra

AMADORA - Cavaca, R. El  s
Garcia, 209 (93009). e Fla-
me, R. El  s Garcia, 78-3 Tel.
932485. e Confiança, Av. D.
Nuno Alvares Pereira, 5-A
(938 49).
DAMAIA - Damela, P. Alexan-
dre de Gusmão, 9-A (970528).
QUELUZ - Correia, L. do Mer-
cado, 5 (950905). e Zelas, R.
do Republica, 83 (950045).
CACÉM - Central 4 El  s Gar-
cia, 55 (294034).
MEM MARTINS - Quimio, Est.
Mem Martins, 285, (29 002).
S. PEDRO DE SINTRA - Valen-
tim, (980456).
SINTRA - Simões, R. Metodone
Salgado, 26 (980832).

VENDA NOVA - Nova, R. El  s
Garcia, (933720).
COL  RES - Caleres, Caleres (86
20028).

Outra Banda

ALCOCHETE - Menes, L. Cor-
neio Ramal de Costa, 0 Tel.
234 37).
ALHOS VEDROS - Portugal, Av.
do São Rosa 8 (24250).
ALMADA - Alameda, R. Fernão
Lopes (270271).
BAIXA DA BANHEIRA - Nova
Fátima, Est. Marinha, 1-8
(224 4).
BARREIRO - Avenida, Av. Alfre-
do do Silva, 88 (22732 2).
COVA DA PIEDADE - Carquejal
Alfama, Praça 5 de Outubro 8
(270254).
MOITA - União Moitense, Av.
de Le  nia Braga (289029).
MONTIJO - Moderna, R. S  n  s
Pato, 60 (230 56).
S  SILMEIA - L  s, Av. S  n  s
(229471).
SETÚBAL - Raposo Pinto, P. de
Bocage (22484). e Nova, R. Ge-
n  ral Gomes Freire (22052).
SEIXAL - S  n  s, R. Nova
Co  s 18 (22 856).

SERVIÇOS
URGENTES

Telefones
AGUA GAS e EL  TRICIDADE -
Companhia das águas 561858
e Companhia Res  ndas 587011
e Gás 538821 e Gás
de dom e terrenos 582069.
BOMBEIROS - S  padores 22222
e Voluntários 538524.
POLÍCIA e G. N. R. - serviço de
emergência, 115 e Segurança
Pública, 866141 e Judiciária,
535380 e Marítimo, 526456 e
Internacional, 562721 e Vi-
g  o e Trânsito, 42205 e G. N. R.
(  rea rural), 36865.
SAUDE - Cruz Vermelha, 665842
e Est  magem permanente,
766161 e Enfermagem de   r-
g  ncia, 43738 e Hospital de
Santa Maria, 775171 e Hospi-
tal de S. Jo  , 860131 e San-
t  es, 771169 e Transf  s  es
e oxig  nio, 538524 e Centro
de Infec  es (Infectol  g),
767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES - Aeroporto,
720111 e Caminhões de terra
(C. P.), 849029 e Caminhões de
ferro (Estoril), 661121 e Está-
  o fluvial (T. Pão), 525345 e
Estão Marítimo de Alentejo,
663195 e Estão Marítimo de
Rocha, 672445 e Estão fl-
vial (Belém), 638531.

BOM APETITE

XANGAI

Av. Bague de Le  s, 20-B
Tel. 5 73 78
(fr  nte)
   Emboxada Americana
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e c  ch  s arom.
CHAO CHAO

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SHACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua F  n  s Ribeiro, 55-57
(Alameda   s 4, 214)
Telefones: 53 07 58

NOVO RESTAURANTE
E SALÃO DE CHÁ
NO (POSTO SHELL) EM

AZEITÃO
ESTRADA Lisboa-Setúbal
Tel. 22 82 44
LOCAL APROPRIADO PARA
ALMOÇAR, TOMAR CHÁ
e JANTAR

MONTE ALTO

Rua F  lpe Folque, 10-B-C-D
Tel. 51005
TODOS OS DI  S PRATOS
VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES
LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE

**QUINTA
DE S. VICENTE**
Telheiras de Cima, 44
Tel. 790211

JANTARES
DANÇANTES

com o conjunto privativo
das S  b  as e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para
automóveis

Diário de Lisboa



Propriedade da
Ressurreição Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-23 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
Ext. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 15,5; na água do mar, 14,6

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 21; mínima, Penhas da Saúde, 0.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, excepto na orla costeira, onde se prevê períodos de céu muito nublado; vento fraco e moderado predominante do Norte.



Amanhã
Nascer às 5 e 41
Opor ao 20 e 27



Dia 2 Dia 3 Dia 16 Dia 24

MARES:

PRÉIA MAR: Dia 29 — 2 e 06 (3,7 m), 14 e 36 (3,8 m)
Dia 30 — 2 e 47 (3,9 m), 15 e 16 (3,9 m) Dia 1 — 3 e 30 (4,0 m), 15 e 55 (0,0 m) BAIXA MAR: Dia 29 — 8 e 02 (1,1 m), 20 e 20 (1,1 m) Dia 30 — 8 e 40 (0,9 m), 21 (0,9 m) Dia 1 — 9 e 21 (0,8 m), 21 e 41 (0,8 m).

Padre português preso na Índia

NOVA DELHI, 29 — (P.P.) — O padre Francisco Monteiro, sacerdote católico de nacionalidade portuguesa, foi preso em Mapusa, por ter violado a ordem de expulsão de que foi alvo em 11 do corrente.

O padre Monteiro tinha sido obrigado a abandonar a nacionalidade portuguesa, sem o que teria de deixar o país. Recusou-se a obedecer e apelou para o Supremo Tribunal, que confirmou a decisão do governador que ditara a expulsão.

Doença súbita e mortal

Chegou morto ao Hospital de S. José, o sr. José da Lapa Gahardas, de 65 anos, residente na Quinta da Lomba, no Barreiro, que adoeceu subitamente na estação do Metropolitano, na Rossio.

O cadáver seguiu para o Necrotério.

Uma panela com água a ferver sobre uma criança

VISEU, 29 — Foram socorridos no Hospital da Misericórdia a pequena Maria de Fátima T. Mesquita, de 2 anos, residente no Moinho de Vento, que, na brincadeira, virou sobre ela uma panela de água a ferver, que estava ao lume, e sofreu graves queimaduras; seu irmão, de 12, Joaquim Augusto, o qual correu em socorro dela e ficou, também, com queimaduras, embora menos graves.

B. B. (AOS 34 ANOS): «A FELICIDADE CONSISTE EM SERMOS DOIS»

ROMA, 29 — (A. N. I.) — «Não tenho a mais pequena intenção de abandonar o cinema. Deixo esse encargo ao tempo na certeza de que jamais serei capaz de desempenhar o papel de uma mãe de família» estas as primeiras palavras de Brigitte Bardot quando chegou a Roma para participar na rodagem de um novo filme, «As Mulheres», de Jean Aurel.

«Apenas decidi renunciar, por agora, a continuar a minha posição no cinema internacional,

não tanto por causa do insucesso de «Shalako» mas porque me desagrada trabalhar com actores e realizadores estrangeiros de que não compreendo nem a língua nem os hábitos» — prosseguiu a actriz.

Brigitte não gosta de falar da sua vida privada mas disse: «Eu e Gunther Sachs perdemos-nos de vista. O nosso matrimónio foi um momento de felicidade. Todavia, eu cheguei a uma idade (34 anos) em que a felicidade con-



F. B. — felicidade a dois

siste em sermos dois e nenhum casal pode resistir quer às separações frequentes e prolongadas como aquelas a que uma actriz célebre é obrigada, quer aos «flirts» que a imprensa gosta de atribuir a um ou a outros.

Menor morto num choque de motorizadas

LEIRIA, 29 — Em Arrabal, localidade do concelho desta cidade, deuse, antontem, um grave desastre, em que dois motociclistas chocaram violentamente. Um deles, o menor António Baptista Oliveira Faustino, de 16 anos, natural e residente em Arrabal, sofreu traumatismos cranianos a que não resistiu, vindo a falecer, ontem, no hospital de Leiria. O outro, o sr. Joaquim Pereira Crespo, de 35 anos, casado, natural de Cardos, foi internado no mesmo estabelecimento, sendo o seu estado satisfatório.

Mais um «707» para a TAP

Vindo da América, chegou esta manhã à Portela de Sacavém um novo aparelho para a frota da TAP. Tratase do 5.º «Boeing» 707 de que passa a dispor aquela companhia, o que lhe permitirá fazer face ao desenvolvimento de carreiras em que está empenhada.

Os publicitários portugueses têm no próximo domingo o seu «Encontro da Primavera»

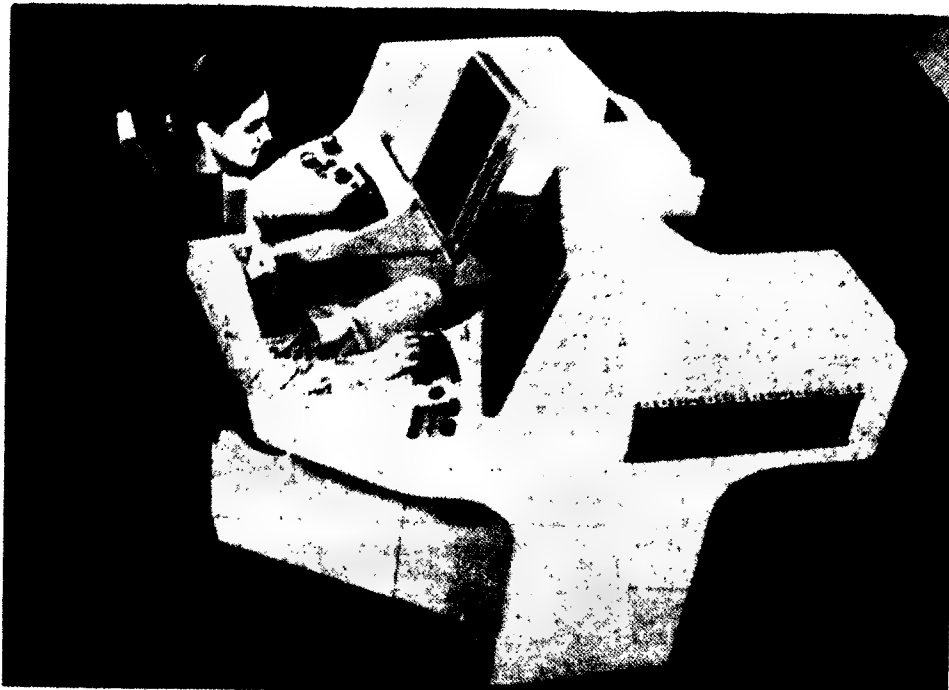
Os publicitários vão reunir-se, no próximo domingo, numa festa informal, promovida pelo seu clube, e a qual resolveram chamar «Encontro da Primavera». Decorrerá no Ribatejo.

A concentração far-se-á, às 9 horas, no Parque Eduardo VII, donde a cavalcada partirá, um quarto de hora depois, em direcção ao Carregado (onde ocorrerá o encontro com os publicitários nortenhos), dali seguindo para Asinbuja. Nesta localidade, um grupo de campinos saudará os homens da publicidade, que farão uma paragem num ponto estratégico da Casa Agrícola Francisco Ribeiro, para comerem um chouricinho assado, com broa de milho, acompanhada de vinho especial (colheita de 1948).

As 11 horas, haverá um passeio no rio, que finalizará na Ilha do Mochão da Casa Branca, onde decorrerá uma «festa campina», com ferra e tenta, dirigida pelos campinos Manuel da Costa Laureano (maioral), Manuel Luís Jacinto, José Amaro, Joaquim Coelho e Félix Mateus.

O almoço é às 14 e 30. A ementa é só isto: caldeada do rio (em tijelas de barro); engulas no espeto (hum!); borrego à lavra (da Casa Agrícola F. Ribeiro); pastéis de feijão da leiria; vinhos branco, tinto e rosé (muito); café e aguardentes bagaceiras.

As 16 horas, haverá uma exibição de danças e cantares do Ribatejo, a qual se seguirá uma sessão de fados e guitarra.



Nesta secretária do futuro, em exibição na Feira de Hannover, a empregada não escreverá numa máquina vulgar mas num «ecrã» de TV, as cópias serão tiradas electrofotograficamente a partir do original, e o arquivo consistirá em microfílm e registos de som. O telefone (invisível) está instalado junto da cabeça da empregada.

A ROMAGEM AO TÚMULO DO DR. JAIME CORTESÃO

O grande escritor e cidadão, democrata que se bateu pela República e nas trincheiras da Flânder foi ferido, ele que voluntariamente se oferecera para a frente de combate, deixando a sua

cadeira de deputado, como tantos outros fizeram nessa altura, e que se chamou Jaime Cortesão, completaria hoje o trinta e cinco anos.

Os seus familiares, admiradores e amigos foram es-

ta manhã em romagem ao seu túmulo erguido, por subscrição pública, no Cemitério dos Prazeres.

A romagem é feita no dia em que, em S. Paulo, o Ginásio Estadual Jaime Cortesão, assim baptizado pelo Governo brasileiro em homenagem ao grande historiador, celebra a memória do seu patrono.

Além de sua viúva D. Carolina Cortesão, e de seu filho, o dr. António Cortesão, muitas outras pessoas compareceram no Cemitério dos Prazeres às 12 e 30. Entre outras os srs. drs. Mário Soares e David Mourão Ferreira, o nosso camarada de redacção Raul Régo, que representava o coronel Heider Ribeiro, os srs. Joaquim Bastos e Nuno Simões, David Ferreira e César dos Santos.

No túmulo de Jaime Cortesão foram depositos muitos ramos de flores, tendo ali do observado um minuto de silêncio.

NOVO DESCARRILAMENTO PERTO DE PINHAL NOVO

VALDERRA, 29. — O comboio de mercadorias n.º 8151, que partiu do Barreiro às 3 e 50 de hoje descarrilou nesta estação, a poucos quilómetros de Pinhal Novo, tendo saltado da linha a máquina e alguns vagões.

A circulação ficou interrompida, estando retidos o comboio rápido do Alentejo e a automotora n.º 8130, pelo

que teve de proceder-se a transbordo dos passageiros e bagagens.

«OPERAÇÃO STOP»

VISEU, 29 — A P. S. P. desta cidade organizou mais uma das suas «operações stop». Foram fiscalizadas 1329 viaturas e assinaladas infracções por falta de licenças e estacionamento irregular. Os serviços decorreram sem qualquer incidente.

ENGENHEIRO AUXILIAR

Amanhã, às 21 e 30, no Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, o prof. dr. Orlando Ribeiro, da Faculdade de Letras, fará uma conferência intitulada «Técnica e Cultura».



IV CONCURSO DE LETRAS E ARTES FÓSFORO FERRERO

Provocou natural interesse o anúncio publicado na passada semana relativo à organização do «IV Concurso de Letras e Artes Fósforo Ferrero», A INICIAR NO PRÓXIMO DIA 13 DE MAIO.

Ao mesmo tempo que recomendamos a leitura atenta do Regulamento, chamamos a atenção para a nova redacção do artigo 2.º que passará a ser a seguinte: «O concurso fica aberto a todos os jovens de ambos os sexos até ao limite de 25 anos».

Este ano, «Fósforo Ferrero» reunirá todos os concorrentes premiados numa festa de encerramento do concurso, durante a qual serão entregues os prémios.

Repete-se:

- os prémios são semanais;
- os trabalhos devem estar na redacção até ao sábado. Os trabalhos recebidos depois de sábado serão considerados para o prémio da semana seguinte.

A partir de agora, todas as produções recebidas contarão para o prémio «Fósforo-Ferrero», e menos que os colaboradores exprimam o desejo de que tal não aconteça.

Diário de Lisboa

N.º 620

Juvenil

DOS JOVENS PARA TODOS

POEMA

Por MARIA TERESA DE A. DIAS

CAMPO

Por Júlio Henriques

(ou, para a Ana, o silêncio)

O trigo sobre os ombros.

E na paisagem inquieta,
o choro duma criança morta.
O campo.

temos nas mãos a memória
de quando nosso quarto
não tinha sombras nas paredes
e o tempo era vestido por nós.
Agora as searas não são só de espigas douradas
e a terra não é só para ser pisada.
Agora sentimos nosso tempo
no descobrir das manchas
e nosso corpo
nas palavras que dizemos

MARIA DOS OLHOS QUE RIEM

Por JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA

Assim aquele seu jeito leve de andar assim aquele rosto fresco por toda a vida porque ela explicava o sentido das manhãs sem resposta porque ela era o sentido dos dias sem regras e por isso só existia no sorriso de seus olhos e era esse sorriso um poente sereno tão sereno como são os poentes sim um poente a nascer a crescer a ficar pela janela nessa janela suspensa sobre o muro antigo suspensa sobre a rua suspensa sobre os homens mas nunca sobre o tempo e sim também sobre as coisas à fase desse sorriso nos olhos vagueando pelo rosto es-

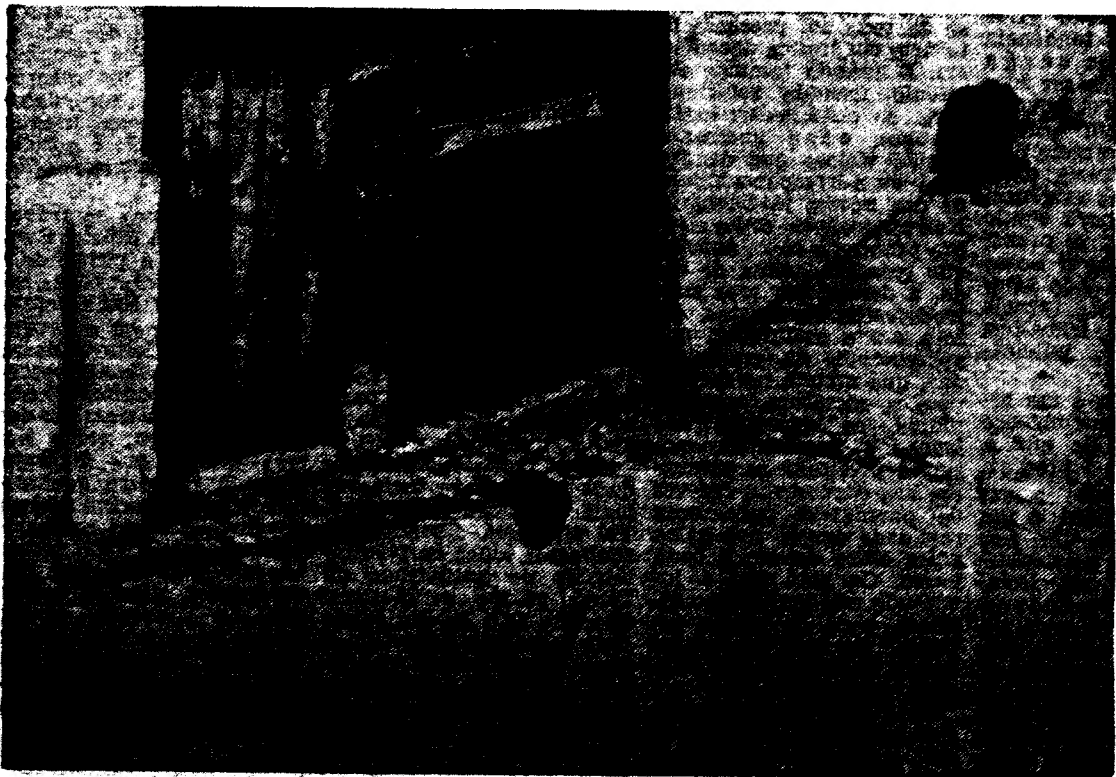
vaindo-se enfim pondo-lhe um nome Maria dos olhos que riem assim mesmo como eu lhe chamava ah mas talvez só mais tarde a compreendesse como o significado de um mar manso à custa de uma fonte imedida uma fonte que não mais há ou de um vento que não mais sopra assim como seu rosto podia reflectir a quietude de uma palmeira nos dias sem brisa ou decerto só uma tristeza nunca explicada: talvez a morte de um corpo ou a queda brusca de um deus ou ainda o ruir de um sonho ou a partida de um calor sim fosse o que

fosse parecesse o que parecesse só importa os olhos que sorriam através da noite nessa janela já definida onde rosas ou silvado poderiam crescer quando desejasse: havia de adorar o sangue das rosas mas gostaria de morrer na agudeza de um silvado como havia de amar num lago quieto e preferir dormir num mar em tempestade e então assim é que ela falava assim de um modo estranho interrompido por longos silêncios ou frases por acabar e com olhares para longe e ao longe perdidos e por isso para ela para ela eu teria um poe-

ma para acontecer e uma canção por inventar e um fogo por atear porque nessa altura só valia a pena ouvir a voz alegre de seu olhar sim só isso valia a pena e ver a frescura daquele seu jeito leve de andar e os cabelos quais cabelos? as muitas praias por descobrir e as danças que bailar e viagens que empreender e todas as promessas que havia no verde dos olhos no verde? não no sorriso sempre no sorriso à espera da partida até uma tarde sem grades até um sítio sem rostos até um verde em que pudesse conhecer o mar.

FOTOGRAFIA-I

por JOÃO LEITE FERREIRA



A ALDEIA

Por JOSÉ ROGÉRIO MINEIRO CARROLA

Uma aldeia. Conhecem-na os que a habitam. Nasceu-me um dia nos meus olhos cansados velha demais para a poder erguer num poema. E uma escola, é verdade. Com garotos que vinham dum tempo longínquo de olhar os aviões em conjunto como aves raras.

Dali parti um dia quando o Verão começava e tudo era a tranquilidade das tardes na minha janela gasta.

Lá está. Não há lembrança dela porque ela só cabe nos que estão lá. Os homens eram duas tascas cheias.

A alegria era o domingo nas mesmas tascas mas com o sino tocando até à noite.

Ali morri nove meses perguntando.

As palavras enterrava-as nos rostos cansados que vinham de longe com mãos cheias de terra e nos copos de vinho tinto que eu dizia serem o esquecimento não do que passou mas do que vinha diariamente igual.

A aldeia. Era cantando-a que eu a erguia? perguntava à solidão que carregava as tardes.

Ali morri então nas vasinhas que iam à fonte e nos que partiam pela noite fora.

Era então o silêncio vindo pelas lágrimas.

Era o desgaste, pensava eu.

A aldeia um dia, perguntava, seriam os lenços negros das mulheres, as mãos dos velhos apoiadas?

Ou somente os restos de uma geração que nada mais deixa do que as paredes?

Dali parti quando a escola terminou.

De longe, o meu velho quarto parecia gritar.

E eu talvez o desejasse então mais do que nunca e o tivesse chorado não por ser ele um quarto e estar ali abraçado a uma enorme tranquilidade mas por me ter desesperado e feito esquecer.

Ali morreu o tempo. Ali morri.

Um homem até se cansa só de pensar.

Na minha mala os mesmos livros e o cheiro de uma idade que já se escreveu há centenas de anos.

Eu senti talvez, penso hoje, a angústia do homem que deixa tudo que é nada mas sempre lhe pertenceu e parte.

Era Verão. Mas o frio da gente vinha anichar-se em suores nas minhas mãos.

Para trás de mim, muitos séculos atrás de mim, a aldeia.

APONTAMENTO

por Ana

Então, o tempo era de alarme. Um alarme surdo (os subterrâneos) a que, pelo contacto diário, nos habituávamos. Na escola, ensinavam-nos a colar adesivos nos vidros das janelas e a pormo-nos nos bicos de pés e abrir a boca se houvesse explosões (por causa dos timpanos, diziam) — mas nunca houve explosões, mostravam-nos Giacometti por detrás de vidros vermelhos e também as pessoas eram muito longas e magras.

O açúcar era racionado e lembro-me de uma vez ter chegado à mercearia deserta e ter pedido açúcar; na frente de mais pessoas que entretanto tinham chegado, o homem estendeu-me um embrulho feito em papel de jornal e

diz: «voilà les pommes de terre!» Eu não tinha pela mão batatas mas por não sei quê, talvez o estar habituado a que as coisas se processassem subterraneamente, não disse nada, mas foi falta de imaginação do homem: o açúcar era em cubos e a embalagem demasiado regular, parecia-me a mim, para que as outras pessoas acreditassem que se tratava de batatas. A gasolina era também racionada: tantos litros por uma senha.

Saltamos da escola a correr e queríamos entrar em casa também a correr. Viávamos num quarto muito grande numa casa antiga. Chegávamos e pedíamos à senhora: «La clef, s'il vous plaît», fazíamos os deveres e esperávamos, contando

os «bons points» ganhos ou perdidos. Janine era a filha da cozinheira da residência. Detestávamos Janine — não nos deixava subir as escadas a correr, gostava de mandar em nós e de ralhar connosco porque era mais velha. Gostávamos de, para nos vermos livres dela, dizer-lhe de vez em quando: «Janine, a tua mãe está a chamar-te.» E ela ia correndo: «Maman, j'arrive!» e a mãe não tinha chamado. Havia outra família na residência — só um filho, um menino louro e calado. Comíamos tâmaras compradas em caixotes e ríamos com o electricista que queria aprender português e dizia: «ume-dolch-tres-cuatrrô. Ríamos muito sentadas sobre a mesa. Mais

tarde, deixaram de comprar-se tâmaras (por causa da Argélia, diziam).

Durante os recreios, meninas louras brincavam à guerra — dizia-se: a guerra do Egipto e elas lamentavam os fuzos, os maridos e os irmãos mortos, a perda da casa e a falta de alimento, agasalho e abrigo para as suas crianças.

Nos recreios, meninas louras deixavam-se morrer pela pátria, outras que tinham ouvido falar de Mata-Hari, brincavam, sem um sorriso, à espionagem, corriam perigos incalculáveis pelos segredos de Estado de que elas só eram responsáveis. Ser responsável era a nova palavra de ordem, aprendida casualmente com o Petit

Prince. (No fim de uma qualquer fábula de La Fontaine, recitada 30 ou 40 vezes de cor, sem uma falha — se não: punition — cheia de palavras para nós incompreensíveis), um menino de olhos claros pôs o dedo no ar, bem alto e diz: «Mam'zelle, deram-me o Petit Prince. Mam'zelle que quer dizer ser responsável?»

Je suis responsable de ma rose — conjugar no presente do indicativo, do conjuntivo e do condicional foi o trabalho para casa.

Dpois de, por acaso, nos terem mostrado Giacometti — Giacometti vivia então em Paris — ser responsável tornou-se uma expressão mais fluida — durante semanas deixaram

de brincar às guerras nos recreios e plasticina e barro eram os materiais. Cada um se sentia responsável pela sua obra e havia cheros e bulhas quando alguém destrua o trabalho de olhos claros pôs o dedo no ar, bem alto e diz: «Mam'zelle, deram-me o Petit Prince. Mam'zelle que quer dizer ser responsável?»

Mais tarde, no tempo em que já não se compravam mais tâmaras, nos recreios, «Pieds noirs» iria tornar-se mais frequente que «Poli de carotte» (rítmicamente até à roquidão).

REFLEXÕES

sobre um tema de MANUEL RIBEIRO SANTOS

por Gilberto Sancho

Algumas são as pessoas que se não jovens, não conseguem exteriorizar a sua juventude indo além das brincadelas descontroladas do costume, dos ditos espirituosos e «picantes», das atitudes paradoxais, dos pensamentos inebriantes e tétricos.

Vem isto a propósito do trabalho de Manuel R. Santos «Para a palinogenia de João Preto, Quim Fidalgo, Tita e Zéocao» que consideramos um exemplo, bem frisar, do que se poderia chamar «a verdadeira literatura juvenil».

Neste trabalho a juventude vai muito além daquilo que atrás mencionamos.

A frescura e a pureza da idade que recordamos sempre, vida fora, figuram neste trabalho com toda a força e lucidez que um estilo concretizou. O estilo é importante porque nele está o homem que cria. É o instrumento psicológico que cada um de nós transporta, sempre pronto a servir-se da palavra escrita para falar.

Mas nem todos possuem um sentido estilístico correcto porque, na juventude, a psicologia é duma complexidade flagrante. Contudo existem aqueles que do complexo conseguem retirar a perspectiva metódica necessária para exercer uma lúcida interpretação dos factos.

Lutar contra a complexidade é ter consciência do grau de subjectividade que assinala a idade jovem.

Uma vez consciencializados do subjectivo, temos o ponto de partida para nova luta. E nessa luta queremos saber o que em nós é problema. Analisados os prós e os contras reparemos que o problema está no ambiente social que nos aliena duma necessidade psicológica que é nossa e apenas nossa pois somos nós os jovens.

Encontramos uma via de solução ao pressentirmos

que é necessário fugir ou lutar contra esse ambiente pois nele está a base do mal. Mas como havemos de fugir? Temos de procurar outro ambiente, conhecer esse ambiente.

Manuel R. Santos descreve-nos uma realidade onde a alienação não tem entrada pois as relações humanas que aí se estabelecem têm de permear uma natureza onde a sinceridade é total. Não podemos ver estes quatro capítulos como uma simples recordação ou saudosismo dum tempo de pura contemplação e prazer espirituais. Temos de os enquadrar num contexto literário-juvenil para abarcarmos todo o seu significado. Tal contexto é, forçosamente, complexo e variado.

A complexidade e a variabilidade não podem ser tomadas como deficiências intrínsecas mas como resultantes de lacunas extrínsecas motivadas por um outro contexto (o sócio-cultural) onde nos integramos. Das lacunas poderíamos enunciar um interminável número. Mas limitámo-nos a falar aqui da aquela que pensamos estar mais ligada ao assunto em questão, ou seja — a falta de espírito crítico.

Lemos, por exemplo as respostas que Alice Vassallo Pereira nos dá quando enviamos colaboração para o Juvenil e ficamos logo com a noção de que, muitas vezes, escrevemos, sem ao menos, sabermos o que significa escrever. Não queremos dizer que exista algum «Manual para escrever bem», queremos sim, deixar bem claro que escrever pressupõe uma finalidade. E no caso duma publicação juvenil a finalidade não será outra senão promover entre a juventude uma educação cultural que outros sectores mais responsáveis não praticam.

Mas em vez duma educação cultural, as nossas publicações juvenis limitam-se a manter um «estado quo» já tão familiar entre nós em várias modalidades. Tal situação para ser alterada em sentido progressivo terá de sofrer um impulso renovador a partir não só de nós como dos orientadores dessas publicações. Mas para que algo se renove é necessário existir nos espíritos uma vontade de inovar. Tal vontade caracteriza-se por uma insatisfação frente àquilo que se produz. A insatisfação traduz-se por um sentimento de frustração perante as exigências duma manifestação espiritual que necessitamos expressar e a inexistência de meios concretos para podermos expressá-la.

Quando escrevemos alimentamos, na maior parte das vezes, uma tendência que devido à sua carga subjectiva, terá de ser educada por nós e por aqueles que possuam um sentido crítico, o mais correcto possível. Tal tendência exterioriza-se a nossa exigência de publicações para aquilo que escrevemos; o prazer ao sabermos que o nosso nome vem publicado também; o desejo de vermos todos os possíveis trabalhos que escrevemos, publicados.

Esta tendência é um reflexo directo do ambiente «comercialista» de que a nossa literatura é pródiga.

A solidão frente a um sentido autocritico, é um dado psicológico que nos marca, muito particularmente. Sentimo-nos isolados num ambiente onde escasseiam factores reais para a nossa verdadeira promoção social, artística, etc. Tal falta é o principal alimento para a inexistência duma educação cultural em nossa juventude. A falta desses factores em vez de

funcionar como catalizador na superação dum «estado quo», vem, pelo contrário, favorecer a nossa alienação, mantendo-nos afastados duma série de problemas que devido à sua especificidade só poderão ser resolvidos quando os adultos se decidirem a ouvir-nos. A continuar assim, não causará admiração, notarmos que a vontade de inovar, estela distante dos nossos espíritos. Tal distância deve-se por consequente, à alienação que nos impingem os vários contextos que regulam nossa vida em sociedade. De entre tais contextos, isolemos o artístico. Nele se reúnem todos os condimentos necessários, para um afastamento da juventude dum verdadeiro sentido artístico.

O círculo fechado e reaccionário que mantêm os nossos artistas, está na base de todo um processo literário em franca decadência. E quando falamos em círculo fechado referimo-nos a críticos-escritores-críticos, esse aberrante círculo vicioso que denuncia toda a irresponsabilidade dos nossos intelectuais. E irresponsáveis estão sempre prontos a sê-lo, aqueles que colocam, acima de tudo, a defesa dos seus subjectivismos sectaristas, ou seja «... o sectarismo dos apreciadores da «vanguarda», que metem no mesmo saco a escultura negra e Fídias, os desenhos dos loucos e Rembrandt, que talvez prefiram os primeiros aos segundos», em vez de acordarem para uma realidade que se nos entra pelos olhos dentro a cada passo. Ou será que a juventude não será uma realidade para os nossos artistas? Ou será que tantas outras realidades não existirão para eles?

Para nós, jovens, é conflagrador o pressentirmos esse ar de «capelinha» e de «apadrinhamento» que

pulula entre nosso sector artístico.

Devemos... submeter a uma revisão radical todos os nossos juízos sobre o carácter progressista e popular e sobre o humanismo de muitos escritores, deixando de nos apoiar nos esquemas estreitos daquele «vanguardismo» de igreja intelectual... que manifestava todo o seu desprezo por tudo o que se referisse à arte, apenas valorizando a agitação imediata... A aplicação no presente dos ensinamentos do passado depende intimamente da possibilidade de abandonarmos o nosso limitado ponto de vista nos confrontos com esse mesmo passado — palavras estas que consideramos da maior utilidade para nós e que tendo sido escritas em 1938 possuem toda a actualidade que lhes auferem um ambiente artístico como o nosso.

A falta de espírito crítico tomada com exemplo duma lacuna a nível extrínseco e motivada pelo nosso contexto sócio-cultural, é um reflexo do abstractismo que se vai instalando em nossa mentalidade com a educação que vamos sofrendo no decorrer de nossa vida. O verdadeiro educador outro não será senão aquele que ensina a ser livre. E temos de falar em abstractismo quando falamos em educação pois para nós educar nunca foi libertar.

Deste modo a objectividade distancia-se, cada vez mais, de nossos espíritos. Tal distância, a manter-se, rouba-nos todas as possibilidades de actuarmos de modo válido e coerente quer no seio da sociedade quer em nós próprios. E torna-se necessário que todos os jovens sintam essa lacuna importante que em nossos espíritos se enraizou.

Lutar contra o subjectivismo é tarefa que compe-

te a todos nós. Só adquirindo um espírito crítico e autocritico, onde o fim em vista seja a conquista do melhor (e não apenas no que diz respeito a assuntos artísticos) conseguiremos realizar algo de verdadeiramente inovador.

Abandonarmos essa mesquinhez mórbida de nos debucarmos apenas sobre nós, esse egoísmo que só nos prejudica e lançarmos numa busca de bases científicas e racionais para aquilo que nosso talento artístico for criando (porque subjectivos todos os somos). Denunciar os erros que achamos necessários denunciar, chamar as coisas pelos seus verdadeiros nomes, sermos justos e inflexíveis nas posições que defendermos.

A crítica nunca a devemos utilizar como ataque, mas, pelo contrário, como defesa das teses, dos juízos, das situações que reconhecemos serem indispensáveis para um verdadeiro progresso. E como ataque a nossa actuação é o mais correcto e o mais eficaz dos ataques.

Afastamo-nos do trabalho de Manuel Ribeiro Santos: Mas foi a partir dele que nos surgiram todas estas reflexões. Nada temos a acrescentar ou a censurar, após a leitura desta Palinogenia. Consideramo-la certa e exemplificativa para todos nós. Diz-nos o dicionário, entre outras coisas, que Palinogenia é «suposto renascimento após a morte real ou aparente». A nós competem-nos tirar apenas o termo suposto e substituí-lo por verdadeiro, pois «a morte real ou aparente», é, no nosso caso, o que menos interessa. Sabemo-nos com vida suficiente para lutar-mos contra tudo o que seja reacção.

GILBERTO SANCHO

RECEPÇÃO

por ALICE VASSALO PEREIRA

M.^a A. SANTOS — (Porto) — Desta vez não foste tão feliz na escolha dos temas para os teus contos. A tua inegável capacidade de contar uma história perdeu-se no caminho do fácil, do banal — o que não aconteceu com o teu conto que foi publicado. É preciso teres cuidado porque essa qualidade é perigosa se não a souberes aproveitar bem. Fico à espera de mais colaboração.

J. M. T. HENRIQUES — (Lisboa) — Se te é mesmo impossível deixares de escrever, se, como dizes, escreves por amor, então vai continuando. Por enquanto a tua poesia é a poesia afabricada e artificial dos 15 anos. Sim, eu sei, tu dizes que és sincero, que tudo o que escreves é simples e real mas se guardares os teus trabalhos muito bem guardados e daqui a alguns anos voltares a olhar para eles, vais ver que eu tenho razão.

M. F. GIRALDES — (Lisboa) — Desculpa a demora da resposta mas a muita correspondência e questões de saúde obrigaram-me a atrasar a «recepção». O teu artigo sobre a crítica do G. Sancho foi publicado assim como foi publicado o artigo do Manuel Queirós Ribeiro (o esquecimento do nome foi lapso nosso...) sobre ambos. O «Juvenil» aceita e deseja, tanto quanto possível, a discussão das ideias de cada um. Quanto aos teus últimos trabalhos, «A Condessa» é nitidamente

o melhor de todos. Com alguns traços apenas, conseguiste dar-nos uma figura autêntica, real, que todos nós conhecemos — o que já não acontece nos outros contos. Volta a escrever quando quiseres e desculpa possíveis demoras e atrasos... (Peço que, em próxima colaboração, escrevas apenas num dos lados do papel e o mais legivelmente possível...).

J. A. C. RODRIGUES — (Covilhã) — Claro que li todos os teus poemas, só fiz a sua crítica depois de os ter lido a todos. É evidente que não me podia referir em pormenor a todos mas apenas aqueles que me pareciam mais significativos, pois de contrário não me chegariam as columnas todas da «Recepção». Na realidade não notei uma grande evolução entre esses e aqueles que tu dizes terem sido escritos dois anos mais tarde; por isso pensei tratarem-se de poemas todos da mesma fase. Quanto à frase que apontei continuo a dizer-te que ela não nos diz absolutamente nada. Tu podes achar que «ela tem lógica»; eu continuo a perguntar-te: que sentido real terá a porta da realidade? Não serão muito mais reais, muito mais verdadeiras as duas narrativas que mandaste agora? Sem frases empoladas, sem palavras difíceis, num estilo muito simples, elas são o melhor que escreveste até agora. Só um reparo: não tenhas a preocupação de «rematar» a

história, de encontrar uma conclusão para ela. Por tudo isto, já deves ter compreendido que me parece ser este o teu caminho e não a poesia. Esta é bastante mais fraca.

A. M. CRUZ — (Lisboa) — Parece notar ligeiras melhoras nos teus poemas. Os «laços» e «Acerca da Revistas» têm já qualquer coisa de diferente dos outros — mais objectividade, mais força satírica. Quanto ao prometido ensaio, eu gostava muito de o ler mas não será um tema vasto de mais? Depois corres o perigo das generalizações, das definições que nada definem exactamente porque se trata de um campo demasiado largo para poder caber em definições. No entanto, tu verás. Espero notícias.

J. L. ALVES — (Lisboa) — Podem concorrer ao Concurso «Fóforo Ferreros» todos os jovens até aos 21 anos inclusivos. Esperamos, assim, receber colaboração tua.

A. J. F. EMÍDIO — (Teixoso) — Li o teu conto como me pediste. O teu mal foi teres escrito um conto querendo forçosamente dar-lhe um «ar de gente modesta e de sentimentalismo». Assim escreveste um conto de ambiente e personagens este-reotipadas, um conto pseudo-rústico onde tudo cheira a falso e a oco. Só ganharias em teres debruçado sobre temas e personagens

do teu quotidiano, do teu conhecimento. Para além disto há todo um vocabulário rebuscado e vazio de sentido, que se nota igualmente nas duas outras narrativas. «Dias tristes como trevas», «recordações malfeitas», «ser inocente», tudo isto está bafiento e mais que ultrapassado. Vamos deixar de lamentações e do fado-choradinho e vamos escrever sobre qualquer coisa que valha a pena, valeu?

ANTÓNIO V. B. — (Póvoa de Varzim) — Não, não te vou dizer que deites fora os teus poemas. Também não te vou dizer que eles são bons, porque não é verdade. Aconselho-te, por agora, a leres bons autores contemporâneos.

Os teus poemas quando não gritam demasiado, revelam uma vontade de dizer as coisas directamente e sem metáforas balofas, o que já é uma qualidade. O teu poema «Sem título», embora ainda fraco, é o melhor de todos e aquele que me fez ter esperança em futuros trabalhos teus. Quando quiseres dá notícias.

M.^a HELENA A. — (Aveiro) — Tu tens, na realidade, «coisas para dizer», só que ainda não encontraste o modo certo de as dizer. Há, no entanto, muito tempo à tua frente, tempo em que irás aperfeiçoando os teus trabalhos, tempo para conheceres e aprenderes mais, tempo de experiência.

**Crítica
aos
trabalhos
recebidos**

CICLOS

DA

MÁQUINA

por José Manuel
Soeiro

Os teus 15 anos são ainda muito visíveis em tudo o que escreves. No entanto vamos publicar a tua pequena narrativa «Paradoxo» porque é, de todas as que mandaste, a que possui um toque de originalidade que a diferencia bem de todas as outras.

LUÍS FILIPE — (Lisboa) — O teu «Ajuste de contas» acaba mesmo ali? Não há mais nada? Nem uma palavra-vrinha? Que laconismo... É claro que, só com um trabalho e, ainda por cima, com a brevidade deste, é-me quase impossível dar-te uma opinião. Estava, no entanto, a passar a ler a narrativa, embora já me sinta um pouco cansada de narrativas do estilo estou-no-café-tomo-uma-bica-quem-sou-eu. Mas esta parecia-me ter qualquer coisa de diferente das que habitualmente costumo ler. Talvez isto te dê uma ideia... Espero mais colaboração (quem sabe se até a continuação da narrativa, esquecida nalguma gaveta...)

SAUL F. R. (Lisboa), JUDITH MARINA (Setúbal), JOSÉ CRAVO (Lisboa), ROSA ISABEL (Torres Vedras), F. A. MAXIMO (Alcobaça), J. FRANCO (Coimbra), ESOPO (Lisboa), RICARDO J. M. M. (Porto) — as vossas produções não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

vale devagar e ofício vago
nos dedos depositado
e vagamente limitado
sarcado de espinhos
nas pontelras
penoso se arrasta nos car-
[ris]

e canoa e santa canoado
no corpo atilado o esforço
correm as artérias
o caminho habitado
o caminho no campo
é percorrido
isolado o arado no desem-
[preço]

ontem dissecava a terra
[seca]
mas na partida se despede
o homem do arado
prova o óleo
aprende o fumo
o produto o soluço da má-
[quina]

no ruído perde a força
e o esforço acostumado
pulveriza o tempo
angulosa face do homem
da máquina
arestas desprendem-se da
[vida]

consome a tarde e as mãos
lima o sorriso
semeia a indiferença
no eais da fábrica
correias pesam nos pulsos
alvejados, frágeis, aceitam
o ofício e o pão

a engrenagem diária
embarca os homens
os gestos aprendidos
a sirene percorre o corpo
desagua
nos fornos
nas vidas que se empurram

rodas revestidas
de dentes possuem
o produto terno
circum-navega o esforço
pelas hastes do cronómetro
veladamente presente

abutres, cómodos
velejam o ofício
som penas de luta
ao cair da noite
afastam-se da máquina
afogam-se na noite

macarado o homem
fábrica produtos
que preenchem corpos
suado o corpo
arrefece a máquina
no óleo cantante

pulmões doentes
recebem
a doença urgente

A CARTA DA SEMANA

Esta é a segunda vez que escrevo para o «Juvenil» e faço-o, não apenas para que tarde ou cedo venha alguma coisa minha publicada nesse suplemento. Cabe aqui um aparte para que possa satisfazer a minha curiosidade: o que teria acontecido às minhas primeiras «histórias» (como na altura lhes chamei se não estou em erro)? Há várias hipóteses a considerar: 1.^a, ter-se-ia extraviado o envelope que as continha; 2.^a, as «histórias» não terem o valor suficiente para serem publicadas; 3.^a, dar-se o contrário do anterior, mas estarem à espera de vez.

Qual destas três questões será a verdadeira? Aliás, haveria ainda outras hipóteses a considerar mas tornar-se-ia monótono citá-las todas.

Deixando para trás o que está escrito, vou-lhe contar algo de mim, para

que ajulize a respeito dos meus escritos e de mim próprio.

Buscando no meu passado, vejo-me a deixar um curso incompleto (por falta de vontade própria), e a começar a trabalhar. Foi por essa altura que descobri o prazer da leitura. De princípio eram os romances de cordel e de aventuras que me seduziam. Mais tarde emprestaram-me um livro, que ainda hoje leio com paixão sempre que tenho oportunidade de o fazer. Chamava-se e chama-se «As Vinhas de Ira». A partir daí li muito, autores portugueses e estrangeiros, antigos e modernos. Ao ler um bom livro sinto-me feliz, como se o mundo inteiro estivesse na minha mão. Um dia, conheci um indivíduo que dá pelo nome de José d'Ataíja (este nome não lhe diz nada?). Foi ele que me indicou muitas obras de mérito, foi ele até que me deu a conhecer o «Juvenil».

Mais ou menos na altura em que conheci o José comecei a tentar produzir qualquer coisa de meu. E por onde comecei? Escolhi poesia. Durante alguns meses fiz versos mais ou menos rimados, às vezes também sem rima alguma. Por essa altura lia muita poesia e pensava poder-me comparar a grandes mestres. Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, estavam entre as minhas preferências. Um certo dia dei-me conta de que as poesias que eu fazia não continham nada de nada. Então arrumei todos os papéis com versos numa gaveta, e lá estão com os «meus poemas» a criar bolor. Hoje não sou capaz de ler poesia.

Numa determinada terça-feira comprei o «Diário de Lisboa» lá vinha o «Juvenil». Em parte comprei-o DL por acaso, em parte por curiosidade, para ver como era o «Juvenil».

Comprei, vi e gostei. Depois veio a vontade de também colaborar e surgiu-me aquelas duas histórias: «Tio Zé e a Prisão». Pensando que talvez tivesse possibilidades e continuei. Hoje não passo um dia sem que qualquer coisa me surja. Escrever de simples passatempo (da época poética) tornou-se-me em necessidade. Sei que é um caminho árduo e longo mas ambiciono seguir-lo até não poder mais.

É possível que a Alice Vassalo Pereira encare esta carta com indiferença, mas como espero, não o fará e creio que, se me responder o fará com sinceridade.

Desta vez mando-lhe três contos. Serão talvez fracos, talvez sejam bons. Deixo-os ao seu cuidado.

Ao terminar faço-o desejando a si e ao «Juvenil» as maiores felicidades do amigo

A. E. C. M.

PARA O MEU FILHO — MENINO PEQUENO

PARADOXAL

Por MARIA HELENA AMARAL

Por MARIA NATÁLIA INÁCIO BRAVO

Hei-de ensinar-te a andar sobre a relva e a conhecer o azul.
Hei-de levar-te a ver as flores, as borboletas e os pássaros.
Hei-de ajudar-te a tirar todas as pedras que magoam os habitantes da Seara e não deixam que os meninos como tu vejam o caminho que olham, brinquem como meninos, cantem, andem livremente de bicicleta.

As pedras não deixam ninguém andar de bicicleta e deve ser tão bom andar numa bicicleta. Livre, livremente, colher e semear poemas entre as flores, os pássaros e as borboletas.
Olha, podemos mostrar as pedras aquele poema triste do menino-pastor que queria saber ler mas que nasceu na ponta da

Seara onde o azul não é tão azul, onde não há trigo nem borboletas vivas. Podemos também dar-lhes todos os poemas que matam as flores, assustam as borboletas, fazem os pássaros fugir e criam muitas lágrimas nos olhos das mães.

Se vires as pedras chorar, perdão e verás que elas passarão a ser flores vivas.

Se elas continuarem a querer ser pedras e a matar todos os nossos poemas e a magoar toda a nossa seara, então havemos de as tirar todas, uma por uma, e limparemos a Seara.

E na Seara, loira do sol, coberta pelo azul e livre, livre das pedras, poderás com todos os outros meninos andar livremente numa bicicleta cheia de poemas para semear e colher.

— não, não pode ser imagine que agora toda a gente se punha a comer bocados de lua. Desaparecia a Lua! deixava por terra as teorias tão difíceis de calcular de que a lua se desintegrará daqui por cinquenta bilhões de anos e isso não pode ser era um desastre uma neocatombes que fariam os românticos sem lua os poetas os gatos os cientistas os astrólogos? sim, que fariam?

era preciso arranjar outra lua, custava um dinheirão; outro problema era a electrificação. Pelo preço que está a mão d'obra, Deus nos livre! bem, podia-se comprar uma de refugio que era mais em conta mas depois era preciso andar sempre a consertá-la por causa das deficiências de fabrico, por favor meu amigo não torce a dar nenhuma denta-

da na lua. Se quer fazer reclame de... ponha anúncio no jornal; recebe uma brinde logo de entrada e fica habilitado ao concurso publicitário

Voltando ao assunto já vai ser difícil consertá-la no estado em que você a pôs... Só com uma transplantação (montanhosa) se lhe pôs um remendo decente e o pior vai ser consertá-la no hospital: ela sofre de claustrofobia!!!... o meu amigo compreende: é meu dever velar pelos lugares públicos e — não diga mais: prometo solenemente nunca mais dar uma dentada na lua.

— muito obrigado, meu bom amigo, a sociedade protectora dos planetas está-lhe imensamente grata pessoalmente estou... muito comovido.

Epilogo: caem nos braços um do outro.

LAÇOS

Por A. M. DA CRUZ

Pai e filho estão ligados por um laço dizem que de amizade

um laço curvo como o volante do carro de pai e filho curvo como o dinheiro de pai e filho

Pai e filho estão ligados por um laço metálico e frio e firme como o ferro

«EN ÉTÉ COMME HIVER» (J. Prévert)

Por MÁRIO CONTUMÉLIAS

É sempre no inverno que nossos corpos dizem da chuva. Quando ficávamos por detrás dos vidros

A chuva vinha e batia forte nos vidraças da casa velha onde habitávamos. Às vezes escrevíamos nossos nomes como se os soletrássemos com os dedos. Era sempre assim no inverno Quando punhamos nossos casacos grossos de peles para ir à rua. Os meninos pobres tinham sapatos muito grandes com buracos na sola E caras sujas de frio

como os livros da escola muito rotos. Nós tínhamos inveja Eles tinham os pés na água que habitava também os bibes das meninas. Era sempre assim no inverno Quando nós habitávamos a grande casa velha.

II

A brisa quando vinha trazia até nós o bafo quente da cidade. As mulheres que dantes diziam do inverno na assadeira das castanhas Agora vendiam gelados para sujar a cara das crianças E havia velhos reformados toda a tarde no jardim — Nós dizíamos sempre deles como de velhos reformados — Ficávamos com os pés na terra como raízes já mortas. Às vezes não se moviam As mãos apoiadas numa bengala Os olhos calados como se soubessem já todos os lugares. Nesse tempo nós encontrávamos nossos lábios num frescor E sentíamos nossos dedos percorrer cada árvore. Era então nesse tempo à tarde As meninas que vinham da escola passavam por nós Com grandes nódoas de tinta nos bibes brancos A sorrir.

O SENHOR MENDES

Por J. ANTÓNIO CORREIA RODRIGUES

O senhor João Mendes é um dos comerciantes cá da cidade, apresenta-se baixo e espadado tido em grande consideração por todos, não há ninguém que o desconheça; há também quem lhe chame só senhor Mendes, é como eu lhe chamo.

O senhor Mendes, portanto, tem o seu estabelecimento situado na principal artéria da povoação, com uma montra, uma porta estreita, por onde possa entrar e sair; o escritório, que serve também de armazém, tem uma secretária e um banco; na casa de banho há uma pia, não tem puxador de água, e para encher a bacia são precisos 25 minutos, pois diz ele que o cano está entopido, e para ficar bom seria necessário arrancá-lo até ao contador.

Assim, todos lhe dizem que deveria renovar a loja, que já se encontra desactualizada, principalmente por se encontrar na rua de maior movimento comercial, que, das 21 lá situadas, é a mais recuada no tempo. Mas o senhor Mendes tem sempre a sua resposta, e repete que há 24 anos foi o único comerciante daquela rua, que na cidade só existiam duas lojas do seu ramo e a sua já foi a melhor da especialidade, e, continuando, afirma estar velho, os filhos que fossem o resto, porque muito já ele fez. No entanto, o senhor David, o senhor Alberto e mais quatro ou cinco dão-lhe razão, e dizem que não vale a pe-

na fazer «espampanantes», porque tudo isso é só luxo e para dar nas vistas.

O senhor Mendes tem, assim, os clientes de estimação que o acompanham quase desde o princípio da sua actividade, que constituem a maioria, até porque já estão habituados às reduzidas dimensões do estabelecimento e aos papéis de reclamares, estes grandes, colocados nas paredes para encobrirem as rugas feitas também (como nas pessoas) pelo tempo, que, como ele diz, tudo destrói e a quem ninguém pode opor resistência; à noite lá está, também, o seu velho reclame, já incomunicável e iluminado pelo do lado, portanto mais novo, só tem 14 anos, mais novo, também, que a máquina de escrever, colocada no balcão do lado onde o vidro não está seguro pela régua e encoberto pelo papel, o telhado poucas vezes metralha, até porque ninguém sabe muito bem escrever nele, o senhor Mendes nunca ligou muito àquela coisa, a filha, que é costureira, também nunca se dedicou muito a ela, a não ser o filho (Luís), que parece ser o único capaz de se lá entender; no entanto, o pai gosta pouco das ideias dele, desde o dia em que lhe pediu uma fita para a máquina ao fim de um ano de uso, também lhe recomendou a compra de uma nova e que vendesse aquela; o senhor Mendes foi assim ofendido, e disse-lhe com a sua ferocidade habitual que não ia dar

o seu suor para máquinas, e para castigo fez escrever-lhe as cartas à mão durante dois meses.

Note-se, assim, que, para lá de todas estas úteis-reliquias, é a carrinha que mais se aproxima dos nossos dias, é mista, pois diz o senhor Mendes que serve para os serviços da loja e para transportar a família, agora o assento de trás encontra-se estragado, e os dois irmãos já têm que caminhar incômodamente no relevo das rodas, enquanto que na frente a D. Susana e o marido caminham rapidamente.

Entretanto, há um ano e meio que o senhor Mendes pensa na aquisição de um novo carro, mas quer 15 contos pelo velho; o filho anda revoltado (a filha nunca ligou muito a estas coisas) de o pai estar interessado numa «mini 850», e continua a repetir-lhe que aquela não serve para o seu serviço; mas, como é habitual, o senhor Mendes repete que o dinheiro não nasce, mas sim que tem de ser ganho, ao contrário do filho, que nem sequer um prego ainda lhe deu; desde pequeno que começou a trabalhar, passou muitas dificuldades, subiu na vida pelo seu próprio pulso, sem a ajuda de ninguém, e que tem hoje aquela posição à custa de muitos sacrifícios, e, como não quer passar novamente por tudo aquilo, tem que juntar algum para a velhice, mas para isso é preciso sabê-lo poupar; en-

tretanto, o filho insiste que nada há a temer, até porque tem a loja e já possui bastante dinheiro no Banco; e foi aqui que o senhor Mendes afinou, primeiro porque (segundo diz) só tem o indispensável para o negócio, depois porque quando morrer cá fica a parte dele; mas o Luís persiste e faz-lhe ver que o dinheiro não está em nome deles, e, portanto, terá de receber menos; e, já um tanto aborrecido com a conversa, o senhor Mendes despeja-lhe dois pares de sapatos nas ventas, e pronto, acabou-se tudo.

Não só o filho dispensa o pai, também os empregados gostam de o ver à distância; quando entra na loja, logo todos começam a mexer nas chaves de parafusos, nos alicates, e a empregar de balcão refugia-se no trapo do pó. O senhor Mendes, no entanto, percebe o truque, não diz nada, mas tem que o aturar o dia inteiro, em compensação, vê-se rodeado de amabilidade, pensa, assim, que a tática é boa para manter o respeitinho que deve haver numa casa de trabalho.

O senhor Mendes é, pois, tudo isto e muito mais, a sua história é longa, e não se conta de uma só vez; e aqui só para nós, em ar de confidência, há até quem diga que ele não tem precisão de andar como anda, pois possui muito dinheiro nos Bancos, e até em sítios onde nem todos o têm, parece estranho, mas ele lá sabe porque.